

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GESTÃO EDUCACIONAL
NÍVEL MESTRADO**

MAYLON ADAME DA MOTTA

**A CRIATIVIDADE NOS COLÉGIOS JESUÍTAS DO BRASIL: UMA ANÁLISE DE
PROCESSOS DESAFIADORES PARA O COLÉGIO ANCHIETA – NOVA
FRIBURGO/RJ**

Porto Alegre

2018

MAYLON ADAME DA MOTTA

**A CRIATIVIDADE NOS COLÉGIOS JESUÍTAS DO BRASIL: UMA ANÁLISE DE
PROCESSOS DESAFIADORES PARA O COLÉGIO ANCHIETA – NOVA
FRIBURGO/RJ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Educacional, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Daianny Madalena Costa

Porto Alegre

2018

M921c

Motta, Maylon Adame da.

A criatividade nos colégios jesuítas do Brasil : uma análise de processos desafiadores para o Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ / por Maylon Adame da Motta. – 2018.

116 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional, Porto Alegre, RS, 2018.

“Orientadora: Dra. Daianny Madalena Costa”.

1. Aprendizagem. 2. Criatividade. 3. Inovação.
4. Conhecimento. I. Título.

CDU: 371

MAYLON ADAME DA MOTTA

**A CRIATIVIDADE NOS COLÉGIOS JESUÍTAS DO BRASIL: UMA ANÁLISE DE
PROCESSOS DESAFIADORES PARA O COLÉGIO ANCHIETA – NOVA
FRIBURGO/RJ**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Educacional, pelo Programa de Pós-Graduação em Gestão Educacional da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Aprovado em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Daianny Madalena Costa – UNISINOS (Orientadora)

Prof. Dra. Rosangela Fritsch – UNISINOS

Prof. Dra. Ana Maria Bastos Loureiro – Rede Jesuíta de Educação

Aos meus pais. A Gabriela, com quem amo partilhar a vida. A Maria, que nasceu junto com esta pesquisa e é razão do meu acreditar e fazer Educação. Obrigado pelo carinho, paciência e por fazer a vida valer cada vez mais.

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos por DEUS, já que Ele colocou pessoas tão especiais a meu lado e sem as quais, certamente, eu não teria dado conta!

Ao meu eterno amor, minha esposa Gabriela, por me fazer muito feliz, me incentivando e compartilhando suas ideias e sonhos comigo. Obrigado pela paciência, pela presença e pelo imenso amor dedicados a mim.

A minha orientadora, Professora Daianny Madalena Costa, que, com seu carinho e jeito doce, foi presença constante e incentivadora, estando ao meu lado e me motivando, quando as forças pareciam faltar. Tantas vezes que nos reunimos e, embora em algumas eu chegasse desestimulado, bastavam alguns minutos de conversa e umas poucas palavras de incentivo, e lá estava eu, com o mesmo ânimo do primeiro dia de aula. Obrigado por acreditar em mim.

A minha mãe e a meu pai, deixo um agradecimento especial por todas as lições de amor, companheirismo, amizade, caridade, dedicação, abnegação, compreensão e perdão que me dão a cada novo dia. Sinto-me orgulhoso e privilegiado por ter pais tão especiais.

Às professoras Dra. Rosangela Fritsch e Dra. Ana Maria Bastos Loureiro, membros da Banca Examinadora, pelos conselhos, orientações, sugestões e interesse em contribuir para o desenvolvimento deste projeto.

A Gisele e a Ana Lúcia, amigas e irmãs!!! Obrigado por me incentivarem e dividirem comigo a intensidade deste tempo, alegrias e angústias. Deus, em sua infinita bondade, me presenteou com mais duas irmãs!!

A Carlos Eduardo: sua presença e incentivo foram fundamentais para esta conquista. Sou grato por ouvir e ser nosso transporte neste tempo de superação.

À professora Alverita Cereja de Freitas, minha eterna professora, ensinando-me a calma e a coragem. “Calma, Maylon!”

A toda comunidade educativa do Colégio Anchieta, meus companheiros do dia a dia, por tudo que me permitiram ver, ouvir e sentir.

Aos meus alunos e antigos alunos, razão do meu trabalho e da minha dedicação em ser e fazer cada dia melhor. Vocês me ensinam a caminhar com esperança e determinação na construção de uma sociedade cada vez mais justa, fraterna e solidária.

Aos professores e amigos Ana Lidia Herdy Borges, Suzane Erthal e Geraldo Pires Ramos, pelas leituras e revisões.

À Rede Jesuíta de Educação, por ter investido no meu desenvolvimento pessoal e profissional, possibilitando a realização de um sonho.

Ao Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ, um dos meus grandes amores, um agradecimento especial. Casa que foi elemento fundamental em minha formação escolar, enquanto antigo aluno, e que em muito influencia na pessoa que sou hoje, sendo mote e inspiração de minha vida profissional, com seus valores e modo de fazer educação.

“O hoje exige de nós o máximo, não para sermos mais que os outros, mas
simplesmente para servir melhor”

Padre Pedro Arrupe

RESUMO

Este estudo realizado no Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ – procurou investigar e conhecer as práticas desenvolvidas nas diversas áreas do conhecimento, evidenciando o uso da criatividade e os potenciais criativos. O estudo se desenvolveu a partir de entrevistas, instrumento de pesquisa escolhido juntamente com a observação participante, com professores/coordenadores e observação de práticas cotidianas, o que proporcionou uma análise mais detalhada e cuidadosa. O Colégio Anchieta é uma instituição mais que centenária. Apesar disto, percebemos que a realização de muitas práticas e ações criativas e inovadoras, por vezes, acontecem de maneira involuntária. Este Colégio buscou resgatar os sentidos e entendimentos da criatividade e as percepções de como este elemento é utilizado, as inovações e criações próprias do trabalho docente e as possibilidades de potencializar o uso da criatividade no trabalho desenvolvido. Como nos inspira o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, não há mais como reproduzir um modo de educação tradicional, focado no ensino e no professor. Há a necessidade de novas práticas para a transformação da escola em um centro de aprendizagem, onde a construção do conhecimento acontece de maneira coletiva e em processo. Para tanto, a criatividade é uma exigência nesta possibilidade de inovar, de fazer mais e diferente. Perceber como, a partir do uso adequado de métodos criativos e inovadores, podemos favorecer um encontro mais profundo e significativo com o conhecimento e a construção de uma sociedade mais justa, fraterna e solidária. A escola, ambiente rico em vivências e partilha de experiências, pode desenvolver estratégias para que, desde a infância, o aluno descubra e desenvolva seu potencial humano, aprenda a cuidar da vida e a celebrar os momentos vividos nas dimensões pessoal e coletiva, com criatividade e propostas inovadoras. Os resultados permitem uma investigação do uso da criatividade no contexto escolar, como componente integrante do ser humano, com necessidade de potencialidades e de fazer diferente. A leitura dos discursos, das práticas e das percepções dos professores mostra a criatividade como elemento essencial ao trabalho do professor diante das necessidades de muitas aprendizagens esperadas e da construção de um sujeito pleno na perspectiva de educação integral.

Palavras-chave: Aprendizagem. Criatividade. Inovação. Conhecimento.

ABSTRACT

This study was carried out at “Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ”, and aimed to investigate and learn about the developed practices in different areas of knowledge, highlighting the use of creativity and creative potentials. The study was developed based on interviews and participant observations, chosen research instrument, with teachers / coordinators and everyday practice observation, which enabled a more detailed and careful analysis. Colégio Anchieta is more than a historical school. Nevertheless, we notice that the practice of innovative and creative actions sometimes happen in an involuntary way. It sought to rescue the senses and understanding of creativity and the perceptions of how this element is used, the innovations and creations that are part of the teaching work and the possibilities of optimizing the use of creativity in the work developed by the school. Inspired by the Common Educational Project of the Jesuit Schools Network, it is no longer possible to reproduce a traditional way of education, focused on teaching and the teacher. There is a need for new practices so as to change the school into a learning center, where the construction of knowledge occurs in a collective and non-stop process. For this reason, creativity is a requirement in this possibility to innovate, to do more and differently. Noticing how through the proper use of creative and innovative methods, we can foster a deeper and more meaningful encounter with knowledge and the construction of a more just, fraternal and cooperative society. The school, a rich environment in sharing experiences, can develop strategies so that, since childhood, the student discovers and develops his human potential, learns how to take care of life and how to celebrate moments that are lived in both personal and collective dimensions, with creativity and innovative proposals. The results allow an investigation of creativity in a school context, as an integrated component of the human being, with potentiality needs and desire to do differently. The reading of teachers' discourses, practices and perceptions show creativity as an essential element to the teacher's work considering the need for the expected learning and the construction of a complete individual in the perspective of integral education.

Keywords: Learning. Creativity. Innovation. Knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Metodologia Tradicional	92
Figura 2 – Metodologia Tradicional/Tecnologia.....	92

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Vista aérea do Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ	23
Fotografia 2 – Fachada do Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ	23
Fotografia 3 – Espaço Turno Integral	102
Fotografia 4 – Atividade desenvolvida no Turno Integral	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Temáticas não relacionadas com a pesquisa	25
Gráfico 2 – Formação por área de atuação.....	70
Gráfico 3 – Tempo de atuação no Magistério.....	70
Gráfico 4 – Tempo de atuação no Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ	70

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultados do descritor: “Criatividade e Gestão e criatividade.”	25
Quadro 2 – Perfil dos professores/coordenadores entrevistados.....	71

LISTA DE SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBCT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
NF	Nova Friburgo
PEC	Projeto Educativo Comum
RJ	Rio de Janeiro
RJE	Rede Jesuíta de Educação
Scielo	Scientific Electronic Library Online
SESI	Serviço Social da Indústria
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
1.1 TRAJETÓRIA DE VIDA E RELAÇÕES COM A PESQUISA PROPOSTA	19
1.2 DELINEANDO UM FOCO DE ESTUDO	21
1.2.1 OBJETIVOS	21
Objetivo geral	21
Objetivos Específicos.....	22
1.3 CAMPO EMPÍRICO	22
2 REVISÃO DE LITERATURA	24
3 A CRIATIVIDADE COMO ELEMENTO IMPULSIONADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	30
3.1 DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE	30
3.2 CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES RELEVANTES	37
3.3 DOCÊNCIA, CRIATIVIDADE E RUPTURA EPISTEMOLÓGICA	42
3.4 A CRIATIVIDADE EM EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS	44
4 A PEDAGOGIA INACIANA, O PROJETO EDUCATIVO COMUM E A CRIATIVIDADE	50
5 METODOLOGIA DE PESQUISA	62
5.1 Técnicas de produção de dados	62
5.1.1 Observação Participante	63
5.1.2 Entrevista Semiestruturada	64
5.1.3 Análise Documental.....	65
5.2 Análise de dados	65
5.3 Comitê de Ética em Pesquisa	66
6. LEITURAS SOBRE A CRIATIVIDADE E PRÁTICAS NO COLÉGIO ANCHIETA – NOVA FRIBURGO/RJ	68
6.1 Os sujeitos da pesquisa e sua relação com a criatividade	69
6.1.1 Perfil dos professores/coordenadores que participaram da pesquisa	69
6.1.2 A criatividade no fazer dos sujeitos da pesquisa.....	72
6.1.3 A criatividade e trabalho dos companheiros docentes	74
6.2 Entendendo o que é criatividade e suas nuances no Colégio Anchieta	76
6.2.1 A Criatividade e o Contexto Escolar	78
6.2.3 Memórias... vivências e a reprodução no fazer do professor.	80

6.2.4 Crescimento e desenvolvimento criativo, uma questão etária?.....	81
6.3 A criatividade e o fazer docente.....	83
6.3.1 Criatividade : Facilidades e dificuldades no trabalho pedagógico	84
6.4 Currículos, conteúdos, metodologias e criatividade	86
6.4.1 Poucos recursos e grandes realizações.....	90
6.4.2 Tecnologias Digitais: Recurso de Inovação e Metodologias	91
6.4.3 As vantagens de um projeto criativo	94
6.4.4 As percepções da criatividade no trabalho desenvolvido do Colégio Anchieta	98
6.5 Proposta de Intervenção: uma releitura para o Colégio Anchieta – Nova	
Friburgo/RJ.....	103
REFERÊNCIAS.....	112
APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCOLARECIDO.....	116
APÊNDICE 2 – CARTA DE ANUÊNCIA.....	118

1 INTRODUÇÃO

A criatividade já foi objeto de muitas pesquisas, sendo que a grande maioria na tentativa de conceituar esse termo complexo, mas de relevante sentido e contribuição para o desenvolvimento humano. A história da criatividade remonta ao início da evolução, em que os seres humanos “criavam” visando a suprir suas necessidades e transmitindo as descobertas a seus descendentes, portanto pode-se afirmar que a capacidade de criação é inerente ao ser humano.

A evolução dos estudos e pesquisas na área da criatividade vem superando a série de mitos que existem em relação às características do indivíduo criativo e sobre a maneira como surge o produto criado. Educar para a criatividade requer que se explorem as potencialidades em todas as áreas, fazendo parte da solução de problemas afetivos, interpessoais, situações sociais e políticas, econômicas e religiosas, não existindo, desta forma, uma área específica que seja responsável pelo desenvolvimento criativo, porque em todas as circunstâncias da vida manifestamos a criatividade.

Baseado nesta temática é que o presente trabalho de pesquisa dedicou-se a perceber o quanto a criatividade pode beneficiar o processo educativo, permitindo ao professor liberdade para divergir, para ser diferente, para criar algo que não esteja muito de acordo com o padrão, encorajando o estudante a fazer isso sempre que a oportunidade se oferecer; produzindo uma consciência verdadeira e formação crítica, capaz de instrumentalizar os alunos não só para apreender os conteúdos escolares básicos, mas também para perceber e entender a dimensão social e política, tal como a contradição própria da educação.

A preocupação com esta temática surgiu da observação de nossas práticas pedagógicas nos colégios em que trabalho, percebendo as muitas dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos. Essa inquietação vem de muito tempo.

Quando a Rede Jesuíta de Educação convidou alguns professores das diferentes escolas no Brasil para um Seminário visando a construção do Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação, nos foi dada a tarefa de pensar em uma escola dos sonhos, onde a aprendizagem e as relações humanas fossem respeitadas. Pronto! Aí estava a resposta que estávamos procurando: precisamos pensar em inovação e criatividade para fazer diferente. Não que o que vinha sendo

feito estava errado ou fosse ruim, mas as necessidades para a educação neste tempo são outras e exigem novos esforços.

Lugares de transformação evangélica da sociedade e da cultura, por meio da formação de homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos (Art. 5º do Estatuto da RJE, 2014)

A partir deste contexto, quando ingressei no curso de Mestrado, também oportunizado pela Rede Jesuíta de Educação, decidi por explorar e pesquisar sobre as contribuições da criatividade do ser docente dentro do processo educativo. O Colégio Anchieta apresenta excelentes resultados nesta área há anos, o que revela a preocupação constante com a excelência acadêmica e humana.

Logo que iniciei o Mestrado, fui explicar aos meus alunos o objetivo da minha pesquisa e quais caminhos percorreria. Expliquei o convite que o PEC nos faz sobre a construção da escola como um centro de aprendizagem e não mais o foco exclusivamente no ensino. Um dos alunos me perguntou: Mas, Maylon, qual a diferença? Esta pergunta martelou no peito e martela até hoje. O trabalho foi desenvolvido pelo contato direto e observação do processo educativo, percebendo seus agentes e atores principais, utilizando, assim, os resultados dos diversos instrumentos de pesquisa, como entrevistas e observação participante pelos espaços e atividades da escola.

Ser professor nesta unidade escolar me proporcionou uma leitura muito interessante e detalhada das práticas. O local da pesquisa escolhido foi o Colégio Anchieta, no município de Nova Friburgo – RJ. A escola localiza-se no centro da cidade, tendo esta nascido nas terras onde hoje se localiza o colégio.

Os estudos foram direcionados a fim de perceber como a criatividade pode colaborar e facilitar a interação e o envolvimento da comunidade educativa, fazendo com que o processo de aprendizagem aconteça, bem como pensar e refletir sobre as muitas práticas desenvolvidas. Percebi na pesquisa que há diferentes modos de atuação, metodologias diferentes, práticas diversas. Há o uso da criatividade por alguns professores, contudo muitas dessas práticas criativas acontecem de forma intuitiva e não direcionada ao fazer criativo. Há, ainda, muitas práticas onde se tem realizado o processo educativo repetitivo, autoritário e sem estímulo aos alunos na construção do conhecimento. Nisto está a tarefa de colaboração e entrega ao colégio.

O rumo de mudança que ora iniciamos orienta-se pelo PEC, fruto de consulta ampla e coletiva entre os colégios e escolas jesuítas do Brasil. Para tal fim, recolhemos anseios, sonhos, desejos e disposição por ressignificar nossa proposta educativa. (PEC, 2016, p.13)

Os colégios jesuítas no Brasil buscam direcionar a discussão sobre a formação cultural para o campo da educação, o que pressupõe refletir sobre as práticas educativas, sobre o modo como a educação se configura na atualidade, ao mediar a relação dos alunos com a realidade. Neste sentido, o trabalho dialogou a realidade e os meios teóricos, visando a perceber a criatividade como uma fonte inesgotável de melhoria da qualidade do ensino nesta comunidade educativa, bem como ser um instrumento de transformação. É neste contexto que a criatividade pode se configurar como importante elemento formativo, fazendo-se necessário perceber o modo como os processos criativos estão presentes na escola e ganham forma nas práticas educativas, possibilitando uma transformação real dos processos de aprendizagem.

Muitos estudiosos oportunizaram o diálogo e fundamentações dos estudos, tais como Paulo Freire, num processo de transformação social através da educação, Vera Maria Candau, Perrenoud, Rubem Alves, Anísio Teixeira e tantos outros que direcionaram nosso pensamento na construção do conhecimento no século XXI, como Edgar Morin, e perceber a sutileza e a sensibilização, liberando a criatividade para criar novos espaços de diálogo no processo educativo e na transformação da sociedade, como nos aponta Ostrower e Kneller.

É próprio da Companhia de Jesus responder aos desafios de cada tempo e de forma crítica, consciente e efetiva, empreendendo caminhos com coragem para inovar e renovar. (PEC, 2016, p.14)

Baseado nesta temática, a presente pesquisa teve como foco um estudo da criatividade como elemento impulsionador do processo educativo e da aprendizagem. Trata-se de estudar a importância da criatividade como um motor que movimenta a evolução do ser humano, permitindo transformar a realidade e melhorá-la, uma vez que passará pela reflexão das práticas educativas existentes de modo a utilizar da criatividade na formação de crianças e jovens, o desenvolvimento das habilidades e atitudes criativas.

O rumo de mudança que ora iniciamos orienta-se pelo Projeto Educativo Comum (PEC), fruto de consulta ampla e de construção coletiva entre os

Colégios e escolas Jesuítas do Brasil. Para tal fim, recolhemos anseios, sonhos, desejos e disposição por ressignificar a nossa proposta educativa. (PEC, 2016, p.13)

Assim, ao longo desse trabalho de pesquisa, o foco da investigação foi diretamente ligado ao seguinte problema: como a criatividade pode colaborar na melhoria da qualidade do processo de aprendizagem e das práticas pedagógicas e responder às necessidades urgentes do tempo atual, frente aos desafios para a educação jesuíta no Brasil, e, conseqüentemente, no Colégio Anchieta.

Dessa maneira, ao longo do trabalho, a pesquisa irá confirmar ou não as seguintes hipóteses: a) o processo educativo vigente na escola contempla a ação criadora; b) novas formas criativas podem colaborar com a melhoria da qualidade da aprendizagem; d) processos criativos e inovadores atendem mais as necessidades dos alunos e os estimula a participarem mais e com mais qualidade; f) é importante uma educação humanista e humanizadora. Problematisa-se: como é possível a mudança dos modelos autoritário, conteudista, tradicionalista e transmissor de conteúdo apenas para o modelo criador e de construção coletiva da aprendizagem e do conhecimento pela criatividade?.

Os estudos realizados proporcionaram o embasamento da pesquisa e a formulação de hipóteses e possíveis soluções com a percepção de uma proposta de criação, liberação da criatividade, tendo esta como um elemento no processo educativo.

1.1 TRAJETÓRIA DE VIDA E RELAÇÕES COM A PESQUISA PROPOSTA

A motivação parece um dos fatores mais importantes na vida de qualquer pessoa. Nesta caminhada de apresentação, pego-me refletindo sobre a motivação para cursar o presente Mestrado e pela escolha do tema para a pesquisa.

A intensidade sempre fez parte da minha vida, portanto minha trajetória de formação não poderia ser diferente. Venho de uma família de professores, e a Educação sempre foi uma tônica em minha vida. Meus pais buscaram oferecer a mim e a minha irmã a melhor formação que puderam. Estudei em escolas públicas até o fim do Ensino Fundamental. Com bolsa de estudos, fui cursar o Ensino Médio no Colégio Anchieta-NF. Nele, tive contato com uma outra realidade que me

oportunizou um crescimento na integralidade de formação, o que, infelizmente, não tivera, até então, em minha formação.

No Colégio Anchieta, passei a perceber as inúmeras possibilidades do que eu poderia ser. Investiram em mim e acreditaram que seria possível. À medida que o tempo passava, me identificava com este jeito de ser e de fazer Educação.

Como antigo aluno, as práticas e vivências desta unidade escolar e o carisma Inaciano me encantaram para o exercício do magistério. Despertei para a possibilidade de colocar tudo o que sou e tenho a serviço dos outros.

Sou graduado em Pedagogia – Licenciatura Plena, através da UERJ, bacharel em Teologia (Instituto Bennett) e em Direito, pela Universidade Cândido Mendes, e Licenciado em Filosofia. Como professor, trabalho em escolas da rede privada e pública em Nova Friburgo, atuando com turmas de Ensino Fundamental e Médio. Atuo, também, como gestor de uma unidade escolar da Rede Municipal de Educação, que atende cerca de 800 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e da I a IX Fases da EJA. Essa experiência me possibilita compreender a importância de uma prática educativa comprometida com a transformação social, quando tento oportunizar para a escola pública o mesmo trabalho que desenvolvemos na escola privada. Sou muito feliz por estas terem sido minhas duas casas de formação.

Atuando como professor e gestor, percebo que faz-se necessário, cada vez mais, articular a teoria com a prática. Contudo, esta prática não pode ser realizada de qualquer maneira. A inserção da inventividade na dinâmica escolar pode desempenhar importante papel na relação dos alunos com o conhecimento, possibilitando a resignificação do saber como meio de desvelar e tornar mais atrativa a relação com o mundo e com as coisas.

O curso de Mestrado oferecido pela RJE, em convênio com a UNISINOS, tem sido uma oportunidade de pensar e refletir sobre as diferentes possibilidades e práticas para a transformação da realidade da escola. A aquisição de novos conhecimentos, colocando a serviço tudo o que de bom recebi em meu processo de formação, qualificará meu trabalho, o de meus colegas e, em consequência, a RJE. Quero retribuir, assim, o muito de conhecimento que adquiri em meu processo de formação, colocando-me no caminho de mais aprendizagens.

Há tempos a questão das práticas em sala de aula, a busca por ser mais e fazer mais e melhor, o redimensionamento a que somos convidados a experimentar

estão entre os meus interesses, me incitam a curiosidade e me estimulam a pesquisar e aprofundar o tema.

Em uma tarde de formação no Colégio Anchieta, Nova Friburgo-RJ, há um tempo atrás, recebemos o professor Celso Antunes, que disse algo instigador e motivador. Ele disse que temos uma escola com características do século XIX, professores do século XX e alunos do século XXI. E como fazer a diferença? Como ousar e inovar? Daí a oportunidade de diálogo e de vivenciar as possibilidades de inovação e o uso da criatividade como elemento impulsionador dos processos de ensino e de aprendizagem, promovendo e animando novas práticas.

1.2 DELINEANDO UM FOCO DE ESTUDO

A criatividade é o foco deste trabalho de pesquisa, quando investiga as muitas e variadas práticas desenvolvidas no Colégio Anchieta. Após longo período de estudo teórico, observações, análises e relações com o campo de pesquisa, procurei investigar o elemento criatividade no contexto escolar, suas características e potenciais de desenvolvimento. A criatividade deve ser entendida como um instrumento possível e importante na inovação e no fazer diferente. Não há como realizar práticas de aprendizagem e potencialização das mesmas sem o uso de ferramentas que liberem as ideias, os pensamentos e possíveis criação e fazer criativo. Permite aos sujeitos do processo de aprendizagem liberdade para divergir, para ser diferente, para criar algo que não esteja muito de acordo com o padrão, encorajando o educando a fazer isso sempre que a oportunidade se oferecer, fugindo do processo educativo repetitivo, magistral e sem estímulos aos alunos na construção coletiva do conhecimento. Inovar é preciso e desejoso!

1.2.1 OBJETIVOS

Objetivo geral

Identificar e analisar a orientação e o fazer pedagógicos, diante da perspectiva de mudança oportunizadas e pensadas para a Educação Jesuíta no Brasil, tendo a criatividade como elemento impulsionador.

Objetivos Específicos.

- a) Conhecer o modo de atuação dos professores/coordenadores, com ênfase na utilização da criatividade e suas técnicas, visando a inovação do grupo de colaboradores que atuam no Colégio Anchieta, Nova Friburgo – RJ;
- b) Identificar as formas de atuação e as necessidades dos professores, para que possam aperfeiçoar sua prática educativa;
- c) Construir e implementar estratégias de formação e prática da criatividade diante do desafio de formação de um centro focado na aprendizagem;
- d) Estabelecer pressupostos teórico-metodológicos que sustentem práticas de orientação, gestão e fazer pedagógicos criativos e focados na aprendizagem, a partir de uma perspectiva de construção coletiva e comunitária.

1.3 CAMPO EMPÍRICO

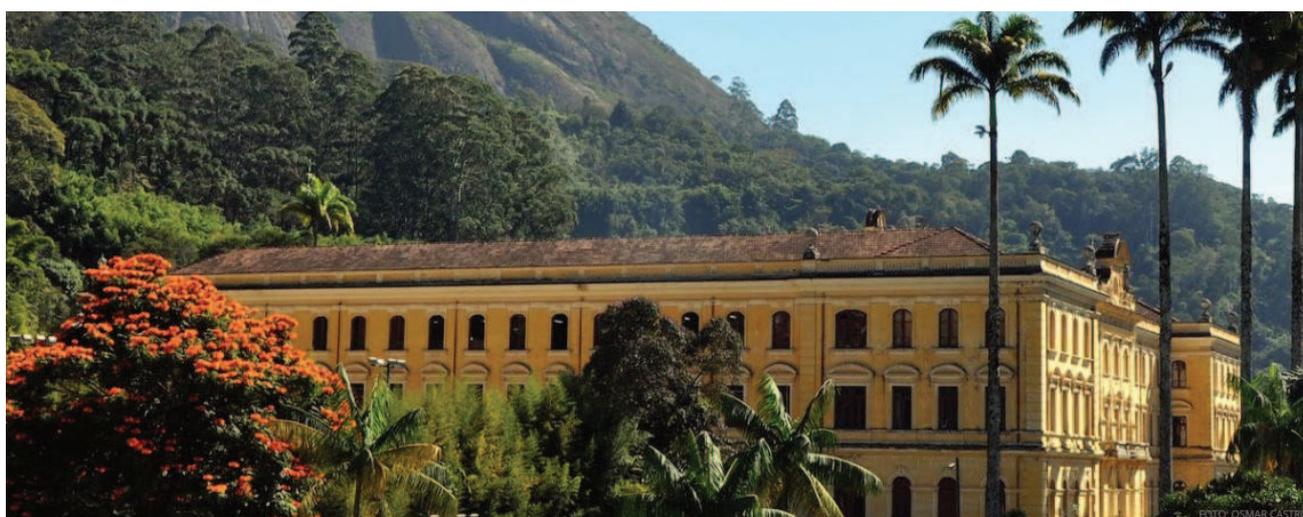
O Colégio Anchieta é uma Instituição católica integrada à rede de colégios da Companhia de Jesus, fundada no ano de 1886, na cidade de Nova Friburgo, interior do Rio de Janeiro. Tem, como seu principal objetivo, cuidar da formação integral dos jovens, promovendo a realização da proposta Inaciana de educação, através da convivência comunitária e a formação à luz da fé cristã. Há a urgência para os gestores e colaboradores em responder, com criatividade e inovação, aos novos desafios para a consecução dos fins propostos para a Educação em um Colégio Jesuíta: a excelência acadêmica e humana; o crescimento global da pessoa; o homem/mulher para os demais: equilibrado, competente, aberto ao crescimento solidário, comprometido com a justiça; formação total da pessoa.

A Rede Jesuíta de Educação vem passando pela constituição, inspiração, orientação e revitalização do trabalho Apostólico na área de Educação Básica no Brasil. Um caminho de renovação, capaz de responder com responsabilidade, inovação e fidelidade aos desafios educativos hodiernos, faz-se necessário diante

do cenário complexo em que vivemos, por isso a pesquisa pretende uma análise da criatividade da gestão para a inovação diante dos novos rumos na Educação Básica da Companhia de Jesus no Brasil.



Fotografia 1 – Vista aérea do Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ



Fotografia 2 – Fachada do Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ

¹ Fonte: Site do Colégio Anchieta – www.colegioanchieta.org.br

² Fonte: Site do Colégio Anchieta – www.colegioanchieta.org.br

2 REVISÃO DE LITERATURA

Ao desenvolver uma pesquisa, é importante conhecer os esforços anteriormente empreendidos na temática a ser pesquisada, ou seja, quais trabalhos já foram produzidos e a que resultados chegaram, com vistas a estabelecer um diálogo com minha pesquisa, refinando-a e qualificando-a.

Neste capítulo, buscamos dialogar com as pesquisas já realizadas no âmbito da criatividade. Percebemos que há muito da criatividade e da valorização de seu uso nas mais diferentes áreas do conhecimento. As buscas foram detalhadas, procurando perceber as afinidades com a Educação. Apesar de ser uma demanda neste campo, pouco se tem pesquisado, especificamente, na Educação sobre o uso da criatividade.

Os trabalhos explorados permitiram reflexões sobre os âmbitos de atuação e a necessidade da investigação proposta.

O levantamento de produções acadêmicas realizado até o momento, toma por base os últimos cinco anos – período de 2012 a 2017, em que as bases de dados indicaram um significativo número de produções sobre o tema. Contudo, cumpre ressaltar que a grande maioria das pesquisas não está ligada diretamente à área educacional.

Utilizamos o descritor: “criatividade gestão e criatividade”. O mapeamento realizado oportuniza um diálogo ampliado da temática, no que se percebe que a temática tem pouca pesquisa na área da Educação.

Os bancos de dados escolhidos para a revisão de literatura foram:

- a) Plataforma da CAPES
- b) BDTD do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- c) Plataforma Scielo (artigos e periódicos)

O estudo e consulta a estas bases de dados oportunizaram um diálogo das pesquisas com confiabilidade no que está sendo trabalhado nesta temática. Percebi que há poucas pesquisas no campo da educação formal, o que vai ao encontro com o que acredito ser uma das estruturas de menor atuação na área de inovação e uso da criatividade.

Dessa maneira, apresento as buscas no descritor selecionado, obtendo os resultados mostrados no quadro abaixo:

Banco de dados	Quantidade	Tem relevância com o estudo proposto	Observações
Scielo	14 artigos	2 artigos	Em nenhum artigo verificou-se a utilização exata da expressão “gestão e criatividade”
IBICT	14 dissertações e 03 teses	1 dissertação e 1 tese	Em nenhuma dissertação ou tese verificou-se a utilização exata da expressão “gestão e criatividade”
CAPES	1 artigo	Nenhum resultado	3

Quadro 1 – Resultados do descritor: “Criatividade e Gestão e criatividade.”

Percebe-se que, apesar de ter um número considerável de pesquisas relativas à criatividade e gestão, muito pouco tem sido na área da Educação.

Segue um quadro com levantamento das temáticas não relacionadas com a pesquisa na área da educação, mas que trabalham em torno da temática da gestão e criatividade:

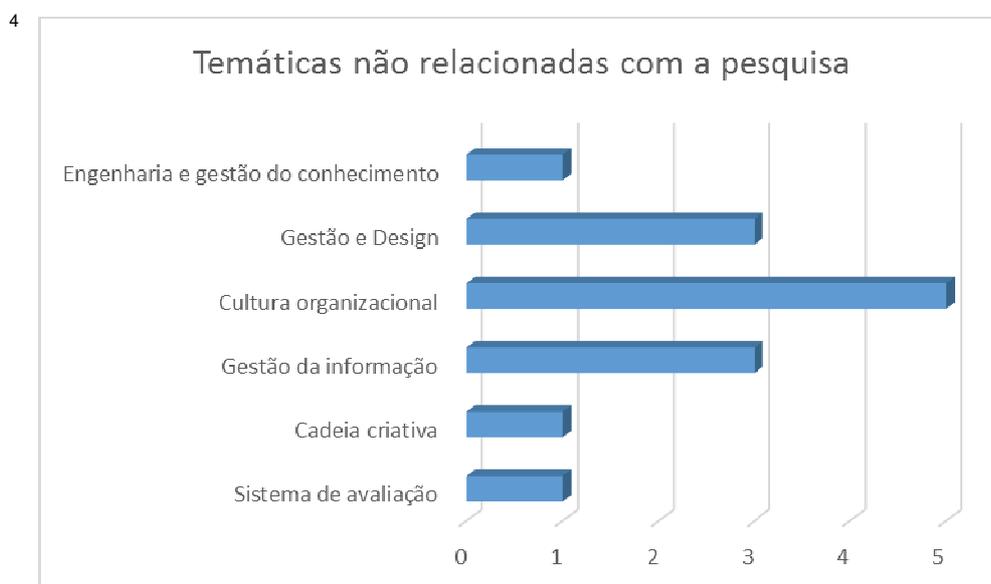


Gráfico 1 – Temáticas não relacionadas com a pesquisa

³ Fonte: Quadro elaborado pelo autor.

⁴ Fonte: Gráfico elaborado pelo autor.

A seleção dos artigos, teses e dissertações foi realizada a partir da leitura e análise dos resumos e fundamentações teóricas presentes nos trabalhos.

Um trabalho de autoria de Telmo José Souto-Maior (2014, IBCT) não está relacionado diretamente à temática, mas chamou atenção pela leitura da criatividade em grupos criativos e organizações, com foco nas seleções brasileiras masculinas de futebol, nas copas do mundo de 1966 e 1970. Essa dissertação trata da busca de elementos sobre a atuação das equipes, com vistas a um melhor desempenho e melhores resultados econômicos, que podem ser disseminados não só nas organizações, como também servir de referência para outros grupos que pretendam ser criativos. No estudo, são abordados diversos conceitos, tais como emoção, pensamento divergente, criatividade, grupos criativos, ambiente/clima de trabalho, liderança, organização, planejamento e esquema de jogo. Estes pressupostos podem servir de parâmetro para uma leitura na área da Educação, na formação continuada de equipes e habilidades práticas para o modo do fazer educativo.

A gestão da criatividade requer novas práticas e novos valores. Há a necessidade de formação de pessoas na inovação e na construção criativa de novos saberes e fazeres.

Com a leitura dos resumos dos trabalhos, mesmo com a diversidade de campos que trabalham a Educação, pode-se perceber que as organizações, na atual era do conhecimento, estão inseridas em um mercado altamente competitivo. Dessa forma, os colaboradores, capital intelectual organizacional, necessitam ser incentivados, na sua singularidade, no que se refere ao desenvolvimento de seus talentos, ou seja, devem ter oportunidades de aflorar o potencial criativo em suas ações cotidianas. Porém existem fatores inibidores do potencial criativo que dificultam o processo criativo organizacional. Muitas vezes, o medo do fracasso aterroriza as pessoas, portanto pode ser considerado um dos maiores obstáculos ao sucesso criativo.

Outro artigo foi motivador, mesmo sem estar relacionado diretamente às escolas, mas é possível fazer uma leitura da possibilidade de inovação e criatividade dentro de instituições centenárias.

A dissertação de Roger Costa Pellizzoni (IBICT, 2015) traz um estudo do processo de inovação ocorrido em uma indústria centenária, fazendo referência a conceitos já estabelecidos nas áreas de inovação, gestão e “design”, a fim de analisá-lo e validá-lo, apresentando, ao final, uma visão geral da integração do

“design” e suas peculiaridades dentro da empresa objeto de estudo. As escolas jesuítas, muitas delas, são centenárias e apresentam estruturas rígidas e tradicionais. Com a leitura do resumo, pode-se perceber que há possibilidade sim de mudança e inovação, mesmo em instituições centenárias.

A expressão da criatividade na organização tem sido observada como um fator importante para as instituições que almejam a inovação. A dissertação de Marcio Cardoso Santos (IBICT, 2012) apresenta que as constantes mudanças no ambiente onde as organizações atuam têm exigido das pessoas, dentro das instituições, ações criativas, de modo a promoverem inovações organizacionais. Torna-se necessário que as organizações construam um ambiente que favoreça a expressão da criatividade das pessoas como meio de atingirem os resultados almejados. A cultura organizacional constituída pelos princípios, valores, crenças, constitui um elemento importante no processo de construção de um ambiente favorável à expressão da criatividade dentro das organizações.

O trabalho de Elenise Maria de Araujo, José Dutra de Oliveira Neto, Edson Cazarini e Selma Regina Martins Oliveira trabalha o foco da criatividade na Educação à distância. A gestão da inovação na Educação à distância (SciELO, 2013) traz uma reflexão sobre o processo de inovação no setor educacional, envolvendo uma série de componentes que são sistematizados e possibilitam um considerável lucro e valor para as instituições. Segundo a pesquisa, projetos de inovação com alto grau de flexibilidade e criatividade permitem a integração de saberes, a capacitação de equipes multidisciplinares e o uso racional de tecnologias de informação e comunicação para o compartilhamento igualitário do conhecimento

O trabalho que mais se aproxima da temática é o de Mariza Aparecida Santos da Silva, com a temática “Atividades do diretor escolar: a experiência de profissionais de um sistema escolar em cadeia criativa” (IBICT, 2016).

Este trabalho tem como objetivo investigar as atividades prescritas nas atribuições do diretor escolar nos documentos oficiais e as atividades declaradas por diretores de uma rede de ensino e, a partir dos resultados encontrados, elaborar uma proposta de formação na perspectiva colaborativa que ajude o diretor escolar em suas atividades na perspectiva da Cadeia Criativa. A pesquisadora escolheu investigar as atividades prescritas nos documentos oficiais do diretor escolar e as atividades declaradas por diretores escolares do sistema SESI/SP. O foco do trabalho ficou restrito ao papel do diretor escolar, o que foge do nosso foco de

pesquisa. Há demasiada atenção e dedicação ao trabalho de apenas um agente escolar. Nossa proposta é de ampliar e focar na gestão pedagógica em seus mais diversos agentes, tais como professores, coordenadores pedagógicos e de área/disciplina.

Somos convidados pelo PEC a experimentar que as escolas sejam centros de aprendizagem onde os jovens adquiram não apenas conhecimentos, mas que sejam cidadãos que saibam viver em sociedade e impactando a relação de seus indivíduos e o ambiente. A inserção da criatividade dialoga com todas as disciplinas, tendo um caráter transdisciplinar e compreendendo a concretização dos sonhos dos alunos e suas aspirações, preparando-os para a vida.

Nos estudos pesquisados, percebem-se as concepções de criatividade e importância atribuída a ela por gestores, colaboradores de diferentes áreas, bem como elementos inibidores e facilitadores à implementação de práticas para o desenvolvimento da criatividade e a possibilidade de promoção da criatividade em uma organização escolar. Considera-se importante a criatividade como facilitadora no processo de aprendizagem, potencializando a relação com a função social da escola.

Nas instituições educativas há, muitas vezes, o tolhimento e impedimento de inovação. A escola, diante de minha observação e prática, percebo ser uma instituição muito rígida e com pouca abertura de mudança. O modo de fazer, por vezes, se perpetua e impede que a inovação aconteça.

O PEC nos convida a experimentar o novo. Ele nos inspira para a mudança de nossas práticas na formação integral de homens e mulheres a serviço da fé, da promoção da justiça, do diálogo com os outros e do cuidado com o meio ambiente, formação humanista como um processo educativo integrador, na qual um estudante de um colégio jesuíta torna-se pessoa consciente, competente, compassiva e comprometida. Desta forma, a Educação deve ser plena de criatividade e inovação para que aconteça a integralidade da aprendizagem.

Assim, com a leitura dos artigos, percebemos que há a necessidade de propor uma abordagem para o processo de geração de ideias inovadoras, identificando técnicas de criatividade para a estimulação da criação do conhecimento dentro do processo de geração de ideias inovadoras. A aplicabilidade de elementos da criatividade contribui para uma melhor produção e resultados mais eficazes e eficientes. A criatividade resulta de uma complexa combinação de fatores

pessoais, históricos, sociais e culturais, que devem ser incorporados ao modo de fazer das organizações.

A inovação tem sido considerada como um elemento essencial para criar vantagens competitivas de longo prazo nas organizações. Porém estimular e apoiar esse processo ainda é um desafio criativo.

3 A CRIATIVIDADE COMO ELEMENTO IMPULSIONADOR DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

A criatividade já foi objeto de muitas pesquisas, todas na tentativa de conceituar esse termo complexo, mas de relevante sentido e contribuição para o desenvolvimento humano. A história da criatividade remonta ao início da evolução, em que os seres humanos “criavam” visando a suprir suas necessidades e transmitindo as descobertas a seus descendentes. Portanto pode-se afirmar que a capacidade de criação é inerente ao ser humano.

3.1 DEFINIÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA CRIATIVIDADE

A criatividade é um dos elementos essenciais para toda e qualquer inovação e mudanças de paradigmas. Há muitos estudos e pesquisas na área da criatividade, uma vez que ela circula por muitas áreas do conhecimento e traz a inovação e oportuniza a construção de novos saberes. Na pesquisa e revisão de literatura, pudemos perceber muitos trabalhos com esta temática nas mais diferentes áreas, tais como o trabalho de Miriam Torquato (IBICT, 2017), Roger Costa Pellizzoni (IBICT, 2013), Marcio Cardoso Santos (IBICT, 2012), Maria Aparecida Santos da Silva (IBICT, 2016), dentre outros. A proposta do trabalho que realizo é uma reflexão sobre as possibilidades do uso da criatividade para responder aos anseios, sonhos e desejos que o PEC nos convida a vivenciar nos colégios da Companhia de Jesus no Brasil. Educação integral passa por inovar, fazer mais e diferente e não mais do mesmo. Segundo Ostrower (1999), a dependência da criatividade apenas de fatores intrapessoais também é refutada pela comprovação da influência de inúmeras outras variáveis externas, como a família, a escola e a sociedade. Finalmente, a criação deixa de ser vista como um lampejo de inspiração e passa a ser vista como processo, dando relevo à preparação do ser humano, sua dedicação, esforço consciente, trabalho prolongado e conhecimento amplo de uma área do saber.

O processo criador, portanto, realiza-se no interior do ser humano, mas ainda não é explicada a sua dinâmica. Nesse processo, a criação é articulada de maneira peculiar, alterando-se de acordo com os tipos de comportamento, principalmente por ser esse processo uma operação complexa sobre a qual existem concordâncias parciais e muitos questionamentos.

No aspecto produto é mais fácil identificar a criatividade, porque, além de ter como referência o resultado da ação criativa, em geral, o produto é observado. É mais fácil avaliar a criatividade pelo produto produzido, por ter condições de visualização, externalizando-se o processo, pois toda ação interna reveste-se de complexidade maior.

Criar é, basicamente, formar. É poder dar uma forma a algo novo. Em qualquer que seja o campo de atividades, trata-se, nesse 'novo', de novas coerências que se estabelecem para a mente humana, fenômenos relacionados de modo novo e compreendidos em termos novos. O ato criador abrange, portanto, a capacidade de compreender, e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar (OSTROWER, 1999, p. 9).

Quando se deseja mais do que está pronto, busca-se inovar, inventando algo diferente. Pode-se experimentar algo que não está comprovado e verificar-se ou alterar-se alguma coisa, utilizando-se da criatividade. Esta é componente básico de todos os que necessitam de conhecimentos para o próprio desenvolvimento.

A criação artística necessita de liberdade, porém não se constitui em um exercício gratuito de liberdade, sendo necessárias decisão e sincronia entre o pensar e o agir. Pelo fato de essa liberdade ser representativa do interior da pessoa, apresenta-se junto com a sinceridade, que evidencia a subjetividade do ser que está criando.

A esse respeito, é importante citar uma passagem da obra da autora portuguesa Balancho (1992, p. 42), intitulada "A criatividade no ensino de português", quando ela relata a seguinte passagem supostamente narrada por uma aluna:

Era uma vez uma galinha branca que punha ovos azuis...
-Ovos azuis? - reclamou a professora, indignada, interrompendo a leitura da minha redacção, enquanto a turma se agitava em risinhos de troça e segredinhos maliciosos.
-Ovos azuis, sim, senhora professora - respondi eu. - A minha galinha põe ovos azuis.
-A menina está a brincar comigo? Já viu alguma galinha pôr ovos azuis? Sente-se imediatamente e faça já outra redacção.
Voltei para o meu lugar, de cabeça erguida, enfrentando a galhofa da turma. Não baixei os olhos. Apenas os senti escurecer, num desafio.
Durante o recreio fiquei na aula, de castigo. Mas não fiz outra redacção.
Quando, depois do "toque", a professora me chamou para que lesse em voz alta a Segunda versão, comecei:
-Era uma vez uma galinha branca que punha ovos brancos, só porque não a deixavam pôr ovos azuis (...)

Essa breve narração ilustra com clareza uma forma de se “aniquilar” a capacidade criadora de um educando. Balancho (1992) comenta que a professora reprimiu não apenas a propensão imaginativa da aluna, como também a sua autoestima e perdeu uma relevante oportunidade de estimular ainda mais a imaginação e de favorecer a emergência de uma atitude e sensibilidade positivas, favoráveis ao próprio potencial criador.

Freitas (1995), respaldado em Vygotsky, entendia que a criatividade expressa-se livremente durante os três primeiros anos na escola, restando algo dela no quarto e quinto anos. Contudo há um rápido declínio no sexto e no sétimo ano, tornando-se um vício amado em segredo no oitavo ano e, posteriormente, abandonado. Porém a atividade criadora pode ser retomada em qualquer idade, mesmo na vida adulta.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1970), a idade entre 9 e 12 anos caracteriza-se como um período no qual os alunos desenvolvem mais fortemente a consciência do seu mundo real, um mundo repleto de emoções, amigos, planos e recordações. Para a criança, essa idade pode ser a mais impressionante, pois é o período das descobertas, onde desenvolve enorme sensibilidade. Algumas crianças começam a esconder seus desenhos, fazendo comentário depreciativo sobre seu próprio trabalho. Ocorre, nessa fase, a descoberta da independência social da criança, que percebe ter conceitos diferenciados, principalmente daqueles dos adultos. Percebe-se, também, o desenvolvimento da observação do meio e das relações estabelecidas.

[...] Essas crianças, em grande parte, não se afastam de suas próprias observações, isto é, seus desenhos e suas pinturas mostram, de modo muito claro, que elas vêem as coisas através de suas próprias experiências e partem do princípio de que essa “realidade” é a maneira como tais coisas realmente são (LOWENFELD; BRITTAİN, 1970, p. 243).

Os conflitos que surgem com o início das mudanças fisiológicas da puberdade interferem na criatividade, que é ressaltada pelo autor como declínio. Até o fim da adolescência e início da vida adulta é recomendável que os adultos participem da aprendizagem dos jovens, evitando com eles competir. Segundo Lowenfeld e Brittain (1970), a idade entre doze e catorze anos, denominada como “idade do raciocínio”,

compreende a inquietação e a excitação dos jovens, que estão num momento complexo, pois não são mais crianças, mas também não são adultos.

Denominada como “pré-adolescência”, é um período de grandes diferenças individuais, tanto físicas quanto emocionais. O jovem preocupa-se com a aparência que tem, como se veste, com o que diz, sobretudo com o modo como é visto pelos outros, investigando, assim, sua própria personalidade. É um momento no qual o aluno se apresenta cheio de ideias e projetos, requerendo oportunidades para que dê vazão à sua criatividade, expressando-se.

Diante das leituras realizadas, entendo que há relação entre idade e a produtividade criativa, cabendo ressaltar que não é a idade propriamente dita, mas os fatores que acompanham a mudança de idade que produzem uma modificação na produção criativa.

A criatividade abrange todas as áreas e colabora, em diversas possibilidades e potencialidades humanas, com as dimensões da aprendizagem cognitiva, socioemocional e espiritual-religiosas. Infelizmente, a prática educativa, na maioria das escolas, negligencia o desenvolvimento afetivo, processo básico do desenvolvimento da criatividade, pois um ser criará a partir do equilíbrio que apresenta.

Segundo Kneler (1968), *in cit* Simberg, muitas são as referências sobre as causas que inibem a criatividade, existindo três áreas onde se encontram as principais barreiras: perceptual, cultural e emocional. Os bloqueios de natureza perceptual predispõem a identificar o problema apenas de uma maneira, sem a condição de visualizá-lo claramente e de atentar para todas as variáveis que possam envolvê-lo.

Os bloqueios culturais, causados basicamente pelas forças sociais, talvez sejam os mais resistentes a uma mudança, o que se deve ao fato de a sociedade traçar regras de conduta, pensamento e ação, gerando o conformismo. A criatividade, por sua vez, requer desafios, investigações e mudanças. As barreiras de natureza cultural iniciam-se no ambiente familiar, juntando-se a outras ao longo da vida escolar e, posteriormente, na vida profissional.

É provável que a insegurança esteja na raiz dessas barreiras, no entanto temores e ansiedades geralmente acompanham situações novas que, às vezes, são suficientes para impedir a criatividade. Na verdade, o importante é estar consciente das várias direções que podem limitar o pensamento e a produção de ideias.

Ostrower (1999) constata que existe hoje uma profunda crise de criatividade, acompanhada de um empobrecimento e de uma redução da própria qualidade de vida. Esse empobrecimento se reflete na escola, quando esta enfatiza o domínio de conteúdos, o pensamento convergente, ao invés de ensinar o aluno a elaborar o pensamento crítico e gerar ideias próprias, podendo criticá-las, tomar decisões e resolver problemas criativamente. A atitude do professor é considerada determinante para o desenvolvimento da criatividade. Ostrower define ensinar para a criatividade como promoção intencional não só de atividades criadoras, mas de atividades originais, apreciação do novo, inventividade, curiosidade e pesquisa, autodireção e percepção crítica da realidade.

Sans (1995) sustenta que a criatividade é um processo universal que tem sido severamente inibido por obstáculos de natureza emocional e social, pois a sua manifestação não depende só de nós, mas também do contexto social do qual fazemos parte, evidenciando-nos que, desde os primeiros anos de existência, enfrentamos dificuldades para nos desenvolvermos enquanto criadores. O criar envolve o pensamento e a ação, processo que se desenvolve graças à união de dois fatores: a expressão e o lúdico. Essas forças conjuntas formam o que se denomina “expressão lúdica”.

A expressão lúdica tem a capacidade de unir o conhecimento e o sonho. Quando ativada caracteriza-se por uma intensificação de vida, propiciando a criação. A sua manifestação, entretanto, somente é possível quando acompanhada por dois componentes essenciais: a liberdade e a sinceridade (SANS, 1995, p.76).

A expressão lúdica acontece nas pessoas, principalmente nas crianças ou adultos sensibilizados, que se deixam levar pela imaginação, envolvendo-se com a vida e com o mundo. Esse tipo de expressão gera satisfação, uma vez que a pessoa conseguiu externar o que pensa e sente.

Segundo Ostrower (1999), até o século XIX, a liberdade para criar não consistia numa problemática de linguagem subjetiva. Esse pensar foi questão ou consequência do desenvolvimento de uma nova mentalidade, de novas ideias. Na atualidade, entendemos que a pressão psicológica e/ou social impede o ato criativo por não permitir e aceitar o diferente, pois criar repercute em alterações, inovações, e estes procedimentos só se desenvolvem no momento em que se percebem aceitáveis. No contexto escolar, o ato criativo encontra bloqueamento porque poucas

vezes lhe é dado lugar e, quando isso ocorre, esperam-se verdadeiras dádivas, como se o processo criador se manifestasse num único momento, como se não necessitasse de desenvolvimento.

Para que ocorra o desenvolvimento do potencial criativo, precisamos entender o conceito de liberdade, pois “ser livre significa [...] um entendimento de si mesmo, uma aceitação em si da necessidade da existência em termos limitados. A vivência desse entendimento é a mais plena e a mais profunda interiorização a que o indivíduo possa chegar. Ser livre é ocupar o seu espaço de vida” (OSTROWER, 1999, p. 165).

O conceito de que o criativo não tem explicação encaixa-se na concepção subjetivista. Para que uma realização seja considerada criativa é preciso superar a “normalidade”, enfrentando resistências, pois não podemos ser só subjetivos.

[...] Todos nós fomos educados no seu contexto, por isso mesmo é necessário um grande esforço de vontade e imaginação para escapar-lhe e verificar até que ponto ela é ou não significativa. Fomos tão cuidadosamente impregnados nela que até a esquecemos. Estamos de tal modo compenetrados nela que ela constitui a *base* de, o ponto de partida para, a nossa maneira de pensar sobre as artes e a criatividade em geral. Para além disso, é constantemente reforçada pelos teorizadores. No entanto, como disse, não há esperança de uma justificação significativa das artes em educação até que a doutrina subjetivista, vazia e fatalmente prejudicial, seja decisivamente rejeitada e substituída por um pensamento renovado e rigoroso (OSTROWER, 1999, p.129).

A preocupação com o caráter subjetivista é que não ele tome conta do assunto, ou seja, que vivamos novamente os efeitos da livre-expressão, na qual se considerava o ser enquanto dotado de potencialidades, precisando apenas desenvolvê-las, cabendo à escola propiciar condições para sua efetividade. Hoje, a subjetividade é entendida como parte do processo, pois nos entendemos enquanto seres que nos construímos nas relações que estabelecemos, portanto somos criativos e expressivos, utilizando força e forma, subjetivo e social.

Segundo Strieder (2002, p.258), o contexto social e educacional encontra-se marcado pela fragilidade da inventividade e da criatividade, onde reina ainda a racionalidade.

As unidades escolares nunca deveriam impor limites à curiosidade, infelizmente parece ser ainda uma especialidade em muitas delas. Para que ocorra um processo de aprendizagem é imprescindível a chama da curiosidade criativa. É ela que mantém acesa a dimensão desejante do estar conhecendo (STRIEDER, 2002, p.258).

Para conhecer é necessário que haja o desejo de que tal ação ocorra, é necessário desprendimento. A criação e a construção do conhecimento só ocorrerão em ambientes escolares que possibilitem tais ações.

A mobilização da globalização, ou “aldeia global”, estabelece uma cadeia interativa que implica na abertura dos mercados, das informações e das articulações, inter-relacionando as nações. Nesse contexto que prioriza o capital em desconsideração ao fator humano e cultural, urge um princípio pedagógico que se pautar na aprendizagem criativa, onde criatividade e prazer destaquem-se como dinâmicas intrínsecas ao ser humano. Isso porque o ser humano precisa inteirar-se de temas como corporeidade, solidariedade, prazer e fruição, os quais são capazes de gerar vibrações bioenergéticas (BENCINI, 2003).

Strieder (2002) define que, nesse processo, o papel da escola no desenvolvimento do fator criativo consiste na socialização e na construção de novos conceitos. A possibilidade de educar para a criatividade é tão presente quanto o fato da própria existência da Educação, pois consideramos que as habilidades criativas podem fazer parte de todo o processo educativo. Para a efetivação da criatividade no ambiente escolar, fazem-se necessárias ações pró-desenvolvimento criador, como é o caso da autoestima. A Educação pode contribuir muito no sentido de propiciar atividades nas quais reinem a imaginação, a invenção e, sobretudo, um ambiente de confiança, onde a criança possa realmente tentar, experimentar, refletindo e criando novas opções. Essas criações poderão se tornar uma constante na vida de crianças que forem educadas nesse sentido, repercutindo na constituição de seres criativos, capazes de criar e recriar seus espaços vivenciais.

Na sociedade contemporânea, fazem-se necessários, cada vez mais, o estímulo e a oportunidade de exercícios criativos na formação do indivíduo. A partir do momento em que o aluno trabalha e desenvolve habilidade criativas e soluções inovadoras dentro de sua formação, isto terá repercussão em toda sua vida. Assim, somos convidados à formação de indivíduos que tenham plena consciência de seus dons e qualidades para a vida, colocando-se a serviço dos outros e da sociedade. Com esta prática, a longo prazo, a sociedade terá pessoas com potenciais criativos trabalhados, oportunizando melhoras globais diante dos desafios e oportunidades.

3.2 CRIATIVIDADE E EDUCAÇÃO: ALGUMAS REFLEXÕES RELEVANTES

Direcionar a discussão sobre a formação cultural para o campo da Educação pressupõe refletir sobre as práticas educativas, sobre o modo como a educação se configura na atualidade ao mediar a relação dos alunos com a realidade. A cultura e todo o fazer humano podem ser transformados pela Educação. Neste sentido, o projeto educacional, ao coadunar com interesses sociais determinados ideologicamente, pode esvaziar-se de sua força formativa ao priorizar a semi-formação cultural, na qual a prioridade maior é a dimensão utilitária do conhecimento. É neste contexto que a criatividade pode se configurar como importante elemento formativo, pois possibilita relações de mediação com a realidade, podendo acionar o exercício de movimentos reflexivos e críticos perante o real reificado. Considerando o potencial formativo contido nos atos de criação, torna-se necessário perceber o modo como os processos criativos se fazem presentes nas escolas e ganham forma nas práticas educativas.

Importante trazer aqui algumas reflexões de Brameld (2002, p.74) acerca do tema. Segundo esse autor, para que a Educação se torne uma força poderosa no mundo atual, ela não poderá permitir-se minimizar ou subordinar o papel da criatividade na experiência da aprendizagem. “O tipo de escola que elimina a arte do currículo, o tipo de administrador que diz: “Bem, se houver lugar, acrescentaremos um pouco de arte, mas talvez não haja lugar” — tais práticas e atitudes são indefensáveis”.

Assim, esse autor indaga: como é que a criatividade contribui para uma prática educacional defensável? A resposta dada afirma que:

Se encorajamos os jovens a serem honestos consigo próprios, devemos também encorajá-los a se sentirem livres para exprimir os seus mais profundos interesses pública e francamente. Enquanto o professor posar de governante autoritário, ou enquanto ele ou ela estiverem mais interessados em testar o aluno quanto à sua capacidade de memorização ou de repetição, ao invés de sua capacidade de se exprimir à sua própria maneira, esse tipo de honestidade não ocorrerá. Ela somente existirá em uma sala de aula em que tanto a criança como o mestre se sintam suficientemente seguros e mantenham entre uma relação bastante positiva, de tal modo que ambos ousem exprimir e compartilhar os seus próprios sentimentos e suas personalidades, à sua própria maneira, esse tipo de honestidade não ocorrerá. (BRAMELD, 2002, p.75).

Continua citando o segundo fator da criatividade, a inovação, afirmando que este também oferece muitas sugestões para a prática educacional. No entanto, estas se resumem em um único mandamento: permitir ao professor liberdade para divergir, para ser diferente, para criar algo que não esteja muito de acordo com o padrão. Deve-se encorajar o estudante a fazer isso sempre que a oportunidade se oferecer.

Neste sentido, existem outras e abundantes oportunidades para se fazer dessa sugestão uma ideia prática. No entanto, quantos professores realmente experimentam fazê-lo? Nas salas de aula superlotadas é difícil dar suficiente atenção a uma criança como indivíduo, de modo a encorajá-la a se tornar um indivíduo único. Mas, ainda que se tenham classes de cem crianças, mesmo assim devem-se procurar meios e modos para dar a cada uma a liberdade para criar diferentemente, para crescer diferentemente.

Assim, segundo Brameld (2002) uma medida prática seria a da escola proporcionar, todos os dias, um lugar e alguns momentos para a criança - a começar do jardim de infância, passando pela escola secundária e mesmo a universidade - experimentar a liberdade de qualquer obrigação, exceto a de pesquisar dentro de si própria e a de exprimir-se como melhor entender.

Esse autor destaca a terceira dimensão da criatividade, que é a intuição. Esta dificilmente ocorrerá a não ser que as duas dimensões anteriores estejam presentes, isto é, se for permitido aos aprendizes serem honestos consigo mesmos, serem originais, as intuições serão muito mais frequentes do que se não forem permitidas essas experiências.

Para Brameld (2002), o que liquida, o que destrói a intuição é o tipo de educação e aprendizagem que compele aos educandos a simplesmente absorverem regras e habilidades e assuntos, a satisfazerem testes e padrões, não lhes propiciando condições para a emergência dos poderes individuais do aprendiz. A intuição é algo que provavelmente não se pode controlar diretamente, mas é possível oferecer condições para que ela se apresente com mais facilidade do que é comum.

O autor exemplifica:

(...)digamos que a criança está em uma aula de Geografia, trabalhando num problema e a encorajamos a resolvê-lo; ela virá com uma solução toda sua e poderemos mostrar-lhe a nossa admiração, poderemos fazê-la sentir-se bem a respeito. Dessa forma estaremos adubando o canteiro para o desenvolvimento de sua capacidade intuitiva (...)

E acrescenta:

(...)A mesma regra é verdadeira para a criança-artista. Ao passear por um parque em Seul, deparei com uma exposição de arte infantil. A amostra apresentava desde desenhos de crianças muito jovens até esculturas, pinturas e outros tipos de arte de autoria de estudantes de escolas secundárias e talvez faculdades. De quando em quando, verificava-se na exibição a presença de provas indiscutíveis de originalidade, frescor e honestidade e alguns desses jovens artistas devem ter experimentado também momentos de intuição que fizeram que criassem os seus trabalhos de maneira que lhes eram específicos e individuais. Não tenho dúvida, portanto, de que os coreanos são tão criativos quanto qualquer outro povo do mundo. Mas as escolas têm de oferecer toda oportunidade possível para estimular essa capacidade. Ela é paralisada quando a educação se torna principalmente uma questão rotineira de aprendizagem e êxito nos exames. Isso é que é mortal à intuição. (BRAMELD, 2002, p.76)

Tal como exposto anteriormente, os movimentos de criação podem ser esvaziados de seu potencial crítico e reflexivo ao serem engolfados pela ideologia social dominante, aquela que detém a posse dos poderes sociais, que também deixa suas marcas no âmbito escolar. Neste sentido, é interessante entender o contexto histórico no qual a escola pública foi instituída:

[...] a escola pública, tal como se apresenta, foi criada, no final do século XIX, no contexto da primeira de uma sucessão de crises de superprodução que chega até os dias atuais a intervalos cada vez menores. A perplexidade diante da primeira crise deu início à concentração de esforços em duas frentes aparentemente opostas: uma para dar continuidade ao processo de acumulação de riquezas e outra para conter os problemas derivados da desagregação social e das lutas sociais que acompanham todo o processo. [...] A escola veio como resposta à primeira crise e periodicamente passa por reformas educacionais, mas sempre com a finalidade de promover o desenvolvimento individual tendo em vista o exercício da cidadania e a preparação para o trabalho, que são as funções históricas da escola (LEONEL, 2006, p. 54 - 55).

Considerando os objetivos históricos que deram impulso à criação da escola, é possível destacar alguns determinantes ideológicos ainda hoje presentes na realidade escolar. Esses determinantes, quase sempre, servem para reforçar a dinâmica totalitária da sociedade, propiciando a constituição de uma sociedade calcada na segregação social, na lógica individualista, na competitividade e no desenvolvimento de competências particulares. Pode-se notar, na própria

consolidação da escola como instituição, uma dualidade própria do projeto da modernidade: a junção do desenvolvimento pessoal com o exercício da cidadania. Dualidade que apregoa a junção entre a unidade do sujeito e a totalidade do social, mas que oculta sua impossibilidade de realização sob um discurso de harmonia e progresso social próprio do modo de produção dominante.

Sobre esse aspecto, é relevante a discussão acerca da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, na qual Leonel (2006) aponta graves contradições entre alguns valores da sociedade na atualidade e o papel atribuído à Educação. Uma das tensões mais conflituosas está na visão equivocada de que a educação está voltada para o sucesso individual ao mesmo tempo em que se incorporam valores de cidadania e de bem comum. Estabelece-se, desse modo, uma batalha que envolve os interesses individuais e coletivos: a escola assume um papel de mediadora, sustentando uma formação que reforça tenazmente o “eu” e se esforça para incorporar uma dimensão de autoridade nessa lógica inteiramente individualista.

A prática educacional reforça essa contradição social porque ensina valores de cidadania que auxiliam a dissimular, cada vez mais, a dimensão de competitividade e de individualismo, o que é próprio da sociedade administrada. A Educação, por seu turno, passa a ser parte constituinte de um grande engodo social, que se esconde por detrás de um discurso de fortalecimento do convívio social, quando, na verdade, se prioriza a segregação social e o desenvolvimento de uma sociedade reificada. Quanto ao papel da Educação, é mister citar Adorno (2006), que defende que educar não se limita:

[...] a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar pessoas a partir de seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância política [...] (Adorno, 2006, p. 141).

Produzir uma consciência verdadeira diz respeito a uma formação crítica, capaz de instrumentalizar os alunos não só para apreender os conteúdos escolares básicos, mas também para perceber e entender a dimensão social e política, tal como a contradição própria da Educação. A consciência verdadeira seria constituída por uma educação que possibilitasse experiências formativas críticas e reflexivas, com conteúdos que fossem além da transmissão de conhecimentos e informações

que respondessem somente aos interesses da sociedade reificada. A formação de subjetividades aptas a pensar e questionar é papel fundamental da Educação, porém o que se assiste é a prevalência de experiências semiformativas, fato que denuncia a predominância da ideologia dominante, onde, nos termos de Sousa Santos (2001), o pilar da emancipação sucumbe ao pilar da regulação social.

Outro ponto que merece destaque é a utilização da expressão “ser flexível”. Esse termo pode denotar o esvaziamento do potencial formativo da arte, pois demonstra a apropriação do dinamismo próprio dos movimentos de criação para responder a finalidades e exigências da sociedade contemporânea: um indivíduo flexível e versátil, pronto para se adaptar e dar vitalidade às pseudotransformações sociais, que nada mais fazem que girar a roda da vida sobre o mesmo e envelhecido eixo.

Assim, nos termos do PCN, a “poética” relação com a arte pouco carrega de emancipatório, pois se encontra muito mais próxima da perspectiva utilitária do que da dimensão crítica e reflexiva. A função educativa da arte e da criatividade corre o risco de se diluir perante o uso utilitarista dessas potências formativas. Por outro lado, a mesma cartilha que dita as regras da “boa” e adaptada Educação carrega a possibilidade de superação. Ao reconhecer as limitações e os contornos ideológicos que perpassam os PCNs e também a realidade escolar, é possível inaugurar maneiras diferenciadas de educar, abrindo espaços onde a criatividade possa desempenhar seu potencial crítico e reflexivo, iniciando movimentos, mesmo que tímidos, rumo a uma educação para a emancipação. Incluir a potência imaginativa na Educação na disciplina de educação artística e no ato de ensinar como um todo, pode se configurar como um importante dispositivo para dar consistência formativa à constituição da subjetividade.

A inserção da inventividade na dinâmica escolar pode desempenhar importante papel na relação dos alunos com o conhecimento, possibilitando a ressignificação do saber como meio de desvelar e tornar mais atrativa a relação com o mundo e com as coisas.

3.3 DOCÊNCIA, CRIATIVIDADE E RUPTURA EPISTEMOLÓGICA

Uma das dimensões que afetam profundamente a formação dos docentes, de modo geral, é o reforço da condição de visão única, imposta pelo processo de padronização do conhecimento, pelo paradigma dominante, provocando cegueira epistemológica.

Alves (2003) afirma que a luta contra o paradigma dominante, poder social, exige, em primeiro lugar, a criatividade para elaborar uma subjetividade emergente, que envolva ruptura epistemológica e social. A ruptura exige dos docentes a inovação, a reconfiguração dos saberes, o trabalho no sentido de transformá-los em docentes criativos, responsáveis pelo avanço no processo de mudança. O docente, para legitimar sua ruptura, deve ser criativo para ousar e fazer diferente.

Nessa perspectiva, é possível acreditar na ruptura com a lógica dominante, responsável por todas as situações embaraçosas na formação docente. O paradigma dominante impõe ao docente uma formação improdutiva no plano intelectual e ao exercício de tarefas tecno-pedagógicas, excluindo-o da produção de um tipo de saber que está destinado aos intelectuais, comunidade científica e aos especialistas. Dessa forma, a função do docente, inserida no atual contexto, não consiste em ampliar o nível de consciência dos discentes, mas em equipá-los com um saber hegemônico para que sejam bem sucedidos na concorrência implacável que rege o mercado de trabalho. Isso ocasiona uma lógica de consumo dos saberes escolares: escola como mercado que oferece aos consumidores saberes-instrumentos.

Assim, a formação do docente passa a ser um conjunto de processos de formação e aprendizagem, destinados a instruir os membros da sociedade, nos saberes estruturados pelo paradigma dominante e, conseqüentemente, a formação docente está comprometida com o adestramento, fato explicado por Foucault (1995).

É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos: ele exclui, ele reprime, ele recalca, ele censura, ele abstrai, ele mascara, ele esconde. De fato, o poder produz: ele produz real domínio de objetos e rituais de verdade. O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é justamente esse aspecto que explica o fato que tem como alvo o corpo humano não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo.

Foucault (1995) mostra que a implementação de uma visão única padronizada pelo paradigma dominante é fazer dos homens força de trabalho, dando-lhes uma utilidade econômica, diminuindo a sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contra poder, isto é, tornar os homens dóceis. Inserida nesta estrutura de dominação, está a formação docente comprometida com o processo de eliminação da singularidade, fato salientado por Rey (2003, p. 115), ao apresentar um estudo a respeito do pensamento de Guattari:

Há uma tentativa de eliminação daquilo que eu chamo de processo de singularização. Tudo o que surpreende, ainda que seja levemente, pode ser classificado em alguma zona de enquadramento, de referência. O que é ainda pior é que essa tendência ao enquadramento, à supressão da singularização, se tem institucionalizado nas próprias instituições supostamente orientadas à produção de pensamento, como é o caso das universidades e da ciência em sentido geral. O paradigma de dominação visa construir seres iguais e alienados e, diante das colocações elaboradas, existe a necessidade premente de ruptura com o paradigma de dominação através de uma subjetividade de fronteira, onde seja possível elaborar um processo de singularização do docente (REY, 2003, p. 115).

A busca pela singularização do docente em todas as suas ações, intenções e possibilidades oportuniza o surgimento de um pensamento criativo, valorizando seu potencial criativo. Assim, conforme Kraft (2004), o pensamento criativo possui seis características: fluência de ideias, que é o aspecto quantitativo da criatividade; flexibilidade, que é encontrar o maior número possível de soluções diferentes; originalidade, que é a capacidade de desenvolver possibilidades de soluções peculiares às quais nem todos podem chegar; elaboração, que é o ato de formular uma ideia e desenvolvê-la até que se encontre a solução concreta para o problema; sensibilidade, que é o ato de perceber uma tarefa como tal e, ao mesmo tempo, identificar as dificuldades associadas a ela; redefinição é perceber questões conhecidas sob um novo viés, ver as coisas sob uma luz totalmente nova. Assim, fica evidente que o foco se volta para o desenvolvimento da criatividade dos docentes para que ocorra o rompimento com o modelo que impossibilita o ser humano de criar as suas próprias ideias e, conseqüentemente, bloqueia a existência de educadores criadores, instigadores, inquietos e persistentes.

É necessário que o docente tenha uma formação comprometida com a produção e transformação de conhecimento, tornando-o capaz de ir mais além de

seus condicionantes. Enfatiza Freire (2005, p. 23) que o termo “formação” não deve ser reduzido à ação do formador como aquele sujeito responsável por transmitir conhecimentos, onde o professor é o sujeito, e o aluno, objeto do processo. Entende-se por formação o “processo de quem forma se forma e re-forma ao formar, e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. Formar não é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Formar é uma simbiose entre docente e discente, onde quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

A formação do docente, comprometida com o rompimento da alienação, com o homem por inteiro, consciência e desejo, está diretamente relacionada com o desenvolvimento da criatividade. Trazer para nossa análise os discursos sobre a origem dos impulsos criativos ou elaboração do conhecimento é penetrar em um assunto que precede todos os outros problemas, sem que seja precedido por nenhum outro.

3.4 A CRIATIVIDADE EM EXPERIÊNCIAS DE PRÁTICAS EDUCACIONAIS

Uma iniciativa louvável da prática da criatividade é relatada por Guerreiro (2005) na revista de educação, da Editora Segmento, disponibilizada no portal Universo Online. A “Escola da Criatividade”, criada em 1997 e localizada em Capão Redondo, São Paulo, é um espaço cultural tido como um dos mais expressivos da América Latina.

Segundo Guerreiro (2005, p.32):

A escola oferece cursos de música, artes, idiomas, libras (linguagem de sinais, para surdos-mudos), teatro, *webdesign*, dança contemporânea e circo para a comunidade carente da região. O que torna a escola especial, entretanto, não é apenas a localização, arquitetura e decoração, e sim o exclusivo curso de criatividade, lecionado pelo fundador da Fábrica, o cientista da computação Denílson Shikako, 28 anos.

A proposta das aulas de criatividade é ensinar os alunos a terem novas ideias e a exercitarem o raciocínio. O curso desenvolve a capacidade de transformar o comum em algo novo. A base da escola foi inspirada nas melhores escolas de cada segmento de seus cursos. O curso de criatividade tem inspiração nos modelos

italiano, japonês e norte-americano. A aula "multiartes", extensiva a todos os cursos oferecidos pela escola, propõe que, um dia por semana, os alunos de um programa assistam a uma aula de outra arte. Quem participa do curso de teatro, por exemplo, assiste, em uma das três aulas da semana, a uma de teclado, depois inglês, grafite e assim sucessivamente.

A estrutura física, mantida por empresas doadoras entre outras instituições, comporta 3.200 pessoas por semana em 23 salas e 17 cursos que variam de dois a seis semestres. Todas as aulas duram 45 minutos, e a maioria se repete três vezes por semana. Cada turma tem, no máximo, oito alunos, com a exceção das aulas de teatro e criatividade, que tem 20, para facilitar o atendimento individual.

Segundo Denílson (2005) *apud* Guerreiro (2005), o idealizador da Escola da Criatividade:

Cada detalhe chama a atenção na Fábrica. O piso da entrada é feito por garrafas, a luz do sol passa pela porta principal de bolinhas de gude e desenha no chão. Os degraus são pintados como teclas de piano, e água escorre pelas paredes, como uma cachoeira. As pias não têm ralos ou torneiras aparentes. As salas de aula são temáticas - a da casa na árvore, por exemplo, terá uma árvore com uma casa construída no topo. A de bateria é inspirada em uma garagem americana. O terraço, no topo do prédio de quatro andares, é pintado tridimensionalmente como se fosse uma praia carioca.

No que se refere à sua política pedagógica, a Fábrica da Criatividade adota os princípios norteadores da UNESCO (2004), quais sejam: a) aprender a conhecer; b) aprender a fazer; c) aprender a conviver e d) aprender a ser.

Neste sentido, Freire (1979) é enfático, quando afirma que ensinar não é transmitir conhecimento, mas desenvolver a criatividade para a construção do conhecimento. Diz, ainda, que é fundamental conhecer o saber existente e também estar apto a produzir conhecimento ainda não existente. Assim sendo, o ciclo gnosiológico é constituído de dois momentos diferentes: transmitir o saber existente e trabalhar a produção do conhecimento ainda não existente, o que exige criatividade. Diante das palavras de Freire, fica evidente que não se pode desassociar a criatividade do processo educativo, sendo importante pesquisar o itinerário teórico do significado do termo criatividade para que se possa ter uma visão mais clara e nítida do que seja elaboração do conhecimento.

Referindo-se à criatividade, muitos estudiosos, como Alvarado (2009), afirmam que esta é o motor que movimenta a evolução do ser humano, sempre esteve presente em suas vidas de maneira natural, permitindo transformar a realidade e melhorá-la. Na formação de crianças e jovens, o desenvolvimento das habilidades e atitudes criativas pode permitir-lhes adaptar-se com maior sucesso a um mundo em permanente e vertiginosa mudança.

A criatividade nos produz satisfação, alegria e nos conduz a níveis mais elevados de realização pessoal. Ao expressar nossa criatividade nas diversas atitudes, alcançamos uma melhor qualidade de vida, não só porque encontramos a forma de satisfazer alguma necessidade específica, mas porque nos dá a oportunidade de conferir sentido à nossa vida, aumentando nossa autoestima e plenitude de viver (ALVARADO, 2009, p. 45).

As habilidades e atitudes criativas, as habilidades para o pensamento crítico, uma adequada autoestima e autoconfiança são, entre outros, os recursos que permitirão ao educando estar sempre bem preparado, não importando as eventualidades que possam vir a enfrentar.

Outra prática educacional inovadora que repensa e redimensiona a educação oferecida pela Companhia de Jesus está sendo desenvolvida na Espanha, sobretudo Catalunha e Madri.

Segundo Luiz Fernando Klein (2016, p.1)

O novo modelo nasceu do temor dos educadores por um eventual fracasso escolar dos alunos e, pior, pelo fracasso vital ao longo de sua vida. Daí a necessidade de elaborar um projeto próprio, baseado em valores, para capacitar os alunos a desempenharem-se na sociedade com direção clara e solidez. [...] Trata-se, como explica um dos documentos da FJE, de uma experiência de mudança profunda da educação para educar no século XXI. O motivo de uma transformação tão radical é fruto de uma reflexão e debate para responder ao desafio de fidelidade à missão educativa da Companhia de Jesus.

Klein continua elencando que o modelo de educação desenvolvido na Espanha trata-se de um novo modelo de educação para o século XXI. A finalidade é criar a nova escola de modo coletivo e comunitário. Baseada em princípios e valores da Pedagogia Inaciana, alia o diálogo permanente à nova realidade do século XXI. É uma escola com configuração diferente, em um espaço físico propício e organizado para este novo modelo de Educação, onde o senso comunitário é bastante presente.

Em seu artigo, Klein elenca as metas e possibilidades deste modelo inovador. O trabalho desenvolvido hoje no Brasil traz muitos elementos deste modelo inovador.

A meta de todo o processo, ou a pessoa que se pretende formar, consta de 10 traços, começando com os 4 Cs, conforme a formulação do P. Kolvenbach 33 : 1) Pessoa consciente, 2) Pessoa Competente, 3) Pessoa Compassiva, 4) Pessoa Comprometida, 5) Identidade própria e projeto vital, 6) Globais e com muitos idiomas, 7) Multiculturais, sistêmicos e digitais, 8) Autônomos, capazes de trabalhar colaborativamente em rede, 9) Com espiritualidade e capacidade de conduzir a própria vida e 10) Capazes de integrar a realidade complexa e evoluir com ela. (KLEIN, 2016, p. 2)

O ponto de partida para a implementação de um novo modelo de Educação partiu da formação de uma rede de educação, com intercâmbio e colaboração. A partir de uma visão sistêmica, iniciou-se um amplo trabalho de formação, reflexão e preparação para a inovação. Intensificaram os esforços na compreensão do contexto e do panorama contemporâneo para a implementação de inovações.

O passo seguinte foi formular com cuidado e precisão o 'sonho' que se desejava ver realizado nas escolas: avançar a uma profunda transformação da educação que, mediante a inovação metodológica, a incorporação das TIC na aula e no empoderamento e a capacitação dos educadores e a sua tarefa responda aos desafios da sociedade do conhecimento do século XXI, explicitando, além disso, nossos valores de espiritualidade e compromisso social. Por fim, os educadores optaram por empreender uma 'inovação disruptiva', uma renovação profunda e radical de toda a prática educativa que se devia caracterizar por colocar o aluno como centro do processo de ensino e aprendizagem, acima do currículo..(KLEIN, 2016, p.3)

Assim, passam as escolas a tornarem-se centros de aprendizagem, onde o foco não é mais o ensino nem o modelo magistral de transmissão de conhecimento. O conhecimento é construído de maneira participativa. Há um chamado para a vivência e atualização do modo de proceder.

O processo de inovação inicia-se com o trabalho de lideranças, motivando a participação e o engajamento na mudança. Após este esforço inicial, outros atores da comunidade educativa foram trabalhados e inseridos no processo de mudança e adesão à nova proposta, colaborando e dando novas leituras a partir de suas atuações nas escolas. Todos participaram da proposta de formação deste novo e inovador modelo de Educação.

Alguns dos colégios apontam o caminho da mudança e sua exigência. Klein (2016) cita em seu artigo a experiência do Colégio Padre Piquer, em Madri:

o colégio considerou a necessidade de reorganizar-se pedagogicamente por três razões principais: 1) A complexidade para aplicar a atenção personalizada a um grupo étnico, cultural e intelectualmente tão diversificado, 2) A inquietude dos professores frente aos desafios educativos que se colocam com os alunos que chegam hoje às aulas e 3) A necessidade de favorecer a transição entre a Educação Fundamental I e a Educação Fundamental II.

O foco do trabalho desenvolvido no Colégio passa a ser o aluno. O foco, antes no conteúdo, passa a ser centrado nas competências e habilidades dos alunos. Não há um desprezo ao conteúdo, mas considera que as competências são habilidades como a iniciativa, o trabalho em equipe, a liderança, a comunicação, a empatia ou a preocupação pela ordem e a qualidade.

A jornada em tempo integral reconfigura a relação com o conhecimento não mais em disciplinas, mas em eixos temáticos: Eixo Sociolinguístico, Eixo Humanístico e Eixo Científico, integrando as propostas e atividades e todo o fazer pedagógico.

Há reconfiguração física e espacial. No lugar de paredes, grandes salas que podem ser redimensionadas e organizadas de acordo com as necessidades e possibilidades.

A programação e organização dos estudos segue uma dinâmica para que o aluno possa participar deste dimensionamento.

No início da semana há uma apresentação dos objetivos e da dinâmica do trabalho que se vai desenvolver, para que os alunos possam se situar. Ao terminar, há uma avaliação, do tipo 'exame de consciência', sobre o que se realizou. A ambientação parece uma contribuição relevante para ajudar os alunos a mergulharem na própria interioridade e assim motivarem-se sobre valores a viver durante a jornada de trabalho, sobre o relacionamento com os companheiros: professores e colegas. Isso contribui para reconfigurar o clima escolar, cuja importância aparece bem enfatizada seja nas Características da Educação Jesuíta (n.142) como na Pedagogia Inaciana (nn.37, 40 e 143). (KLEIN, 2016, p.11)

Importante perceber os resultados obtidos por este importante trabalho desenvolvido na Espanha. De acordo com Klein (2016)

Os alunos se entusiasмам com a transformação dos espaços e da dinâmica de estudo. Participam com interesse, com perseverança, a ponto de por vezes se esquecerem dos tempos de recreio, sendo necessário estimulá-los a saírem ao pátio. Exercem a autonomia ao escolher o tema de estudo, quando antes era só o professor que o definia. Aprendem a organizar-se, a trabalhar em equipe, a se questionarem mutuamente sobre as faltas de compromisso. Comentam em casa o que trabalharam na escola. Mostram-se mais observadores, mais precisos, mais criativos, mais

responsáveis. Ficam impressionados com a harmonia entre os três professores do salão e como eles se tornam ouvintes atentos quando um deles explica ou orienta algo para os alunos.

Diante do contato com dois modelos inovadores de educação, percebe-se o quanto a criatividade e a inovação são elementos essenciais para sua eficácia. A educação passa a ser enriquecida a partir do momento em que novos fazeres são oportunizados e construídos, modificando o modelo cartesiano e limitada de conhecer, focada no ensino e na transmissão excessiva de conteúdos. Há a necessidade de uma consideração sistêmica da mudança, oportunizando novos fazeres, onde a mudança só é possível com a participação efetiva de todos os envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem.

No Brasil, a Rede Jesuíta de Educação conduz o processo de unidade em rede das escolas em que, através do diálogo, vai fazendo e construindo inovações nas diversidades de carismas e potenciais das unidades escolares.

A exemplo da Rede da Espanha, vamos construindo e consolidando a percepção de unidade, diálogo e transformação dos modos de proceder, reafirmando a identidade e promovendo a inovação.

4 A PEDAGOGIA INACIANA, O PROJETO EDUCATIVO COMUM E A CRIATIVIDADE

A Pedagogia Inaciana é essencialmente humanista e humanizadora. O humanismo assumido por ela, mais que uma filosofia do homem, é uma atitude frente a ele, ao próximo, ao mundo e, especialmente, a Deus, desde os pressupostos que se articulam em um estilo de pensar, de atuar e de sentir. Esta característica essencial leva ao entendimento da criatividade como sendo essencialmente humana. Esse humanismo é mais do que um sistema, doutrina, política ou uma filosofia. Trata-se de um estilo de viver, um comportamento e um modo de se relacionar com o mundo, com os outros e com a própria vida. As dimensões essenciais do Paradigma Pedagógico Inaciano são: contexto - experiência - reflexão - ação – avaliação.

"A pedagogia, arte e ciência de ensinar, não pode ser reduzida à mera metodologia: ela inclui uma perspectiva do mundo e uma visão de pessoa humana ideal que se pretende formar" (do livro Pedagogia Inaciana, no. 11).

O fundamento do caminho de humanização, proposto pela Pedagogia Inaciana, se baseia nos Exercícios Espirituais Inacianos. Neles, se plasmam o princípio que rege a pedagogia Inaciana: facilitar o encontro do discípulo com o único professor (Deus da vida), para que se estabeleça com ele uma relação de intimidade. Neste caso, o trabalho do educador é o de guia, acompanhante e facilitador. O discípulo (aluno) deve ir descobrindo a verdade por si mesmo.

Tendo como fundamento essas propostas, a Companhia de Jesus foi precursora da educação centrada no educando e de toda uma pedagogia ativa, que tem influenciado, sobremaneira, a cultura ocidental. Na Pedagogia Inaciana, esse encontro produz no educando uma experiência de liberdade, ao permitir que o mesmo se encontre com a sua própria humanidade, significando, também, a plenitude da vida em comunhão com Deus, mas sem abandonar o homem, criado por Ele. Esta liberdade reflete e é refletida no fazer e ser criativo. Neste sentido, o discípulo (educando) é chamado a refletir sobre a sua vida no sentido de se afastar daquilo que possa colocar em desordem o seu projeto de humanidade. Neste sentido, propõe a Pedagogia Inaciana que a educação formal deve ser concebida a partir desta perspectiva, significando um meio privilegiado e possibilitador do

encontro com Deus. O homem revela em si o fazer criativo de Deus e deve revelar esta habilidade em todas as suas ações. A criatividade proporciona uma acentuada dedicação a fazer novo e diferente, revelando nas ações o modo de ser e interagir com o mundo.

A Rede Jesuíta de Educação propõe uma perspectiva de mudança na educação com o PEC. O objetivo de destaque da educação da Companhia de Jesus é o desenvolvimento global da pessoa que conduz a uma ação inspirada pelo espírito. Há o desejo de formar homens e mulheres que se coloquem a serviço dos outros para transformar a sociedade num espaço de igualdade e de justiça, mais próximo do Reino de Deus, sendo criativo e revelando as potencialidades, dons e carismas dados por Deus.

No ano de 2014, a Rede Jesuíta de Educação convidou alguns professores das diversas casas de educação jesuítas espalhadas pelo Brasil. Nestes Seminários, foi dada a tarefa de pensar, repensar, ressignificar e redimensionar a educação jesuíta no Brasil. Foi dada a oportunidade de pensar que escola temos de sonho e como deve se fazer esta educação nova e aberta ao diálogo e necessidades contemporâneos. O uso da criatividade é fundamental e desafiador.

O meu sonho, compartilhado notoriamente pelos sujeitos desta pesquisa, é de que a sala de aula seja um espaço de diálogo e de construção coletiva, onde todos tenham vez e voz. Um lugar marcado pela vivência concreta dos valores cristãos e no qual alunos e professores possam assumir um verdadeiro protagonismo na transformação das estruturas sociais.

O PEC vem encorajar os educadores para que transformem suas realidades, que usem e façam a diferença para que a aprendizagem significativa seja possível.

Nesta perspectiva de mudança, onde o foco está no aluno e em sua aprendizagem, muitas são as indagações necessárias: O que o aluno sente? O que o aluno pensa? Que ideias ele traz? Como é sua vida? O que ele já sabe sobre a matéria?

Sobre a finalidade da prática educativa da Pedagogia Inaciana tem-se que

A Pedagogia Inaciana é uma pedagogia centrada no homem (não no conteúdo ou no lucro...). O tipo de homem surge de uma visão de Deus e uma visão de mundo que situam o ser humano e o orientam em sua vida. A antropologia é permeada por uma espiritualidade. Para Inácio o homem é criatura de Deus, feita para voltar a encontrar-se com Ele face a face e, por isso, soberanamente respeitável e digna. Desde o jardim ou a 1ª. série a criança é imagem de Deus, criatura sua, com um horizonte que é o próprio

Deus, chamada a ser colaboradora dele. Em relação às demais coisas da terra, o homem está acima delas; as demais criaturas foram feitas para o homem: este é, portanto, mais importante que todas elas (dinheiro, técnica, bens materiais...). Por vontade de Deus o homem é o centro da criação. (FUENTES, 1999)

Toda prática implica, consciente ou inconscientemente, uma teoria que a fundamenta e justifica. Sendo uma prática sistemática, organizada, com finalidades explícitas como a Educação, uma teoria é indispensável. Essa prática se desmembra nas dimensões filosófica, teológica e sócio-política.

Esta pedagogia fundamenta-se principalmente na experiência dos Exercícios Espirituais Inacianos e se diferencia claramente da metodologia, no sentido em que vai muito além de simples instrumentos, materiais, técnicas, implicando atitudes, valores, princípios.

O desenvolvimento de uma pessoa efetua-se num campo de forças em que a sua liberdade pessoal é continuamente solicitada do exterior. Sob que condições e por que meios pode a pessoa desenvolver-se para atingir a sua plenitude possível? Os exercícios espirituais visam incontestavelmente a este processo, articulado não só em torno de uma inspiração pedagógica global, mas também de normas pedagógicas práticas. (FILHO, 2014, p. 25)

A proposta metodológica consiste no uso daqueles instrumentos ou ferramentas mais apropriadas e personalizadas, que permitem realizar, na sala de aula, o Paradigma Pedagógico Inaciano. Algumas, como a preleção e a repetição, constituem resgate literal de instrumentos dos Exercícios Espirituais e da *Ratio Studiorum*.

A busca por uma educação integral é coerente com a proposta educativa das instituições educativas Jesuítas, no que se refere à ênfase que ela coloca no crescimento integral das pessoas e no aperfeiçoamento permanente das mesmas dentro de uma estrutura de participação da comunidade educativa.

Sob a inspiração da pedagogia Inaciana, as instituições jesuítas levam o aluno a refletir a formação a partir do Paradigma Inaciano, quando percebe algo com maior clareza; quando diagnostica as causas dos sentimentos que experimentou; quando penetra mais a fundo nas implicações do que chegou a entender; quando constrói convicções pessoais sobre fatos, verdades, opiniões; quando consegue compreender quem é e quem deveria ser em relação aos outros. Assim, todo o processo da Pedagogia Inaciana está orientado a conseguir seus objetivos,

concretizados e manifestados no Paradigma Inaciano que, em síntese, leva o educando a estar comprometido com a fé, a justiça e o "ser para os demais".

A Companhia de Jesus é reconhecida no mundo inteiro por seu trabalho missionário e por sua atuação nas áreas educacional, espiritual, intelectual e social. É tradição da Companhia de Jesus a inovação. Como Ordem Religiosa, o objetivo é ir pelo mundo e anunciar o Evangelho. Para atingir esse objetivo, já se utilizou de muitos recursos que são considerados inovações e criatividade ao longo do tempo. A tradição da Companhia de Jesus é a inovação e estar à frente de seu tempo. No Brasil, vem passando por transformações, quando passa a ter uma organização única, reunindo todos os jesuítas e obras de todo o país em uma província: a Província Jesuítas do Brasil.

A Companhia de Jesus, em sintonia com as orientações da Igreja Universal e Latino-Americana, tem trilhado um rico caminho de revitalização da tradição educativa que construiu ao longo dos últimos quatro anos. O Colóquio Internacional sobre Educação Básica Jesuíta, em 2012, marcou o início de um ciclo de troca de experiências, reflexões e renovação do trabalho realizado na educação básica em nível mundial (PEC,2016, p.24).

Neste novo horizonte de trabalho da Companhia de Jesus na área de Educação, constituiu-se, como presença apostólica, a Rede Jesuíta de Educação, articulando as unidades educativas e o trabalho realizado neste campo, no Brasil.

Ao constituir-se como presença apostólica que atua em rede, articulando as unidades educativas entre si e também com as demais presenças apostólicas das respectivas plataformas, a Companhia de Jesus pretende que o trabalho educativo realizado nos colégios seja cada vez mais aberto e orientado pelo espírito de corpo e pelo discernimento. A Rede Jesuíta de Educação está constituída para que os colégios da Companhia de Jesus no Brasil sejam, cada vez mais, lugares de transformação evangélica da sociedade e da cultura por meio da formação de homens e mulheres conscientes, competentes, compassivos e comprometidos. (PEC, 2016, p. 27)

Com esta reorganização de governança, a Rede Jesuíta de Educação tem um trabalho educativo do Nordeste ao Sul do país.

A RJE ainda é jovem, possui pouco mais de dois anos de existência e já tem dado passos significativos. As 17 Unidades somam aproximadamente 30 mil alunos, sendo que mais de 5 mil são alunos de inclusão social. Esta diversidade de alunos e contextos requer contínua atualização do corpo de profissionais, já que o atual modelo escolar está dando mostras de que está

ultrapassado e não responde mais adequadamente ao perfil do discente. (SUNDERMANN, 2016, p.1)

Para dar conta de uma proposta de mudança no campo educacional havia a necessidade de uma organização pedagógica e de missão que revelasse a identidade e finalidade das obras educativas da Companhia de Jesus no Brasil. O objetivo é de reposicionar o trabalho da Companhia de Jesus no Brasil, na área da Educação. Este trabalho se concretiza com a elaboração do PEC. Nunca antes no país tivemos um momento como o proporcionado pelo PEC. Nunca aconteceu um momento como este, de tanta ebulição, efervescência, construção coletiva e avanços na área educacional.

Muitos textos, documentos, e oportunidades contribuíram para a construção do PEC. Uma tarefa coletiva, com participação de aproximadamente 2000 educadores de todas as obras jesuítas na área da Educação do Brasil, ressaltaram o enfoque coletivo, uma coprodução, feito inédito no campo educacional.

O PEC oportuniza propostas de avanço, de crescimento e inovação. Não se trata de uma melhora apenas, nem aprimoramento, mas inovação, a mudança, o novo e a desafiadora proposta de atuação de forma mais eficiente, como não se realizava anteriormente.

O atual modelo de ensino tradicional, pautado no repasse de informações, descuidando da aprendizagem e muitas vezes desconectado da vida, não está mais respondendo à educação integral. Por isso, a Companhia de Jesus no Brasil decidiu inovar. A percepção de que o educando está desmotivado, frustrado e até chateado em sala, fez com que a RJE apostasse num novo jeito de educar. Trata-se de partir da construção do conhecimento que tem por base um currículo embasado sobre as múltiplas informações que o aluno traz consigo. (SUNDERMANN, 2016, p.1)

Ele embute a ideia de ruptura do convencional, do clássico, do habitual. Os parâmetros de atuação e desenvolvimento do fazer pedagógico se dão em forma de rotina, com procedimentos utilizados há anos e que não atingem mais as expectativas do tempo moderno. É outro paradigma. Faz-se necessária uma preparação para a condução deste processo. São muitos sonhos

abre-se uma nova chave de leitura que nos desafia a reorientar nossas práticas e buscar novos caminhos. Uma vez que os desafios do contexto atual são grandes, maiores ainda deverão ser a coragem e esperança. (PEC, 2016, p.29)

O PEC traz uma legitimação da mudança como nunca houve. Antes, o professor ousado, mais avançado, com preparação para fazer a diferença, sentia-se sozinho na escola. Muitos professores queriam inovar, mas a estrutura disciplinava, engessava, retardava o avanço. Agora estamos no caminho contrário: o professor é estimulado a inovar, a fazer a diferença.

A construção do PEC inicia em 2013, com um encontro nacional de diretores gerais, para pensar e organizar a Educação Básica em termos de rede nacional. A partir de 2014, buscou-se uma articulação nacional, envolvendo e desenhando estratégias de construção deste documento comum. Foram estabelecidos dois grupos de trabalho. Sundermann, em seu artigo, nos indica que “o primeiro teve a tarefa de pensar dois grandes seminários nacionais que envolvessem quase duzentos profissionais Jesuítas e leigos de nossas escolas; depois pensar estratégias de disseminação da reflexão feita nas respectivas Unidades.”

A partir desta disseminação, deparou-se com uma riqueza no material recolhido, onde aparecem muitas sugestões, propostas, receios e possibilidades. Outros processos foram realizados, tal como a hierarquização dos valores.

O Exercício de hierarquização foi feito na plataforma moodle, em torno de três eixos: Currículo e aprendizagem, Formação e capacitação dos profissionais que colaboram na missão, e gestão e rede. O exercício merece destaque pela ampla participação. Mais de 2200 profissionais responderam ao convite, e porque o mesmo permitiu a eleição do que se apresentava como mais importante na construção do documento. Após isso o primeiro grupo de trabalho fez o consolidado do mesmo repassando os conteúdos ao segundo grupo de trabalho, um grupo mais reduzido de profissionais, que assumiu a tarefa da redação do documento. (SUNDERMANN, 2016, p.3)

O período de vigência do PEC é de quatro anos, iniciando em 2016 e tendo seu término previsto para 2020, sendo realizados os ajustes e adequações dentro das unidades escolares, para sua concretização e efetivação.

O sentido de coletividade e experiência comunitária da Rede cobra um avanço extraordinário, um movimento que aconteça em todas as escolas, em todas as estruturas da Companhia de Jesus no Brasil.

O padre Jose Alberto Mesa, Secretário Internacional de Educação da Companhia de Jesus, em recente visita ao Colégio São Luís de São Paulo, encoraja a mudança das estruturas rígidas e fixas para a construção de uma coletividade e uma escola cada dia mais viva. Para o Secretário, a fórmula das escolas jesuítas é

tocar o coração, transformar as pessoas, para que elas sejam muito melhores. Padre Mesa destacou a Companhia como uma instituição viva, cheia de possibilidades e, como tal, sempre em constante renovação para garantir uma educação de qualidade, alinhada às necessidades da sociedade. Ele destaca que “só podemos educar se tocarmos o coração dos alunos. É a formação integral e não apenas conhecimento”. Destacou, também, a importância da formação constante de educadores para que novas práticas pedagógicas cheguem às salas de aula.¹

A instituição mais conservadora da sociedade é a escola, a que menos se renova. E o profissional que menos se renova é o educador.

O professor emérito da Universidade Federal de Santa Maria, Ronaldo Mota, ex-secretário de desenvolvimento tecnológico e inovação no Ministério da Ciência e ex-secretário de ensino superior do Ministério da Educação, afirma que

a escola precisa formar pessoas aptas a viver nesse cenário de constante inovação. No modelo fordista (*sistema predominante no século XX marcado pela linha industrial de produção*), o papel da educação era formar técnicos competentes, aptos a atuar na produção tradicional para desenvolver tarefas com eficiência. Definitivamente, educação não é mais isso. O mundo não é mais fordista. Hoje, o sucesso ou não das empresas está associado diretamente à capacidade de inovar. O problema é que a escola segue se preparando para o antigo modelo. É como formar profissionais competentes que podem trabalhar em uma gráfica em vez de formar designers capazes de atuar em várias plataformas de comunicação. As instituições de ensino ainda não são, em geral, capazes de fazer esse raciocínio, pois carregam um atraso intrínseco. A título de comparação, tomemos o que aconteceu na área financeira nos últimos 30 anos: os bancos de hoje em nada lembram as instituições do passado devido à ascensão tecnológica. Enquanto isso, a escola permaneceu absolutamente a mesma. Ainda mantemos a figura clássica do professor que entra na sala de aula e apresenta o conteúdo para os alunos como se eles não soubessem nada. Isso, porém, não deve nos dar a ilusão de que a escola não será transformada: ela será. (Revista VEJA, 2017)²

O educador não se renova por muitos motivos, seja por salários, seja por uma questão de se acostumar com o já feito. O professor vai reproduzindo aquilo que ele já tem. Não se arrisca ao novo. Na Rede Jesuíta de Educação, estamos em um feliz e oportuno momento, onde ousar é possível, ousar é desejável.

¹ Trecho retirado do site do Colégio São Luis – São Paulo/SP. <http://www.saoluis.org>, disponível em 27/09/2017.

² Trecho retirado de entrevista da Revista VEJA através do site <http://veja.abril.com.br>, disponível em 16/10/2017.

A consideração da diversidade de estilos e ritmos de aprendizagem guia os professores na preparação dos planos das aulas e na seleção e organização dos materiais utilizados para propor e avaliar as aprendizagens. Baseados nas opções expressas no currículo, o professor propõe situações diferentes de mediação para atender os sujeitos da aprendizagem que se encontram em momentos distintos. Entendemos que a separação entre ensino, aprendizagem e estudo em momentos estanques está superada e que o trabalho docente precisa ser organizado a partir da aprendizagem e das metas definidas para as múltiplas dimensões envolvidas no processo. (PEC, 2016, p.47)

O PEC começa com a construção coletiva e com colaboradores de todos os colégios jesuítas no Brasil. Organizados em Seminários, os educadores puderam vivenciar e experimentar uma pergunta fundamental: O que nós queremos e sonhamos para as escolas jesuítas? Que Educação, que escola é esta que sonhamos? E isto está bem refletido na capa do PEC com uma pergunta inspirada na autobiografia de Santo Inácio de Loyola: Que nova vida é esta que agora começamos? A pergunta provocadora motiva as discussões e reflexões, propondo que não se quer uma mudança superficial.

Outro ponto importante a destacar neste processo é: Que amor nos move? Uma frase dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio Loyola, quando se vai começar o chamado processo de eleição, momento em que há a provocação: já se está preparado para eleger um estado de vida ou para optar por um estilo de vida mais comprometido? Santo Inácio nos coloca uma indagação prévia. Uma pergunta para a vida toda. Que amor nos move para ousar, inovar?

Compreender a importância de eleger e perceber a moção do trabalho de inovação e inspiração, de acordo com Filho (2014):

Dentre os desejos, por vezes claros, com frequência confusos, que levam uma pessoa a se engajar na experiência dos Exercícios Espirituais, sobressai o sentimento de que ele precisa determinar, diante de Deus, o ponto ou os pontos em torno dos quais se afirmará a unidade do seu existir e será libertada a sua energia criadora (FILHO, 2014, p. 113)

Em que consiste, finalmente a eleição? Consiste em eleger, escolher para mim o desejo, a eleição de Deus sobre mim. Deus necessita de minhas ações concretas, se assim podemos dizer, para se tornar presente num espaço histórico determinado. Para que isso aconteça, é necessário que "já não seja eu quem viva, mas Cristo quem viva em mim". (FILHO, 2014, p. 114)

Essas perguntas são fundamentais dentro deste processo de mudança e inovação na Educação jesuíta no Brasil: O que eu quero e que amor me move? Amor entranhado, compassivo, compenetrado com o aluno, que é o centro da

aprendizagem. O aluno é centro e foco de todo o trabalho. Há a necessidade da formação de centros de aprendizagem e não mais com o foco somente no ensino. O processo é de construção coletiva e de diálogo.

Superando a discussão sobre o protagonismo escolar, importante em seu tempo, acreditamos que professores, alunos, famílias, profissionais não docentes, todos são protagonistas do processo educativo, participando de diferentes formas e lugares da vida escolar. Sem sombra de dúvidas, o principal foco de todo trabalho desenvolvido é o aluno, sujeito das aprendizagens propostas, mediadas pelo professor e por tantas outras possibilidades de acesso à apropriação e reelaboração do conhecimento. Nas escolas da RJE, o papel do professor é mais que o de mediador das aprendizagens, especialmente em tempos de tamanha diversidade de 'mediações'. O professor é o profissional que propõe o caminho, apresenta o mapa e acompanha os estudantes, indicando critérios para que a apropriação do conhecimento seja feita de maneira significativa e com valor (PEC, 2016, p. 2)

Há muitas incoerências nos colégios. São incoerências institucionais provocadas pelos agentes da escola. Para a execução desta proposta de mudança não há como não pensar em educação integral, de tempo integral, uma maior dedicação e aproveitamento do tempo.

Não se trata de fazer mais e a mesma coisa, mas fazer mais e diferente. Fazer a diferença na vida do aluno não pensando que este é mero receptor de conteúdos, como uma caixinha onde é depositado um monte de coisas que, muitas vezes, não farão sentido na vida deste educando.

A grande proposta do PEC é, portanto, antes de qualquer mudança didática, um chamado à vivência da educação integral, em tempo integral. Não há como fracionar o tempo e dividir espaços. Deve-se investir nesta perspectiva diferenciada. As atividades devem ser diversificadas. Muitos são os benefícios desta proposta. Os pais teriam conforto, como influência educativa, como socialização entre os alunos e educadores. O PEC aponta na perspectiva da aprendizagem integral. “Nas instituições educativas da Companhia de Jesus, a aprendizagem se dá na perspectiva do desenvolvimento pleno do sujeito” (PEC, 2016, p. 42), assim não há como se fazer em tempo restrito e espaços estanques.

O modo de relacionamento dos sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem deve ser igualmente pleno. Hoje, o educador tem que dividir seu tempo e esforços entre muitas instituições devido à baixa valorização dos

profissionais. Poucos conseguem dedicar-se exclusivamente a uma escola. Dedicção exclusiva ainda é um sonho. Não há como fazer um trabalho pleno com contextualização, experiência, reflexão e resultado sem uma apropriação afetiva muito mais significativa.

A pedagogia dos jesuítas é eminentemente uma pedagogia de pesquisa e se faz numa dimensão coletiva, onde os agentes se envolvem e participam neste redimensionamento da construção do conhecimento. Isso vem desde a *Ratio Studiorum*, uma das primeiras organizações em Educação jesuíta. A pesquisa exige exercícios, produções, simulações, ensaios, tempo, experiências e vivências. Qualquer mudança pedagógica que queiramos fazer, primeiramente temos que observar o tanto que ajuda o aluno a ser um construtor, um inventor, usar a criatividade, ser original.

As Características da Educação da Companhia de Jesus insistem na profundidade, na originalidade.

Vivemos num mundo de muita superficialidade. O mundo é epidérmico. Atualmente, a centralidade das relações, sejam elas humanas, com a natureza e os bens, está no imediatismo, nos resultados rápidos, na pouca concentração de esforços. Há pouca profundidade nas relações humanas e nos valores sociais. Ao contrário, a Educação jesuíta nos chama a viver e experimentar a profundidade, a relação com a vida e a formação integral, conforme nos apontam as Características da Educação da Companhia de Jesus.

Uma vez que a educação é um processo que se prolonga por toda a vida, a educação jesuíta tenta inculcar uma alegria de aprender e um desejo de aprender que permaneçam para além dos tempos de colégio. Mais, talvez, que a formação que lhes damos, vale a capacidade e a ânsia de continuarem se formando que possamos infundir-lhes. Aprender é importante, mas muito mais importante é aprender a aprender e desejar continuar aprendendo, durante toda vida. (Características da Educação da Companhia de Jesus, 1989, p. 46)

O outro ponto a ser considerado fica na indagação: como aprendemos? A resposta está na disposição para aprender. A disposição para aprender é o ânimo. Santo Inácio de Loyola dizia: grande ânimo e generosidade. A boa vontade de aprender é a motivação. A valorização dos pré-saberes, do conhecimento novo e do ciclo cognitivo.

Muito aproveita, ao que recebe os exercícios, entrar nele com grande ânimo e liberdade para com o seu Criador e Senhor, oferecendo-lhe todo o seu querer e liberdade, para que sua divina majestade, assim de sua pessoa como de tudo que tem, se sirva conforme a sua santíssima vontade. (EE, nº 5)

A liberdade em dispor ânimo e generosidade para o serviço, dispondo-se a aprender, coloca todo o ser nesta disposição para mais aprender. Observa-se, assim, aquilo que o indivíduo é e traz consigo como saberes.

A pedagogia tradicional não valoriza os pré-saberes. Estes devem ser apurados, diagnosticados, para que possam dialogar com os novos conhecimentos adquiridos. Importante é levar o aluno a perceber o quanto traz de conhecimento e confrontar com o que ele produziu de conhecimento novo.

O educador é aquele que ajuda a aflorar aquilo que ele não plantou dentro do aluno. A construção do conhecimento é dialogada. Os alunos têm informação de maneira rápida e fácil e dispõem de inúmeras ferramentas que possibilitam o contato com dados. A escola não fornece mais dados, mas aponta a direção da construção do conhecimento. Nesta nova proposta, o que chama inovação, o professor não pode ser um mero despejador de conteúdo, um verificador. Deve, sim, atizar o aluno ao conhecimento. O foco deve ser a aprendizagem, motivar o aluno para que ele aprenda de fato.

O PEC insiste na centralidade do aluno no processo de aprendizagem. O aluno não é mais o receptor. Diante de um saber externo, quem se atreve? Ninguém fala nada. Ninguém se expõe. Toda a formação tem que ser uma construção coletiva.

“Muitos professores reconhecem que foram educados em um modelo linear de ensino e desejam novo jeito de educar. Percebem que o projeto da Rede responde a este desejo e a esta demanda. Assim, aos poucos vão se encantando com a proposta e a Rede vai quebrando paradigmas”. Penso que um educador inaciano tem brilho nos olhos, ama os alunos, se abre à inovação, enfrenta os desafios de cabeça erguida, e é portador de esperança e fé, acreditando que outra educação e outro mundo são possíveis. (SUNDERMANN, 2016, p.4)

Sundermann continua ainda a nos convidar e perceber que

“vida e a história do aluno e da aluna são solo sagrado, no qual só é permitido semear vida e esperança, construir conhecimento e aprendizagens significativas, cultivar a esperança e a fé, promover cidadania e justiça capazes de sustentar uma existência marcada por valores éticos e morais. Revitalizar a educação jesuíta no Brasil em sua

tradição viva significa apontar caminhos capazes de promover a aprendizagem integral de nossos alunos e alunas. (SUNDERMANN, 2016, p. 4)

Assim, o PEC nos inspira aos sonhos e a novidade. Fazer novo e fazer mais, inspirando para a vivência e a experiência da construção de uma sociedade mais profunda, justa e fraterna, assumindo, no novo e no criativo, novas possibilidades de fazer a diferença neste processo de construção comunitária e coletiva.

Percebemos que temos reproduzido muitas ações e inovado pouco. Às vezes, estas ações têm sido realizadas, mas de maneira tímida, acanhada e, por vezes, de forma intuitiva. Este documento vem dar forças, ânimo e coragem para que os professores façam diferente e inovem. Anima para que a criatividade seja trabalhada e possa fazer mais do que tem sido feito hoje.

Como um fogo que acende outros fogos, o PEC vem iluminar e conduzir novas práticas, com coragem, ânimo e criatividade. É característica de Pedagogia Inaciana o caráter humanista e humanizador. Não há como negar que a criatividade é elemento essencialmente humano e que deve ser priorizado, potencializado, para que gere frutos na construção de um indivíduo pleno, integral, com dons e qualidades colocados a serviço de Deus e dos demais, na edificação de um mundo mais justo solidário e fraterno.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

Neste capítulo, apresento a metodologia de pesquisa a ser utilizada no trabalho, a intervenção escolhida para analisar as atividades, as ações e o modo de proceder no campo de pesquisa pelos atores envolvidos. Apresento delineamento da pesquisa com sua metodologia e o método utilizado, as técnicas de coleta de dados e a análise e reflexão dos dados levantados.

5.1 Técnicas de produção de dados.

A fase de sondagem foi realizada com o objetivo de conhecer melhor os colaboradores e o fazer pedagógico dos mesmos, ouvindo-os sobre suas necessidades, possibilidades, expectativas na direção de um trabalho pedagógico mais contínuo e favorecedor das práticas educativas mais criativas e focadas na aprendizagem.

Tendo em vista este objetivo, foram utilizadas as técnicas de observação participante, análise documental e entrevistas semiestruturadas como instrumentos de coleta de dados para identificar os sujeitos a serem envolvidos.

A pesquisa caracterizou-se como uma abordagem qualitativa, tendo em vista seu caráter participativo e propositivo no que tange à construção coletiva de práticas pedagógicas criativas. Para Gil (2008, p. 272),

Por meio do método qualitativo, o investigador entra em contato direto e prolongado com o indivíduo ou grupos humanos, com o ambiente e a situação que está sendo investigada, permitindo um contato de perto com os informantes.

A metodologia qualitativa oportuniza maior contato e busca do foco, uma vez que fazemos parte deste grupo de trabalho no campo empírico. A proximidade com os sujeitos da pesquisa e a aproximação facilitaram o compartilhamento de histórias, ideias, modos de proceder, compreensão e significação das diferentes práticas, diferentes ideias e visões acerca do uso da criatividade. Portanto, conforme Minayo (2002, apud. Gil, 2008, p.271),

A pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos.

5.1.1 Observação Participante

A pedagogia Inaciana nos inspira a uma análise do processo de aprendizagem, articulando o modo de pensar, de atuar e de sentir a aquisição do conhecimento. Trata-se de um estilo de viver, um comportamento e um modo de se relacionar com o mundo, com os outros e com a própria vida. Assim, o envolvimento e a pesquisa requerem participação e observação no processo de análise e coleta de dados. De acordo com Minayo (2013), a observação participante

pode ser considerada parte essencial do trabalho de campo na pesquisa qualitativa. Sua importância é de tal ordem que alguns estudiosos a consideram não apenas uma estratégia no conjunto da investigação das técnicas de pesquisa, mas como um método quem, em si mesmo, permite a compreensão da realidade (MINAYO, 2013, p. 70)

Por ser professor atuante no Colégio Anchieta não há como dissociar a pesquisa da prática e o envolvimento, permitindo melhor organização das informações qualitativas coletadas.

A proximidade com o campo e os atores da pesquisa torna-se uma virtude e uma necessidade no sentido prático de análise e compreensão do contexto da pesquisa. Nesta praticidade da observação participante, tive a possibilidade de contato direto no processo de pesquisa, selecionando e qualificando os instrumentos utilizados para a compreensão das hipóteses e de pontos relevantes. Há uma valorização, neste sentido, da observação participante

Na medida em que convive com o grupo, o observador pode retirar de seu roteiro questões que percebe serem irrelevantes do ponto de vista dos interlocutores; consegue também compreender aspectos que vão aflorando aos poucos, situação impossível para um pesquisador que trabalha com questionários fechados e antecipadamente padronizados. A observação participante ajuda, portanto, a vincular os fatos a suas representações e a desvendar as contradições entre as normas e regras e as práticas vividas cotidianamente pelo grupo ou instituição observados. (MINAYO, 2013, p. 70-71)

Assim, com a observação participante, revelou, através de um diário de campo, escrever todas as informações obtidas a partir deste instrumento para a análise qualitativa. A intenção está na interação com o campo de pesquisa e seus

agentes, analisando os meios, as relações interpessoais, os problemas e as hipóteses de utilização da criatividade.

5.1.2 Entrevista Semiestruturada

Para coleta de informações optei, também, pela entrevista semiestruturada, por considerar que permite uma certa organização dos questionamentos, ao mesmo tempo que pode ser ampliada à medida que os dados são coletados.

Participaram da pesquisa o grupo de coordenadores de área/disciplina, em torno de 8, que atuam como professores e também no acompanhamento pedagógico de suas áreas do conhecimento.

A entrevista, conforme nos indica Minayo (2013), “tem o objetivo de construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes com vistas a este objetivo”.

Deste forma, através de perguntas fechadas e abertas, o entrevistado tem a oportunidade de refletir sobre a temática da criatividade, suas práticas e a de seus pares, fazendo uma análise e colaborando para o entendimento da temática da pesquisa.

A entrevista como fonte de informação pode nos fornecer dados secundários e primários de duas naturezas: (a) os primeiros dizem respeito a fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas, registros civis, documentos, e outros; (b) os segundos – que são objetos principais da investigação qualitativa – referem-se a informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia. (MINAYO, 2013, p. 65)

A entrevista proporcionou uma interação com os sujeitos da pesquisa de forma dinâmica, expressando, à sombra da realidade, a reflexão destes atores, denunciando o contexto e as informações observadas por eles, que são importantes para a compreensão do uso da criatividade, e dos processos desenvolvidos no campo empírico. As entrevistas serão gravadas e disponibilizadas no contexto da pesquisa.

Os entrevistados foram escolhidos a partir do envolvimento com o entrevistador, no processo de interação e diálogo, conforme nos sugere Minayo (2013), que revela

a inter-relação, que contempla o afetivo, o existencial, o contexto do dia a dia, as experiências e a linguagem do senso comum, no ato da entrevista é condição *sine qua non* do êxito da pesquisa qualitativa.

5.1.3 Análise Documental

A Companhia de Jesus no Brasil começa a se organizar em apenas uma Província. Muitos documentos vêm sendo elaborados para formar esta organização. Na área da Educação, temos como um dos exemplos o PEC. Há, também, outros documentos que gerenciam e permeiam o fazer pedagógico nas escolas jesuítas no Brasil.

A presente pesquisa exigiu análise de evidências documentais, mostrando uma alternativa valiosa de orientação do modo de proceder.

De acordo com Bell (2008)

Ao empreender um estudo usando documentos, é possível seguir duas abordagens diferentes. Uma delas tem sido chamada de abordagem “orientada para a fonte”, você deixa a natureza das fontes determinar seu projeto e ajudá-lo a gerar questões da pesquisa. (BELL, 2008, p. 107).

Assim, a leitura e análise dos documentos conduziram a orientação e análise da utilização da criatividade e do novo modo de proceder, orientado pelos documentos da área de educação da Companhia de Jesus no Brasil.

Houve um processo de investigação, que é objetivo, para analisar as novas demandas e desafios para a educação jesuíta no Brasil e a necessidade de novos caminhos criativos para responderem a esta demanda.

5.2 Análise de dados.

As informações obtidas através dos diferentes instrumentos de pesquisa foram trabalhadas e tiveram tratamento e análise, com a finalidade de compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das análises.

O objetivo da análise é de organizar, classificar e sistematizar os dados coletados, para que se possa analisar a problemática levantada. No caso, o uso da criatividade. Andrade (2010) nos apresenta que

A interpretação procura um sentido mais amplo nas respostas, estabelecendo uma rede de ligações entre os resultados da pesquisa, que são cotejados com outros conhecimentos anteriormente adquiridos (ANDRADE, 2010, p. 139)

Os dados serão trabalhados de acordo com a organização abaixo:

- a) Produção de dados;
- b) Crítica dos dados;
- c) Apuração dos dados, ordenação e organização;
- d) Interpretação dos dados.

O foco principal da pesquisa está na exploração do conjunto de opiniões, reflexões e exposição dos dados pertinentes ao uso ou não da criatividade no fazer pedagógico. Estes dados serão utilizados através dos recursos pertinentes ao registro, tendo a preocupação com a fidedignidade dos dados e levantamentos.

De acordo com Minayo,

Uma pesquisa não pode se restringir à utilização de instrumentos apurados de coleta de informações. Para além das informações acumuladas, o processo de trabalho de campo nos leva, frequentemente, à reformulação de hipóteses ou, mesmo, do caminho da pesquisa. Enquanto construímos dados colhidos e os articulamos a nossos pressupostos exercitamos nossa capacidade de análise que nos acompanha em todas as fazes (MINAYO, 2013, p. 75).

Assim, o trabalho de análise partiu da compreensão contextualizada e no levantamento dos dados, interpretando-os a partir da relação entre teoria e prática, entendendo as estruturas e processos em que está inserida a criatividade.

5.3 Comitê de Ética em Pesquisa

O trabalho foi apresentado para análise do Comitê de Ética em Pesquisa da UNISINOS, através da Plataforma Brasil, tendo sido aprovado. De acordo com o Comitê, o trabalho reflete sobre os aspectos éticos da pesquisa e seus riscos nos documentos apresentados. O projeto de pesquisa analisa um tema relevante para o campo da Educação, especialmente para a área da Gestão Educacional. Da forma como foi desenvolvido e estruturado, o projeto atende aos requisitos exigidos por um projeto de pesquisa de mestrado, apresentando fundamentação teórica, delimitação

dos objetivos e adequação aos procedimentos metodológicos propostos, e cronograma exequível.

6. LEITURAS SOBRE A CRIATIVIDADE E PRÁTICAS NO COLÉGIO ANCHIETA – NOVA FRIBURGO/RJ

Neste capítulo, apresento a riqueza e a grandeza de entendimentos, análises e práticas desenvolvidas ou percebidas pelos agentes de minha pesquisa: professores e coordenadores. São imagens, retratos, reflexos do uso da criatividade ou sua necessidade no cotidiano e no fazer desta escola. Apreciar, entender, saborear essas imagens, analisá-las e interpretá-las tornaram-se tarefas prazerosas de uma viagem de muitas leituras e possibilidades, considerando os autores de referência da pesquisa e os discursos e práticas dos professores que se dispuseram a compartilhar seus saberes e sabores.

Esse ato de dedicação e cuidado nos inspira que

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas de um modo diferente de olhar e pensar a realidade a partir de uma experiência, de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais. (DUARTE, 2002, p.140)

As entrevistas e observações buscaram identificar, conhecer o modo de atuação e a utilização da criatividade e suas técnicas, procurando identificar as formas de atuação dos professores e coordenadores no Colégio Anchieta. A análise destas práticas oportunizará a construção e a implementação de estratégias, novas e próprias, visando tornar a ação educativa cada vez mais criativa.

O Colégio Anchieta, assim como outras obras educativas da Companhia de Jesus, é um centro educativo de tradição, o que não significa tradicionalista, em sua visão e tendência pedagógica. Sendo assim, sempre esteve presente nos ideais da Companhia de Jesus, vinculada expressamente à inovação. A Companhia dedicou-se a fazer diferente, proporcionar a formação integral e despertar o lema “ser mais para os demais” em seus alunos.

Para dar conta dessa etapa do trabalho, assim o dividi: no item 7.1, está retratado o perfil dos entrevistados, suas relações e percepções do elemento criatividade em sua vida como elemento constitutivo, bem como no acompanhamento do trabalho dos colegas professores, os quais acompanha; o item 7.2 refere-se ao entendimento sobre o conceito criatividade e suas relações. Procuramos investigar as memórias do tempo de estudante e se isto interfere no

modo de ser e de fazer docente, além da análise de tempo para a potencialização da criatividade. Procuramos analisar se há um tempo para o desenvolvimento da criatividade ou se ela pode ser desenvolvida a qualquer tempo. No item 7.3, investigamos a criatividade no fazer docente, com suas facilidades e dificuldades; no 7.4, estudamos sobre os elementos impeditivos das boas práticas criativas, com seus currículos, conteúdos e metodologias. Há muitos fazeres criativos e com poucos recursos, o que evidencia que não são necessários grandes aparatos aos fazer diferente e inovador. Nesta seção, ainda investigamos se as Tecnologias Digitais são inovações e criatividade ou se a dificuldade está na metodologia. Por fim, no item 7.5, apresentamos, a partir dos estudos e análises, a proposta de intervenção em formação e oportunidades para o exercício da criatividade e do fazer criativo.

6.1 Os sujeitos da pesquisa e sua relação com a criatividade

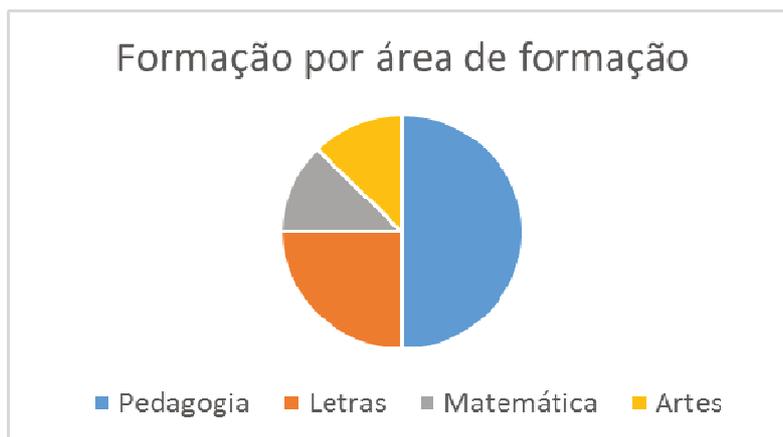
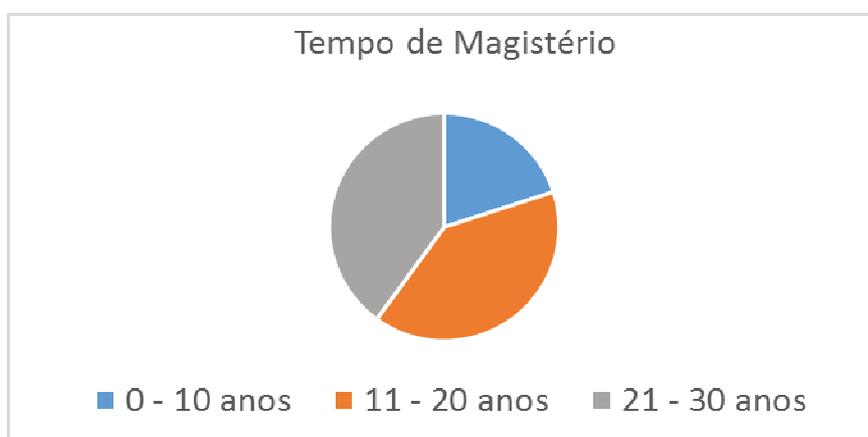
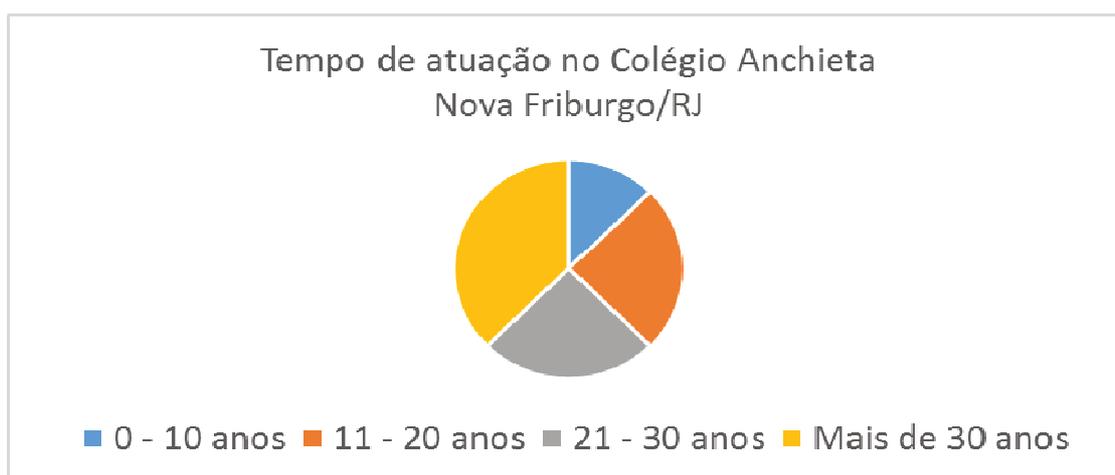
A leitura da criatividade no fazer pedagógico é fundamental para compreender a importância dada a este elemento essencial no processo educativo. No trabalho de pesquisa, procurei saber e conhecer o âmbito de atuação destes profissionais. Foram indagados sobre o uso da criatividade no seu fazer pedagógico. Na interação com os professores, percebemos que, de uma maneira geral, os professores a utilizam.

“Como recurso humano, uma ferramenta pedagógica, vejo pouco. Sinto que é pouco explorada e mal compreendida, em algumas vezes. Nossas escolas carecem de entendimento e de ousadia nesse campo. As iniciativas acabam sendo tímidas e pontuais.” (C8)

6.1.1 Perfil dos professores/coordenadores que participaram da pesquisa

Foram entrevistados oito coordenadores, atingindo diversas áreas do conhecimento: Teologia, Língua Portuguesa, Ciências, Matemática, Artes, além de Coordenações de série e pedagógica.

Os entrevistados, que constituíram o foco da pesquisa, atuam nos Ensinos Fundamental e Médio, atingindo todas as séries destes segmentos. Além deste fator, trabalham há muitos anos no Colégio Anchieta e revelam suas práticas docentes e de acompanhamento pedagógico, conforme gráficos 2, 3 e 4 e quadro 3.

Gráfico 2 – Formação por área de atuação¹Gráfico 3 – Tempo de atuação no Magistério²Gráfico 4 – Tempo de atuação no Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ³

¹ Gráfico produzido pelo autor.

² Gráfico produzido pelo autor.

³ Gráfico produzido pelo autor.

Professor	Idade	Gênero	Graduação	Estudos Adicionais	Tempo no Magistério	Tempo de Colégio Anchieta
C1	54 anos	F	Pedagogia	Especialização em Currículos e Práticas. Mestrado em Criatividade	33 anos	22 anos
C2	41 anos	M	Letras	Especialização e Mestrado em Estudos da Linguagem.	21 anos	17 anos
C3	57 anos	F	Pedagogia	Especialização em Alfabetização Letramento	39 anos	32 anos
C4	70 anos	F	Letras	Especialização em Língua Portuguesa.	40 anos	35 anos
C5	47 anos	F	Pedagogia	Especialização em Psicopedagogia	17 anos	15 anos
C6	51 anos	F	Matemática e Ciências	Especialização em Currículos e Práticas. Mestrado em Criatividade	35 anos	32 anos
C7	52 anos	F	Artes	Especialização em Artes Visuais	30 anos	4 anos
C8	48 anos	F	Pedagogia	Especialização em Orientação Educacional e Mestrado em Criatividade.	31 anos	21 anos

Quadro 2 – Perfil dos professores/coordenadores entrevistados.⁴

Como optei por não registrar os professores/coordenadores pelo nome, usarei a sigla C (Coordenadores), seguida de número de identificação.

O quadro 1 apresenta o perfil dos professores/coordenadores entrevistados, contendo idade, gênero, formação, tempo de magistério e tempo em que atuam na escola, além do campo de atuação profissional.

⁴ Quadro produzido pelo autor.

6.1.2 A criatividade no fazer dos sujeitos da pesquisa

Estas, talvez, tenham sido as falas mais corajosas e instigantes. As pessoas utilizam pouco a criatividade no seu trabalho. Há que se investigar mais detalhadamente as causas deste uso ou não nesta unidade. De uma maneira geral, a percepção é pela utilização, mas há uma carência muito grande. O caminho é longo a se percorrer.

“Eu procuro fazer, mas eu acho que ainda tenho muito que mudar, que melhorar, porque a gente acaba ficando presa a essas questões que vivenciamos. De tanto tempo daquela rotina, de achar, por exemplo, eu ainda tenho dificuldades de aprender com muito barulho, com outras pessoas falando junto. Os jovens de hoje já conseguem fazer isso. É uma questão de exercício mesmo, de você fazer pela questão de a gente ter vivido nesse momento. Eu aprendo enquanto escuto, o outro fala. Claro que tem hora que um tem que falar e o outro escutar. Hoje a gente vê que o jovem aprende fazendo interações diferentes no mesmo momento. Ele consegue aprender assim. E a gente às vezes não aceita muito isso. Acha que ele não está aprendendo assim.” (C1)

Outra professora entrevistada despertou reflexão, uma vez que conheço seu trabalho há muitos anos. Em minha caminhada acadêmica, tive contato direto com suas aulas, e posso revelar que, de fato, a fala revela a prática, sendo o contrário também verdade.

“Sou criativa, sempre fui. Como Coordenadora de um LAB-Redação incentivo à criatividade e crio com a Equipe aulas inesquecíveis, multidisciplinares. Normalmente, são criativos, mas, muitas vezes, desestimulados por Coordenação e, também, por educandos.” (C4)

Muitas são as memórias do tempo de aluno, da educação básica, que me fazem pensar e refletir sobre o quanto estes profissionais me conduziram e me instigaram a fazer a diferença no mundo e no meu trabalho.

Outra entrevistada convidou a uma reflexão e análise de seu discurso. Surgem termos e expressões que precisamos investigar mais a fundo as causas e princípios. Quando indagada, se percebe o uso da criatividade no seu fazer pedagógico e no dos colegas. De acordo com C3, *“Ah percebo!. A criatividade copiada também. Hoje usa muita a internet. O que um faz, o outro copia. Inova! E a*

criatividade é isso. É você selecionar até o que os outros estão fazendo de bom para copiar.”

Até que ponto a criatividade é um elemento objetivo, que se possa copiar? E quando há elementos subjetivos? A criatividade pode ser copiada? Se é cópia, é criatividade? Eu, sinceramente, parei e me questioneei sobre este aspecto. A inovação pode ser de diferentes formas. Há a inovação do ineditismo, ou seja, nunca se viu nada igual antes: é inédito. Há, também, o aspecto de que determinado elemento - ação ou fazer - é novo dentro daquele contexto, mas já foi utilizado antes. Há experiências anteriores, mas, dentro deste contexto, é novo, diferente e inédito.

Entendo que, nesta perspectiva, a cópia não revela a criatividade que deve vir de dentro para a adequação e implementação do diferente. A cópia é uma representação, adequação de algo que já existe. Contudo, se você tem influências externas, elementos inovadores já implementados em outras experiências, estes podem ser material, conteúdo para a criatividade do indivíduo. Como um elemento subjetivo, a criatividade vem de dentro. No contexto escolar, por mais que nos apropriemos de outras produções, experiências e elementos, estes devem ser apenas um material, um conteúdo de partida para que outras experiências possam acontecer. É como a maiêutica socrática, onde reconheço as experiências, percebo elementos que me vêm externamente, mas abro espaço para novas experiências e a produção de um conhecimento próprio, novo e, de fato, inédito.

Liberto do orgulho e da pretensão de que tudo sabiam, os discípulos podiam então iniciar o caminho de reconstrução de suas próprias ideias. O objetivo de Sócrates era ajudar seus discípulos a conceberem suas próprias ideias. Assim, transportava para o campo da filosofia o exemplo de sua mãe, Fenareta, que, sendo parteira, ajudava a trazer crianças ao mundo. Por isso, essa fase do diálogo socrático, destinada à concepção de ideias, era chamada de maiêutica, termo grego que significa “arte de trazer à luz”. (COTRIM, 2006, p.100)

Os diálogos críticos oportunizam este crescimento e conhecimento a partir da desconstrução de um saber fixo e limitado. Há experiências inovadoras, e o “parto” de ideias pode ser uma constante no despertar da criatividade.

Uma professora trabalha diretamente com crianças menores, onde o potencial criativo parece estar à flor da pele e em constante fazer e refazer. As crianças são, por natureza, criativas. A fala revela muito deste pensamento.

“Eu percebo sempre. No meu contexto de trabalho nunca um dia é igual ao outro. Todo dia tem uma situação diferente. Tem problemas e tem vivências muito legais, mas em que a criatividade tem que estar o tempo inteiro. Às vezes eu venho programada para as situações. Daí acontece um monte de coisas que eu tenho que criar um desafio para uma atividade, para uma criança, para um professor e aí tem que ter aquele estalo na hora e pensar em como fazer. O tempo inteiro eu tenho que estar criando e inovando. A mente não para. Isso faz parte do fazer pedagógico diariamente.” (C5)

O desenvolvimento desta liberdade em conhecer dá protagonismo ao aluno e, certamente, contribui para o desenvolvimento da criatividade. Os estímulos e a criação de espaços e tempos diferentes de aprendizagem são potenciais de experiências criativas.

6.1.3 A criatividade e trabalho dos companheiros docentes

A percepção do trabalho desenvolvido pelos colégios é um aspecto importante a ser considerado. Nesta etapa, propus uma discussão sobre a visão que os entrevistados têm do trabalho dos colegas. A observação e acompanhamento do trabalho dos pares inspira a análise de novas possibilidades de espaços criativos e inovadores.

Os entrevistados, de uma maneira geral, entendem e percebem o trabalho dos outros e os esforços desenvolvidos para construir um fazer diferente, próprio e cheio de criatividade.

“A gente tem algumas linhas que alguns colegas adotam, que tem um trabalho muito criativo. Às vezes pessoas têm até muito mais tempo de trabalho do que eu e que são super criativas. Fazem trabalhos super criativos. Mas a gente ainda vê muito o ensino tradicional. Vê mais o tradicional do que o criativo.” (C1)

Esta mesma ideia é compartilhada por outro entrevistado, que percebe a importância do fazer criativo no ambiente escolar.

“Sim, eu percebo. No pedagógico os professores têm que estar o tempo inteiro pesquisando, inovando, senão a sala de aula torna-se cansativa, repetitiva. Hoje os alunos não querem mais aquelas aulas formatadas, o que nós vivenciamos. O aluno de hoje não quer. Daí, ele cansa, vai fazer

bagunça, vai desorganizar a estrutura da sala de aula. O professor tem que criar e usar a criatividade para atingir o aluno.” (C3)

Nesta perspectiva de entendimento há certas pesquisas que têm revelado a importância de a criatividade ser trabalhada no âmbito escolar. Godinho, (2008); Oliveira, (2007); Oliveira & Alencar, (2007); Silva, (2007) nos apontam que têm a criatividade tem sido trabalhada no colégio, mas não de forma intencional.

O professor possui competências, regras, recursos que são incorporados ao seu trabalho, mas sem que ele tenha, necessariamente, consciência explícita disso. (...) a atividade profissional comporta antecedentes afetivos decorrentes da história de vida do professor, de sua carreira e de sua personalidade. Ela comporta também consequências não intencionais decorrentes dos efeitos imprevisíveis de sua ação. TARDIF (2014, p. 213-214)

Os estímulos e princípios criativos têm acontecido de forma espontânea e ocasional. Olhar a prática do outro e perceber o uso deste elemento fundamental nos inclina à tendência de que é feito, mas que, se sistematizado, poderia ter melhores resultados e ser melhor aproveitados.

“Eu vejo muita criatividade na Educação Infantil. Lá, eles não têm que trabalhar tanto livro, conteúdo. Eu vejo que eles têm mais tempo para serem criativos. Pode-se ser criativo dentro de um período grande, enquanto que os outros têm que cumprir muito o conteúdo. Daí, é bem menos criativo.” (C3)

Desta forma, é importante ressaltar que, enquanto não acontecerem investimentos em formações no desenvolvimento da criatividade, como nos indicam os estudos de Lubart (2007), a escola tenderá a continuar, de forma instintiva e despreziosa, enfrentando os desafios e problemas cotidianos.

O entrevistado C6 aponta no entendimento de que há *“um grupo grande sim. Existem alguns que são mais acomodados, outros que são mais tradicionais, mas existe um grupo que busca estar sempre inovando.”*

Há, ainda, um grupo grande de profissionais que são criativos e buscam o desenvolvimento e potencialidade da criatividade, mas, se houver um encorajamento e potencialização destes muitos fazeres, o resultado será infinitamente superior ao que é desenvolvido hoje.

6.2 Entendendo o que é criatividade e suas nuances no Colégio Anchieta

(...) fazer pergunta aos professores sobre seus saberes equivale, de uma certa maneira, a levá-los a contar a história de seu saber ensinar, através das experiências pessoais e profissionais que foram significativas para eles do ponto de vista da identidade pessoal. TARDIF (2014, p.104)

Ao serem questionados sobre o entendimento do que é a criatividade, os professores revelam suas impressões gerais expressando o sentido em suas vidas e em suas práticas educativas.

Início a análise revelando um certo desconforto por parte de alguns em colocar seus entendimentos sobre a criatividade. Na sociedade atual, cada vez é mais urgente o indivíduo desenvolver e utilizar estratégias que possibilitem lidar com novas exigências. No campo educacional não poderia ser diferente.

Os professores revelaram o entendimento de que a criatividade vem ao encontro deste anseio e necessidade do homem atual de desenvolver e estabelecer estratégias diferentes, frente às urgências da vida, mas, muitas vezes, é difícil definir e expressar seu sentido. Dessa forma, realizamos a pergunta sobre o conceito de criatividade. O entrevistado C2 respondeu: *“Essa pergunta é difícil. Não sei. Criatividade é a habilidade que você tem para construir coisas novas, diferentes.”* E mesmo com uma dificuldade inicial, o próprio uso da criatividade inspira em uma resposta, o que nos revela que todos somos criativos e utilizamos de criatividade. O relato da professora C1 resume bem o entendimento de maioria dos entrevistados.

Criatividade é pensar sempre que você pode fazer algo diferente, coisas que você nunca pensou em fazer, mudar completamente o jeito de fazer alguma coisa. Você não precisa inventar nada. Assim, seja inédito, mas pode transformar aquilo que você faz no dia a dia que você vai estar sendo criativo. Pensar que nem tudo que está ali é estável e que você pode fazer de uma maneira diferente de que todo mundo faz e nem por isso vai ser ou melhor, mas pode ser diferente. Dar um resultado diferente do que você está acostumado a desenvolver. (C1)

Castells (2003) trabalha a ideia de que a sociedade do conhecimento é marcada pelas transformações estruturais que oportunizam mudanças significativas nas relações e de espaços e tempos, culminando no surgimento de uma nova cultura. Ele cita as mudanças presentes nas empresas, em seus sistemas de produção, onde apresenta que a maior produtividade está associada e originada na inovação, além da flexibilidade e competitividade. Na educação, sobretudo jesuíta, a

produtividade não está associada a uma empresa. Este dado, trazido por Catells, nos faz refletir a importância do uso da criatividade no campo educativo também. Cultiva-se o interesse pelas capacidades inovadoras que o homem tem de fazer e transformar realidades.

Outros entendimentos surgiram sobre o uso da criatividade, como C3: *É fazer diferente, reinventar, recriar*; C4: *A criatividade é a habilidade de pensar de forma inovadora e talentosa para desenhar novas ideias e redesenhar o que já existe*; C5: *É CRIAR. Criar e inovar. A criatividade vem da criação de ter novas ideias, novos desafios.*

O uso da criatividade deve ser entendido na totalidade do ser humano. Não está relacionado apenas ao âmbito profissional, mas a uma visão ontológica e totalizante do ser. É fundamental o desenvolvimento pessoal da criatividade.

Perguntamos se a criatividade está relacionada somente ao desenvolvimento profissional ou também tem relação com o desenvolvimento pessoal. O entrevistado C6 respondeu: *Você tem que ter criatividade para tudo. Sua vida tem que ser criativa para que você possa viver bem.*

O relato de C1 é desafiador! Coloca a criatividade como sendo parte integrante do ser. Apesar de constatar a importância no âmbito profissional, não exclui, pelo contrário acentua sua importância nas relações humanas e de crescimento pessoal.

Eu desenvolvi mais em relação ao âmbito profissional, mas quando você começa a trabalhar essa questão da criatividade você começa a observar tudo o que você faz. Você já vai nos lugares em que você anda, pelas coisas que você passa. Você começa a ver que tudo pode ser diferente. Aquilo ali pode virar uma ideia inovadora. O olhar fica mais aberto para essas coisas. Eu tenho esperança, mas, às vezes, as pessoas são muito pessimistas. Eu acho que as coisas podem mudar e fazer diferente. Acreditar nas pessoas, que as pessoas podem mudar, ter estratégias diferentes. Eu vejo assim: alguns colegas têm a postura de que não aceitam uma crítica, não aceitam uma forma de que poderiam melhorar. E as pessoas se fecham muito. Até porque estão muito tempo naquela disciplina ou se acham exímias conhecedoras daquela disciplina. Aí, você fica mais inflexível. E a gente vê esses jovens hoje... eles pensam de maneira diferente. No meu trabalho com os pequenos, eu vejo que a cada ano eles chegam diferentes. Essa juventude, os pequenininhos, o seu bebe que está nascendo agora, já vai aprender de maneira diferente da maneira como a gente aprendeu. E a gente costuma fazer da maneira como a gente aprendeu. Achar que as pessoas aprendem da mesma maneira é um equívoco. (C1)

Todos têm formas diferentes de aprender e de ser no mundo. Isto vem acelerando na sociedade o conhecimento, já que as informações circulam com maior velocidade. O conhecimento se faz pleno e célere nesta perspectiva.

Se a gente levar em conta que a criatividade é inerente ao ser, já nasce com a criatividade. Então é pessoal, porque já faz parte dele. Porém, no processo de desenvolvimento, o indivíduo pode abandonar, ele pode excluir da vida dele, achar que não consegue e não colocar seu modo criativo em ação. Porque tudo a gente tem que colocar em exercício. Existe o dom? Existe. Mas, se este dom não for colocado em prática, ele vai morrer. (C7)

Este entendimento traduz a máxima da criatividade: ela precisa ser desenvolvida. Há a possibilidade de, a qualquer tempo, independentemente da idade, do desenvolvimento pleno do ser criativo, isto deve ser uma constante e não apenas na infância ou adolescência.

Os estudos realizados por Alencar e Martínez (1998) com professores brasileiros, cubanos e portugueses revelam as questões de limites obstáculos ao desenvolvimento da criatividade. Foram levantados inibidores da criatividade: o medo de errar, de fracassar, as críticas, a falta de espaços e tempos que vão surgindo conforme o crescimento humano. Quanto mais experiente o indivíduo, maiores são estas barreiras que impedem o uso da criatividade.

No entendimento do conceito de criatividade, os entrevistados foram unânimes na percepção de que ela faz parte do ser humano como um elemento constitutivo e intrínseco do mesmo, e que precisa ser potencializada e desenvolvida.

6.2.1 A Criatividade e o Contexto Escolar

Muito recentemente e em pesquisas muito incipientes, a escola passou a ser considerada como um dos contextos que interfere no desenvolvimento da criatividade dos indivíduos. Esse entendimento oportunizou um desenvolvimento de pesquisas e análises com a elaboração de programas e treinamentos com vistas a estimulação da criatividade. Assim, procura-se ter como referência o que o professor entende por criatividade e o que pode se constituir como elemento importante no desenvolvimento do potencial criador dos alunos e docentes.

Um dos itens questionados aos entrevistados foi sobre a importância do elemento criatividade no contexto escolar: A criatividade é importante no contexto escolar? Constata-se que é um elemento fundamental. Há o entendimento de que a criatividade é importante nos processos de ensino e de aprendizagem, onde o fazer do professor e o seu exemplo inspiram e colaboram no desenvolvimento criativo do aluno.

Sem dúvida, mas é preciso que a escola cultive e valorize as ideias originais de seus educadores, oportunizando o desenvolvimento e o desabrochar de habilidades que muitas vezes esse profissional não sabe possuir. (C1)

O entendimento de C2 também revela a necessidade de uma reinvenção no contexto escolar para manter sadia a relação professor, aluno e conhecimento, sendo a criatividade um elemento de extrema importância: *“Sem sombra de dúvidas. Dar conta de se reinventar o tempo todo, para dar conta de reinventar o tempo todo para manter a atenção dos alunos e a nossa atenção para se reinventar, senão a coisa não vai para frente.”*

A escola deve ser sempre um espaço que cultiva e valoriza as ideias originais, sejam elas de alunos, pais, professores, enfim, de toda comunidade educativa, oportunizando, assim, o desabrochar de habilidades e competências que, muitas vezes, não são conhecidas e reconhecidas por estes indivíduos.

Há a necessidade urgente de promover, no ambiente escolar, tempos e espaços visando ao desenvolvimento, expressão e potencialização da criatividade. No contexto Colégio Anchieta, os entrevistados percebem e entendem o uso da criatividade, mas há a necessidade de que isto seja uma prática constante tanto no trabalho do professor quanto em seu desenvolvimento com os alunos.

Eu acho que ela é importante e que ela deva ser exercitada. A criatividade, se você não fizer com que seu aluno a exercite, pode ser desenvolvida. Não tem pessoas criativas e não criativas. É uma coisa que você pode através de atividades, desenvolver. Se você não tiver criatividade a mesmice dos dias atuais não motiva o seu aluno a aprender. (C6)

Para Alencar (2002) e Martínez (1998), o desenvolvimento da criatividade e o fazer novo de práticas na escola e na prática docente devem ser entendida a partir do nível de criatividade dos profissionais. Para que haja o desenvolvimento da

criatividade nos alunos, é fundamental que os professores estejam motivados e que seja uma constante no fazer diário. O exemplo é sempre a melhor forma de ensinar, e educadores motivados, inspirados e criativos servem de estímulos e modelos para o desenvolvimento do potencial criador dos alunos.

6.2.3 Memórias... vivências e a reprodução no fazer do professor.

Durante as entrevistas, os educadores demonstraram tranquilidade, segurança em suas falas. Talvez pelo contato e interação com o entrevistador no contexto escolar, puderam revelar suas percepções e análises, ricas fontes para esta pesquisa. Suas impressões revelam o conhecimento e reconhecimento de um trabalho sério e comprometido. Percebem o ambiente escolar como um campo de atuação, interação e de construção de saberes, que cria, recria e inspira. Demonstram um saber que, segundo Tardif (2014), não é somente emitir um juízo verdadeiro a respeito de algo (um fato ou ação), mas também ser capaz de determinar por que razões esse juízo é verdadeiro.

Indaguei aos sujeitos da pesquisa sobre se, em geral, os professores tendem a reproduzir no trabalho o que vivenciaram em sua vida escolar. Uma fala inicial me instigou. Será até que ponto isto pode ser considerado positivo e negativo? Parece que temos medo ou estranhamento, ao enfrentarmos um questionamento como esse.

“Estou tentada a responder que não, mas para isso teria de estudar o contexto e a qualidade da vida escolar desse professor. De onde ele vem? De qual tempo? De qual espaço? De maneira geral acredito que sempre reproduzimos um pouco do que vivenciamos, mas vejo também muita transformação nas práticas e um certo desejo de evoluir.” (C8)

A partir dessas representações, procurei investigar sobre as memórias de estudante e o quanto estas memórias interferem diretamente no seu trabalho. Há divergências de entendimentos. Há os que entendem que a reprodução daquele que foi experimentado é determinante na prática e no trabalho. A pergunta feita foi sobre até que ponto os professores tendem a reproduzir no trabalho aquilo que vivenciaram em sua vida escolar. O entrevistado C2 respondeu: Sem sombra de dúvidas, justamente porque ser criativo dá trabalho. Assim, quando a gente aprende

um modelo, fica mais fácil seguir este modelo. Outro entrevistado, C1, disse: A gente observa que sim. A maioria reproduz um pouco o que vivenciou. A maioria.

Sim. Isso é muito forte para todo professor. E agora mais ainda, quando o aluno não tem um professor tão próximo, como nos casos de Educação a distância. Eles estão fazendo muitos cursos à distância. Então não tem essa referência direta de um professor. Eu acho que está ficando cada vez mais difícil a criatividade. Muitos estão apenas copiando. (C3)

O sujeito C5, em seu falar, colabora com a ideia.

Eu acho que sim. Não podemos generalizar, mas isso acontece em muitos casos. Acabam trazendo uma memória da vida escolar e, aí, no profissional, acabam sendo repetitivos em alguns momentos. Sempre tem um gancho do que se vivenciou. (C5)

Isto posto, revela que há muita acomodação e segurança em retornar a práticas tradicionais e que, muitas vezes, não atendem mais a um novo contexto. Contudo, existe entendimento de que há inovação e possibilidade de ser e fazer diferente, quando se percebe que estas práticas não deram certo ou estão fora de um contexto que não atenda aos anseios e necessidades de um aluno “novo”.

Em minha opinião, não. E, às vezes, é melhor não reproduzir, em virtude de falhas na formação do docente, como, por exemplo, o ensino tradicional e conteudista que receberam em sua formação, o desconhecimento do tema criatividade, a ausência de atualização e o ensino excessivamente teórico praticado nos cursos de formação de professores. (C4)

Os saberes experienciais demonstrados pelos educadores revelam uma profunda análise de vivências e experiências cotidianas suas e de seus pares. Tardif (2014, p.49) afirma que esses saberes são resultado de um conjunto de representações a partir das quais os professores interpretam, compreendem e orientam sua profissão e sua prática cotidiana em todas as suas dimensões.

6.2.4 Crescimento e desenvolvimento criativo, uma questão etária?

No transcorrer da pesquisa, fui motivado e desafiado a pensar em tempos de criatividade, seu desenvolvimento e possibilidade de acontecimento. A partir de pesquisas, pude entender que a criatividade ocorre de forma bem mais intensa nos

primeiros anos de vida. Indaguei-me se, de fato, este elemento é próprio das fases iniciais da vida ou se esta habilidade criativa e criadora poderia ser desenvolvida durante toda a vida.

Muitos estudos apontam para o uso da criatividade nas fases iniciais da vida até a adolescência. Contudo, entendemos que esta potencialidade pode ocorrer durante toda a vida e em todos os tempos e espaços, basta que haja incentivo e preparação para o seu desenvolvimento.

Na pesquisa de campo, este fenômeno pode ser observado e revelado por experientes profissionais que estudam e participam ativamente do acompanhamento e formação de crianças e jovens.

Eu acho que a criança tem mais facilidade, porque a criança tem menos resistência, tem menos bloqueio, está mais aberta a mudar, mas o adulto também pode mudar. Ele precisa estar aberto a se exercitar. É um exercício de você pensar maneiras diferentes, você se olhar de maneira diferente. Eu vejo muitos adultos criativos e pessoas que conseguem mudar. É mais difícil depois de adulto. A gente tem que ver que a escola, muitas vezes, começa a tolher essa criatividade. Eu observo o trabalho com os pequenos. Conforme vai aumentando a série, a gente vai dizendo mais “nãos” para eles. Até a Educação Infantil você consegue ser mais solto. Quando você começa a usar livros, você começa a deixar o aluno falar menos. Começa a ter menos tempo para trabalhar as atividades que são mais criativas. Eu acho que esse é a grande problema que a gente tem hoje em dia. (C1)

A isso, soma-se a compreensão de C5, quando diz que o sujeito a

“qualquer tempo pode ser criativo, e em qualquer idade, mas a criança é mais aberta. Por vergonha ou falta de estímulo, o infantil, a criança é muito estimulada e se dedica, não tem vergonha. Desenvolve muito a criatividade. No adulto há desenvolvimento, mas nem todas as pessoas tem abertura ou vontade. O adulto trava e não deixa fluir muito a criatividade. A melhor idade da criatividade é quando se é criança.” (C5)

A qualquer tempo é possível que possa se desenvolver a criatividade. Entende-se que há maior facilidade e aproveitamento nos anos iniciais de vida, mas essa criatividade é o algo diferente e inovador que instiga a resolução de problemas e acompanhamento nas mais diferentes fases da vida.

Criatividade se expressa na produção de “algo” que é considerado ao mesmo tempo “novo e valioso”, em um determinado campo da ação humana (Mitjans Martínez, 1997); e a *inovação* uma “sequência de

atividades pelas quais um novo elemento é introduzido em uma unidade social, com a intenção de beneficiar” (Bruno Faria, 2003, p.121).

Desta forma, a vida vai se fazendo e construindo necessidades e urgências no indivíduo em sua busca por soluções, resoluções, entendimento e posicionamentos perante os desafios e problemáticas. Esta é a saída para os conflitos da vida: minimizar os efeitos negativos e potencializar as oportunidades positivas.

6.3 A criatividade e o fazer docente

Dentro da cultura de uma escola, o trabalho do professor pode ser desempenhado levando em consideração muitos elementos e componentes. A criatividade deve ser um elemento motivador e orientador de toda a ação educativa. No trabalho do professor, fica evidenciada a desmotivação, a correria e automatização e, daí, surge a necessidade do fazer diferente.

A pesquisa revela que há uma percepção clara de que esta é uma necessidade urgente de reflexão, análise e desalojamento da área de conforto e segurança a que estamos, muitas vezes, acostumados.

“Se considerarmos que o professor trabalha com foco na aprendizagem e na transformação da informação em conhecimento e, se considerarmos que o conhecimento é continuamente transformado e reconstruído dependendo que cada ator, pois é sempre uma relação, a importância é total.” (C8)

Estimular a criatividade no cotidiano da sala de aula é um desafio, quando nem o currículo nem a própria organização escolar são pensados neste sentido. Daí a importância de “ser criativo”.

“Eu acho que ele é essencial. Eu acho que o professor criativo, o professor que trabalha com inovação, que percebe essa necessidade diante dos desafios da turma vai ter mais sucesso. Ele vai conseguir com que aluno aprenda mais, mas o professor precisa perceber isso. O professor precisa ter esse conhecimento. Eu acho que a maioria não tem, até porque hoje, o mundo está exigindo isso: quem só repete fica para trás. A gente está em um mundo em que as pessoas fazem sucesso quando são criativas. Os futuros empregos vão precisar de pessoas mais criativas.” (C1)

A fala de uma professora me despertou a análise e retorno ao ponto de novidade e ineditismo. Será que a criatividade precisa ser inédita ou deve ter um ponto de partida, que seja copiado ou reproduzido?

“É muito importante. Eu não saberia mensurar o quanto, mas é muito importante. Há a necessidade de um porto seguro, de alguma coisa que dê segurança. Ele precisa partir de algum lugar seguro que ele já conhece, um modelo, mas ele tem que criar, sobretudo, com o público que ele tem para atingir seus objetivos.” (C5)

A fala evidencia uma visão de criatividade como uma releitura e um fazer diferente a partir de algo. Reforça o entendimento de que ainda há a visão de que é necessária uma segurança, um ponto de partida para a segurança e o desempenho de ações mais criativas e novas. Nossas escolas ainda são, em essência, ambientes reprodutores e não criadores de novos conhecimentos.

6.3.1 Criatividade : Facilidades e dificuldades no trabalho pedagógico

A criatividade no contexto escolar reflete a prática daquilo que se evidencia nas ações, planejamentos e realizações do trabalho pedagógico. Em nossa análise acerca desta temática, no cotidiano da escola, foram evidenciadas muitas impressões positivas e fundamentais atreladas ao fazer.

Questionados sobre a atuação no contexto escolar, ficou evidente que há importância fundamental da criatividade, mas que há ainda um longo caminho a ser percorrido.

“Penso que criatividade pode ser dinamizadora de muitos dos processos que envolvem o contexto escolar. Sem o entendimento do seu papel na vida do ser humano, corremos o risco de uma abordagem repetitiva e reprodutora que, no contexto escolar, é um mal com consequências graves para o próprio processo de aprendizagem que é e precisa ser constantemente renovada.” (C8)

Wechsler (2002) realizou uma pesquisa onde foi investigada a importância do desenvolvimento da criatividade dentro do cenário e contexto escolar. O estudo compreendeu diferentes faixas etárias, e buscaram conhecer a realidade do uso deste componente no âmbito escolar. Percebeu-se que o maior desafio da escola está na busca e implementação de estratégias para o desenvolvimento da

criatividade no trabalho docente. Despertar nos docentes o desenvolvimento para a superação de suas dificuldades e potencialização das diferentes habilidades criativas ainda é um entrave. Essas dificuldades de aproveitamento no fazer docente se dão, na maioria das vezes, em virtude das falhas em sua formação. Há impedimentos de caráter pessoal que o atravancam de ousar e fazer diferentes.

Percebe-se, assim, que fazer ou reproduzir o que já está pronto dá segurança, e o professor sente-se mais confortável, o que não deixa a criatividade fluir. Há a necessidade de se reinventar todo o tempo, para que o nosso ser e fazer não sejam tolhidos e sejam apenas reprodutores de um modo tradicional, focados no professor, sem considerar o fator protagonismo do aluno na aprendizagem.

“Facilita. Quando o professor descobre que não é preciso repetir o que diz o livro, mas que é possível re-escrevê-lo re-fazê-lo, re-criá-lo de modo pessoal, diferente, original é libertador. Esta é a essência da criatividade, que é fim e meio de ensino acima do domínio memorizador dos conteúdos ou dos currículos presentes nas legislações educativas. (C8)

Os estudos de Oliveira e Alencar (2007) revelam que as práticas desenvolvidas no período escolar são, muitas vezes, determinantes para a reprodução de meios e modos de atuar do docente. O ensino tradicional, excessivamente teórico e conteudista, impede a inovação e uso de práticas inovadoras. Segundo C4, influências das histórias de vida na atuação do professor e orientador acadêmico, certamente, facilitarão ou dificultarão o “pedagógico criativo”.

Alencar e Fleith (2003) nos apresentam, em seus estudos sobre o uso da criatividade no contexto escolar, que a falta de tempo é um dos impeditivos do uso da criatividade. Há outros estudos, como o de Alencar e Martinez (1998), que revelam que os muitos medos de diferentes ordens (psíquicas, sociais, econômicas) limitam a capacidade criativa.

O ensino tradicional, focado no conteúdo e na produção efetiva de resultados, não oportuniza o desenvolvimento de práticas diferenciadas, pois entende que aquele não é o modo eficiente de produção de conhecimento.

6.4 Currículos, conteúdos, metodologias e criatividade

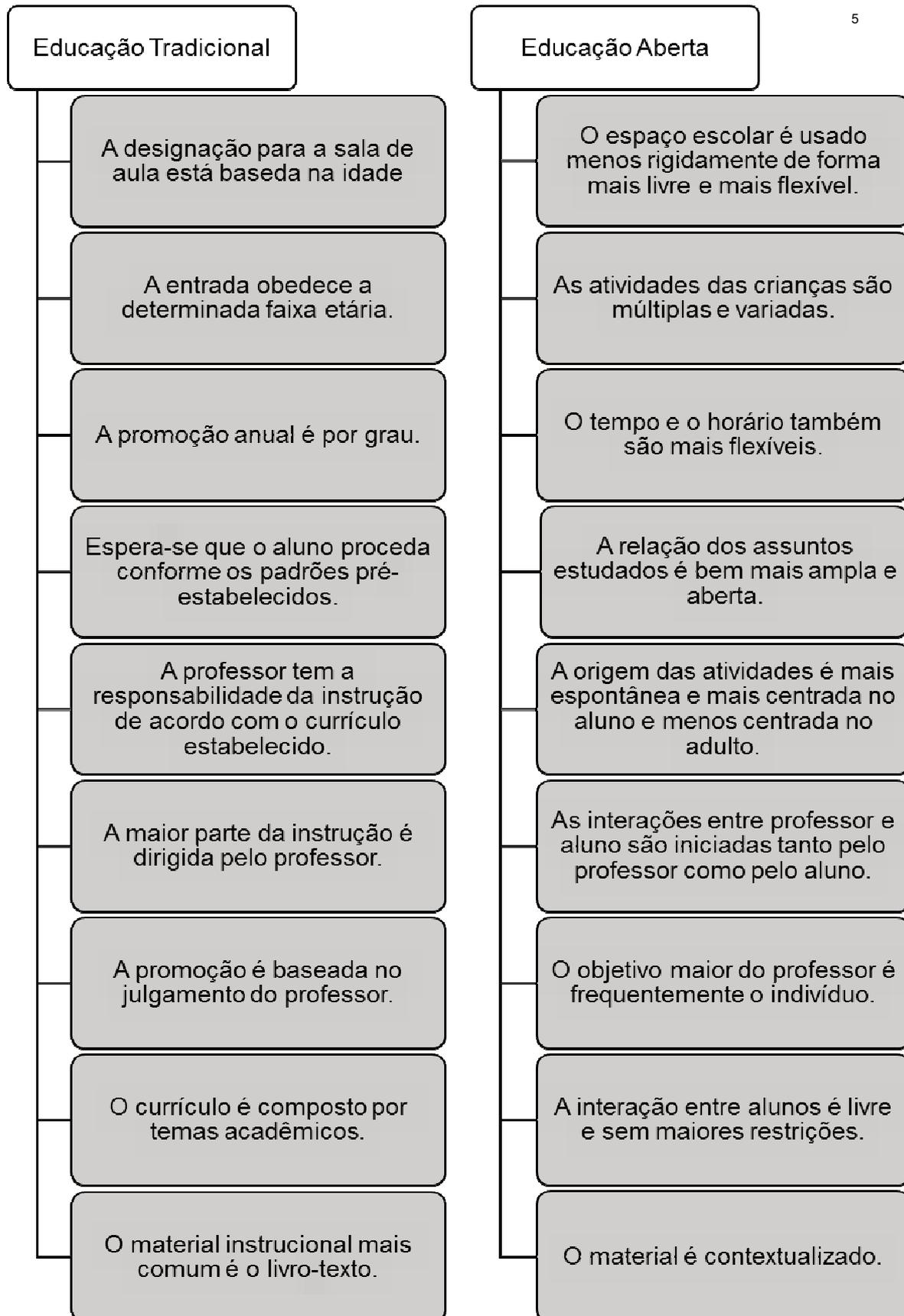
Ao considerar a criatividade como uma necessidade prática do cotidiano, que deve ser estimulada e potencializada em todas as fases da vida, percebemos a necessidade de analisar os conteúdos, currículos e orientações, parâmetros e diretrizes que orientam o trabalho docente. Procuramos fazer uma análise destes norteadores. Não foi surpresa o entendimento dos entrevistados, que revelam um alto nível de limitações e barreiras ao uso da criatividade, frente à visão conteudista e limitadora.

“Eu acho que algumas. Na maioria não. Na maioria ainda são práticas rotineiras, que não estimulam não. A gente precisa avançar muito mais nisso, porque a gente ainda trabalha muito com a repetição. Eu acho que a gente precisa ter mais atividades que estimulem a criatividade.” (C1)

Há muitos entendimentos de questões metodológicas e de pressões externas que impedem aulas no viés criativo, como nos indica C3.

“Não. Acho que há muito pouco fazer criativo. A gente tenta colocar com aulas de arte, de cinema, tudo o que o colégio pode fazer ainda, mas aqui que tem esse leque de atividade, oficina. Quando cai na prova, conteúdo e tudo há quebra da criatividade. Ai já é muito menos. ” (C3)

Diante desta análise, percebemos que é importante preservar a curiosidade e estimular o desejo de transformar esta realidade conflituosa e desafiadora. O mundo está em contínua mudança, e temos responsabilidade de transformação em um espaço melhor de vida. Educadores brasileiros, como Anísio Teixeira (1976), são defensores de uma escola entrelaçada com a sociedade e defendem a importância de mudanças na estrutura do sistema educacional como um todo para poder renovar o interior da escola, na sua organização e nos seus métodos”. Boaventura (1994), que comparou a educação tradicional com a educação que é conceituada aberta, identificou algumas de suas características, como a seguir:



⁵ Fonte: Boaventura (1994)

Observa-se no quadro que a educação aberta, por exemplo, caracteriza-se pela flexibilidade em termos de tempo e espaço. O ensino se concentra nos interesses e demandas dos alunos e não na figura do professor. Com material contextualizado e maneiras diferenciadas trabalham-se inteligências múltiplas.

Na pesquisa, é notório o entendimento de alguns entrevistados de que há certas visões mais otimistas, que percebem o uso da criatividade, com potenciais de melhora e estimulação do fazer o mais e buscar sempre o diferente e inovador, mesmo com uma limitação dos currículos e matrizes. Acreditam em possíveis mudanças em um espaço aberto a se fazer e refazer.

“Poderiam ser mais criativos. Tem um caminho longo para que isso aconteça. Muitos professores buscam a criatividade, e alguns acabam, reproduzindo experiências anteriores ou de pesquisas de práticas exitosas. Há muitos professores que buscam a criatividade, mas tem um caminho para se adaptar em relação ao currículo e as atividades.” (C5)

Percebo certas preocupações ainda nas falas e visões de análises dos currículos. O receio em assumir que o currículo prende e engessa a inovação e o novo faz com que a reprodução da tradição aconteça sempre.

Uma característica da educação jesuíta é a inovação. A tradição é de fazer diferente, novo e ser precursora nos processos de atingir a excelência acadêmica e humana. A partir do momento que congelamos nossa visão sobre as amarras que prendem e imobilizam, passamos as dificuldades de ser e de fazer diferente. A inserção no mundo é característica da Companhia de Jesus.

“São, mas como o colega vai direcionar isso é que vai de cada um. A gente, o ambiente, o material, a capacidade, é o indivíduo que vai direcionar. O ambiente não é algo determinante. Há a necessidade de uma busca pessoal, de querer inovar. As instituições oferecem meios, mas muitos profissionais não utilizam.” (C7)

A transferência de responsabilidade para o modo de atuação dos professores não analisa um elemento objetivo, conteudista e que determina a forma e modo de atuar. Os estudos de Martinez (2006) revelam que a expressão criativa e criadora está presente na capacidade de perceber a sala de aula de modo diverso, múltiplo, com ideias e pensamentos diferentes, com pessoas diferentes e que há meios e modos diversos de aprendizagem. Conforme afirma Severino (1993, p.112) “... o trabalho científico deve ser cada vez mais criativo. Não se trata mais de apenas

aprender, de apropriar-se da ciência acumulada, mas de colaborar no desenvolvimento da ciência”.

Em face de tantos problemas, é preciso questionar onde se localiza a causa das dificuldades na aprendizagem: se estão nas práticas, nas metodologias, nos currículos, enfim onde se localizam estas dificuldades. Talvez seja a escola que, ao oferecer poucas atividades a seus alunos, acaba exigindo demasiada passividade disciplinada. Pode estar no sistema que engessa e limita a ação criativa e criadora. Conforme a caracterização de Martins (2005, p.17), uma escola adequada à sociedade de hoje deve se destacar “[...] pelo “fazer fazendo”, pelo ‘aprender a aprender’ e pelo ‘ensinar a pensar’”. *Learning by doing* baseado naquele conhecimento que os alunos já trazem para a escola.

Martins (2005) aponta as necessidades de momentos e de espaços em que as crianças possam atuar e agir e, se for possível, também decidir o que elas gostariam de fazer.

A vontade de brincar e de se mover na escola deve ser reconhecida como algo positivo, aliás, coerente com a natureza do ser humano. Educadores brasileiros, como Celso Antunes, exemplificam como aproveitar momentos lúdicos para ensinar e trabalhar inteligências múltiplas. (MARTINS, 2005, p. 66).

Para esse autor, compreende-se a aquisição de conteúdos curriculares como um veículo para a aprendizagem, que significa a compreensão do mundo e uma ampliação de possibilidades de condições individuais relevantes à vida e da capacidade de agir sobre essas condições. Em outros termos, a aprendizagem significa uma mudança do estado interno do aluno, que aumenta sua capacidade de agir sobre o seu mundo cotidiano para criar condições de melhorar a qualidade da sua vida.

Essa compreensão moderna não se distingue muito de algumas posições pedagógicas de educadores de séculos anteriores. Vários filósofos e educadores de diferentes continentes já apontaram a necessidade da contextualização do ensino. Também alertaram que o processo de aprendizagem precisa ser uma combinação de teoria e prática, onde os currículos e diretrizes se aproximem mais do fazer prático.

6.4.1 Poucos recursos e grandes realizações

Filósofos, educadores e cientistas como o checo Johannes Amos Komensky, conhecido como Comenius, no século XVII, e o suíço, Jean Jacques Rousseau, no século XVIII, apontaram a importância da aproximação entre escola e a realidade vivida pela criança fora da escola. A escola deve, conforme esses filósofos, não apenas se concentrar em estudos abstratos cognitivos, mas também deve oferecer um ensino próximo à realidade das crianças, considerando seus interesses e suas capacidades. A imitação dos processos da natureza, a experimentação e a priorização da ação devem ser centradas na prática educativa. As ideias centrais que Comenius expõe em sua *Didática Magna* (Comenius, 1954) são a educação realista e o ensinamento a partir de experiências quotidianas. Ele já inclui os sentimentos como forma de inteligência, apontando a importância da aliança entre família e escola.

Para fazer diferente, novo e criativo não são necessários grandes recursos, pelo contrário quanto menos recursos se tem, maiores são as urgências e necessidades para as soluções. Há estudos que revelam que a necessidade de busca de saídas alternativas leva o indivíduo a estabelecer e desenvolver estratégias que o levem a soluções mais eficazes e com poucos recursos.

Uano (2002), em suas investigações, percebeu a importância de recursos como proposta ao fazer diferenciado e inovador, atendendo às necessidades múltiplas dos alunos. A escassez de recursos é um fator preponderante na busca de meios e superação de obstáculos e barreiras. Este fator foi bastante percebido nas entrevistas. Nesse sentido, a Coordenadora 6 destacou que “*Você pode com uma caneta ser criativo. E você pode ter muitos aparelhos e ser tradicionalista.*”. Ou ainda como propõe C8: “*É possível inovar com muito pouco e com quase tudo. Mas para isso é necessário sensibilidade aguçada, inteligência empregada, desejo de fazê-lo.*”. E numa lógica de se contrapor à ideia do consumo, que a criatividade também contrapõe, C3 adverte que “*aqui no Infantil você vai ver a maior criação que eles têm com material reutilizável. Com música. Não precisa ter muitos materiais para fazer a criatividade.*”.

O entendimento de que a criatividade oportuniza e desenvolve um novo fazer diferente pode ser percebido pelas entrevistas e pelos estudos. As muitas práticas podem oportunizar leituras que visem a formação integral do indivíduo. É possível

fazer muito com poucos recursos e fazer muito pouco com muitos recursos disponíveis. A percepção de que a criatividade é algo que pode ser desenvolvido, estimulado e potencializado deve ser constante. Recursos são elementos importantes, mas não determinam e limitam a ação criativa, pelo contrário estimulam a prática de novidades com poucos elementos disponíveis.

6.4.2 Tecnologias Digitais: Recurso de Inovação e Metodologias

Há muitas possibilidades de atuação e uso das tecnologias digitais no âmbito escolar. É mister entender e compreender estes avanços tecnológicos e até que ponto eles configuram inovação. Chamlian (2003) mostra em seus estudos soluções de incrementos ao fazer pedagógico criativo e inovador, envolvendo elementos e recursos tecnológicos e realizando uma reformulação de processos, metodologias, currículos e outros experimentos. Assim, o processo educativo seria modificado não pela simples utilização de tecnologia digital, mas por uma mudança de concepção e análise.

“A gente, às vezes, acha que a inovação está relacionada à tecnologia, a você ter recursos 3D. Essas coisas ajudam, são ferramentas que ajudam, mas acho que a criatividade, a forma de a gente trabalhar hoje, é pensar, entrar nesse mundo desse jovem, entrar na janela dele e conseguir ver o que está mexendo com ele naquele momento, para que a gente possa trazer esse jovem para os nossos objetivos. Nas aulas, os alunos têm que ser mais protagonistas. Hoje, o aluno já tem muitas informações, já colhe informações pela internet. Então, ele tem que se sentir mais protagonista. A gente ainda tem muita aula em que o professor é o protagonista, e o aluno é o receptor.” (C1)

Leitura semelhante tem C8, quando revela características dos processos de conhecimento e a centralidade na aprendizagem.

“A revolução na informação e na velocidade de acesso a elas é uma coisa, muito boa. Hoje, um professor pode preparar e oferecer uma abordagem muito interessante em termos metodológicos com bem pouco tempo e mais eficiência. Outra coisa é a utilização disto com foco na aprendizagem. Mais eficácia.” (C8)

Este entendimento de transformação de foco no ensino para um centro de aprendizagem nos leva a perceber e a focar no aluno o protagonismo do processo

educativo. Contudo, há que se perceber que esta centralidade não pode ser de maneira aleatória e infundada. Os recursos são auxiliares no processo de condução, mas não são exclusividade para se chegar ao conhecimento.

“Não sei se elas em si são criatividade. Elas foram criatividade no momento em que foram inventadas. Agora, a forma como vamos usá-las em sala de aula é que tem que ser criativa. É aquela velha chargezinha do professor de matemática ensinando no quadro. Daí passa para o data show e continua tomando a tabuada. Não é a inovação tecnológica que é a criatividade em si, mas como a gente lida com ela.” (C2)

A charge citada pelo professor evidencia e sintetiza bem o entendimento de uma grande maioria de professores: a tecnologia é acessório, meio e não fim em si mesma.

6



Figura 1 – Metodologia Tradicional



Figura 2 – Metodologia Tradicional/Tecnologia

⁶ Fonte: Site: https://www.youtube.com/watch?v=IJY-NIhdw_4

Com as novas tecnologias, novas formas de aprender, novas competências são exigidas, novas formas de se realizar o trabalho pedagógico são necessárias e fundamentais. É urgente formar continuamente o novo Professor para atuar neste Século XXI, em que a tecnologia serve como mediador do processo ensino-aprendizagem.

“A grande maioria dos educadores, coordenadores e diretores acredita que investir em equipamentos tecnológicos e novas metodologias garantirá que a escola ofereça aulas dinâmicas, atrativas e interdisciplinares. É importante entender que os estudantes dessa nova geração não precisam de informações, pois elas são fáceis de serem buscadas. Eles precisam ser provocados a desenvolver suas diversas habilidades.” (C4)

As tecnologias nos levam a pensar e questionar sobre as diferentes práticas, dentro de uma cultura digital em que estamos inseridos. Nossos alunos são nativos digitais e devem ser entendidos dentro desta característica, como um elemento de um todo complexo, e não como um foco, mas como inovação total. Devem ser entendidos como nos aponta Schlemer

Falar sobre o aprender e o ensinar na cultura digital significa considerar o momento histórico e social no qual os sujeitos vivem e convivem, bem como compreender as tecnologias que fazem parte do seu viver e do seu conviver, que significados se atribuem a elas e o que isso muda na forma como se relacionam com a informação, como se comunicam, interagem, constroem conhecimento, como, enfim, aprendem. Analisando-se esse contexto, é possível observar de que modo as diferentes TDs, associadas às redes de telecomunicação, estão contribuindo para o surgimento de novas formas de pensar, de se relacionar e, conseqüentemente, de se estabelecerem relações para conhecer o mundo. É preciso considerar que os sujeitos da atualidade vivem e convivem, desde muito cedo, simultaneamente, numa imbricação de espaços analógicos e digitais os quais coexistem no universo das relações que estabelecem com o meio, incluindo-se o meio social. Assim, ao mesmo tempo em que habitam, com seus corpos físicos, espaços também físicos, tais como suas casas, escolas, LAN houses, eles “e-habitam”, por meio de representações digitais, que podem ser gráficas – corpos digitais virtuais (quando, por exemplo, o sujeito assume um personagem específico que possui personalidade singular em um jogo, ou quando cria sua própria identidade digital virtual na constituição de um avatar para interagir num mundo digital virtual em 3D – MDV3D) –, espaços digitais virtuais, sejam eles ficcionais virtuais ou simplesmente uma simulação da realidade física. (SCHELEMER)

Os alunos com quem lidamos hoje são nativos digitais. Já é uma prática e uma constante a utilização de diversos recursos e tecnologias digitais no seu dia a dia. Há que se considerar estas características destes indivíduos, bem como seu

aproveitamento e relações no processo de aprendizagem. Assim, estes novos modos de aprender devem ser entendidos não apenas como uma inserção de meios, mas como uma mudança de metodologia e de paradigmas, de pensar novos sujeitos e suas formações. As tecnologias podem ser entendidas como inovação, se associada a elas, acontecer uma mudança no fazer, nas metodologias e aprendizagens. Contudo, se me apego simplesmente ao uso técnico e direcionado, dentro de um paradigma tradicional e sem novidade, este importante elemento e componente não é criatividade, pois não modifica o modo de ser, de pensar e de fazer novo.

6.4.3 As vantagens de um projeto criativo

Um projeto criativo revela muitas possibilidades e potencialidades. Em primeiro lugar, a originalidade. Há, também, alta produtividade ou fluidez de ideias, imagens e emoções; a flexibilidade que se opõe à rigidez mental e atitudinal, à imobilidade e resistência à mudança, medos, à incapacidade de modificar comportamentos e gerar diversas respostas em situações novas ou críticas; sensibilidade para os problemas, empatia, abertura mental, comunicação e inventividade.

“Eu penso que a gente tem um longo futuro pela frente. É um fruto que pode ser muito bom se a gente usar mais dessa ferramenta da criatividade, porque os jovens com os quais a gente trabalha, têm muitas ideias. Quem está no mundo do trabalho já passou por alguns estudos, e já tem alguns preconceitos que até para inovar tem dificuldade. Mas o jovem não. O jovem ainda não tem essas amarras. Então, se a gente trabalha isso na escola, a gente pode ter empreendedores dentro da escola. Hoje a gente tem startups. Hoje, o mundo está para as startups. Então, agora mesmo, na semana passada, eu participei de uma palestra sobre startups da Petrobras e deu 98 mil reais para jovens. Não é para empresa, que tem uma ideia inovadora para desenvolver a sua ideia, mas para o jovem que desenvolveu um projeto. As propostas desse ano são para ideias em relação à tecnologia, e as cidades sustentáveis. Esses jovens têm ideias para isso. O que falta é a gente para estimular e dar mais espaço para isso.” (C1)

O estímulo pode criar e fazer a diferença de modo global e ilimitado. São Muitas as possibilidades de ser e de fazer diferente. Esse despertar para a

criatividade pode transformar para uma realidade melhor, com ousadia em diferentes âmbitos, culturas e modos de atuação no mundo.

“Melhoria nos nossos relacionamentos interpessoais, através do reconhecimento e aproveitamento da diversidade, respeitando as mais diversas formas de pensamento e das diferenças individuais. São muitas as contribuições e benefícios da criatividade na resolução de conflitos e nos desafios cotidianos, sobretudo nas relações interpessoais.” (C4)

Há muitas crises e dificuldades nas relações humanas. Estas são dificultadas pela falta de diálogo. As vantagens de utilização da criatividade na relação entre o professor e o aluno são fundamentais. Esta relação pode melhorar os relacionamentos interpessoais de ser e estar no mundo, a busca por se conhecer e se perceber no mundo, com muitas possibilidades de atuação. Neste contexto, pode-se constatar que a construção da identidade individual passa pelo regaste de história de vida e que percorrer os caminhos das histórias de vida torna-se um processo libertador do sujeito que, ao se reconhecer, descobre suas capacidades mais profundas e desenvolve um sentimento de respeito e valorização de si mesmo.

A esse respeito, Carvalho (2004, p. 10) afirma que

Toda prática educativa requer dedicação, comprometimento e entrega total daqueles que se dispõe a desenvolvê-la. É um permanente exercício de dar e receber, de afetar e ser afetado pelo outro. O educador é um ser que deve ser coerente em sua prática, estando atento para pesquisar e estudar, dedicando-se ao planejamento das atividades e, portando, sempre buscando desafiar seus educandos provocando-os a crescerem desconstruindo conceitos e reconstruindo com base em novos paradigmas e horizontes mais amplos.

Conforme a autora, o educador deve estimular e possibilitar o acesso à cultura a seus alunos o quanto possível, educando, assim, a sensibilidade, a estética do olhar que enxerga além da superficialidade das coisas. Deve, também, proporcionar aos educandos chances de pesquisar, para que, pouco a pouco, tomem gosto por trilhar caminhos em busca de conhecimentos.

Segundo a visão de um sujeito da pesquisa há muitas possibilidades de estímulos e caminhos como vantagens, pelo uso da criatividade.

“A riqueza expressiva, variedade de vocabulário e fluência de ideias; a facilidade e clareza de expressão verbal e plástica auxiliada pelo exemplo ou analogias; a força, vitalidade e originalidade do pensamento; a sensibilidade intuitiva mais aguçada perante a beleza, a verdade, a

justiça, a perfeição e seus contrários; a experimentação prática e o ensaio inovador, esporeados por uma curiosidade insaciável que cresce e se aumenta a si mesma; a estimulação do interesse, afã de saber, a motivação dos estudantes e professores, dos directores e os colaboradores, animados pelo carácter ativo, livre, divertido e divergente da criatividade, que parte das sugestões, interesses e necessidades de todo o grupo social; a iniciativa e a procura de alternativas, superadoras da rotina repetitiva e reprodutiva; a revitalização da imaginação e a fantasia; um clima aberto, livre e democrático de escuta, respeito, tolerância e aberto a todas as ideias e iniciativas.” (C8)

O conhecimento tem diferentes caminhos, e cada educando percorre o seu. Cabe, então, ao educador identificar os caminhos e auxiliá-lo a avançar sempre, percebendo o momento certo para intervir.

Freire (2005), acerca “dos saberes necessários à prática educativa”, afirma que é preciso ter coragem para assumirem-se como seres incompletos, seres em construção. Fala da ética universal do ser humano como algo da própria natureza humana e do valor de se reconhecer que são, sim, seres condicionados, porém não seres determinados, e pode-se ver a História como tempo de possibilidade, e não de determinismo. Uma reflexão preme de esperança e de confiança numa possível transformação, que leve a todos um mundo novo e mais feliz porque mais humano.

Acrescenta Freire (2005, p.55) que

Na construção da relação educador-educando pode-se refletir que a prática de ensinar não é meramente transmitir conhecimento, mas, muito, além disso, é tornar possível a produção, a construção desse saber, e que o educando não pode ser tido ou considerado objeto de um determinado sujeito, mas que deve ser ele próprio, o sujeito da sua própria formação, construindo-a passo a passo. Embora tendo clareza do papel do educador, é igualmente necessário ter, educador e educando, a clareza de que tanto quem se forma pode formar ao ser formado, quanto aquele que forma se reforma e se forma ao formar, pois quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

A Pedagogia da Autonomia fala da ética, da estética, do exemplo, da abertura para o novo, levando a concluir, já que a tarefa mais nobre da educação é humanizar, que é necessário que o educador seja humano para ser capaz de conduzir o educando à humanização, lembrando que a ação mais humanizadora é aquela que pode levar ao caminho da libertação, um caminho que é percorrido a partir do diálogo, da curiosidade, do “falar com”, para, em seguida, refletir junto. E é neste contexto do “falar com”, do diálogo como metodologia, que este autor

apresenta as categorias basilares para o educador que deseja ter uma prática educativa humanizante.

Como primeira categoria, Freire (2005) fala do *Amor*. Se o compromisso da educação é dialógico, só é possível dialogicidade se esta estiver banhada de amor, que é o ato de importar-se com, comprometer-se verdadeiramente com a tarefa de educar para transpor as barreiras do não conhecimento. É preciso exercitar a *humildade* para reconhecer a visão e compreensão de mundo do outro, e só se pode refletir sobre a prática como educador, quando se está revestido da necessária humildade para reconhecer a si próprio como ser inacabado, portanto sujeito a erros e falhas que requerem reflexão-ação-reflexão.

A segunda categoria da educação libertadora é a humildade. Como terceira categoria da prática educativa que visa humanizar pela via do diálogo, Freire (2005, p.56) fala da *Fé*. Não fé em Deus ou em deuses, mas a fé na capacidade que o próprio homem tem de criar e recriar pela vocação do “Ser Mais”. Essa fé está presente antes mesmo do diálogo, porque “se percorro o caminho do diálogo é porque acredito que a vocação humana é o: ‘Ser Mais’ ”, portanto, tenho Confiança na capacidade do homem.

Confiança é a quarta categoria freireana. A Confiança na capacidade humana de transformar-se gera a Esperança e a Solidariedade. Esperança que não é inerte, parada, mas que é esperançosa por perseverar sempre acreditando no poder transformador do diálogo. Amor, Humildade, Fé, Confiança, Esperança, Solidariedade: ingredientes necessários para uma prática educativa dialógica, categorias fundantes da educação como prática de liberdade que devem iluminar as ações dos educadores.

Freire (2005) lembra que a educação é um ato político e de libertação, pois todo educador desempenha um papel político na sociedade. Ela requer construção pessoal e coletiva do saber, para que a educação seja capaz de desenvolver no indivíduo o prazer, a curiosidade, o desejo de buscar e se inteirar do conhecimento, buscando o caminho da autonomia e da emancipação do sujeito epistêmico.

Os fundamentos da alienação do homem refletem-se pelo uso da linguagem explorada apenas na dimensão informativa, instrumental, racional e reprodutora, porque essa prática impossibilita que o indivíduo acesse a linguagem mais sensível, capaz de reconstruir-se. Na fundamentação da educação enquanto ato de libertação, o ser e o fazer representam uma única atitude, ou único conceito, o que,

uma vez mais, se remete aos “Sete Saberes necessários à Educação do Futuro”, nos quais Morin (2001) afirma ser a educação do “Futuro” alicerçada pela questão da identidade do ser, sua consciência ecossistêmica e a inter-relação do todo com as partes e das partes com o todo, levando-nos a novas formas de pensar e construir o conhecimento, possibilitando a mudança do paradigma da educação centrado na transmissão de conhecimento e informação para um paradigma que recupere sua capacidade de humanização.

A vantagem é ter pessoas cada vez mais criativas, sem medo do novo, sem medo de mudança, agarrada a determinados conceitos e a preconceitos, que ficam estabelecidos durante muito tempo na sociedade; de buscar mais e de querer o diferente; de tornar o ser mais investigativo e pesquisador.

6.4.4 As percepções da criatividade no trabalho desenvolvido do Colégio Anchieta

Em um olhar para dentro do campo empírico, procuramos estabelecer e conhecer as perspectivas de mudanças e de transformações possíveis nesta unidade educativa.

Muitas foram as impressões dos entrevistados com possibilidades distintas de trabalhos a serem desenvolvidos para que as práticas criativas sejam mais constantes no Colégio Anchieta. Foi realizada a pergunta do que necessitaria de uma mudança, de transformação, no Colégio Anchieta.

É difícil responder. O que eu percebo são aulas com uma metodologia tradicional. Readaptação curricular claro que dentro das leis, mas algo no currículo que tivessem atividades diferenciadas para o aluno, atividades que mexessem mais com a parte de estimular o que o aluno gosta, o que sabe fazer. Fugir um pouco do tradicional formatado, todo mundo sentado direitinho. Temos que cumprir com as regras, mas este lado diferenciado, de ouvir um pouco o aluno, as habilidades, o que ele gosta. (C5)

Há clara necessidade de mudança e organização de um currículo diferenciado e desafiador frente às novas necessidades dos alunos. O ensino tradicional tem seu valor, mas o aluno do século XXI necessita de outros estímulos que o instiguem e motivem para que seja um pesquisador. As aulas não podem ser mais mera reprodutora de conhecimentos estanques e sem sentido. Há a

necessidade urgente de aproveitar o que já se tem e fazer mais, fazer diferente. Inovar para transformar uma realidade formatada, dando protagonismo e autonomia aos alunos na aprendizagem.

“Primeiro teria que mudar o currículo. Pegar as matérias e ver, dentro de cada disciplina, o que é essencial para que o aluno aprenda. Se você puder adequar o currículo, a criatividade vem. Você fugir da visão conteudista que você tem.” (C6)

As necessidades e urgências de resultados fazem com que a sociedade cobre e exija que a escola seja desta maneira. Muitas famílias desejam e motivam que a escola continue a reproduzir este pensamento de resultados, que seja conteudista. O currículo precisa ser revisitado e ressignificado para que, de fato, possa ter o foco na aprendizagem.

O ensino deve ser inter e multidisciplinar, integrando áreas do conhecimento, carismas, modos de ser e de pensar. Deve ser múltiplo e novo.

Nas instituições educativas da Companhia de Jesus, a aprendizagem se dá na perspectiva do desenvolvimento pleno do sujeito. Seguindo sua tradição de ecletismo, na abertura e no diálogo com as diferentes teorias da educação, a Rede Jesuíta de Educação estabelece, como diretrizes para aperfeiçoar seus processos educativos, que os colégios: (1) Avaliem a efetividade de suas propostas educativas; (2) promovam a atualização ou a transformação de seus currículos, para que expressem a identidade inaciana, sejam significativos e flexíveis e contemplem as diferentes dimensões da formação da pessoa; (3) revejam a organização e o planejamento dos diferentes componentes curriculares, para que contemplem a transversalidade e a interdisciplinaridade como inerentes à realidade e as utilizem nas propostas de aprendizagem; (4) redimensionem espaços e tempos escolares, para gerar mais espaço de mobilidade e criatividade no processo educativo; (5) atualizem os recursos didáticos e tecnológicos, para responder de maneira mais eficaz aos desafios dos tempos atuais; e (6) enriqueçam a matriz curricular, para que, além da base comum nacional, obrigatória, incorporem os componentes necessários para garantia do ideal de educação integral da Companhia de Jesus. (PEC, p. 42)

Ainda há um longo percurso pela frente, desafios que os Colégios Jesuítas no Brasil são convidados a experimentar e vivenciar. Há muitas mudanças necessárias nas formas e conteúdos, experiências e práticas pedagógicas. Há um despertar e um convite à inovação, a fazer diferente, com foco no sujeito pleno, integral. Desta forma, a visão integral de formação se faz e reflete na prática e no cotidiano escolar, experimentando a plenitude de formação e a visão global do sujeito em diversas

dimensões, dialogando conhecimentos e oportunizando um aproveitamento maior dos processos de ensino e de aprendizagem.

Percebe-se a necessidade urgente de mudança de currículos e de metodologias utilizadas. Mais de um professor levantou a questão do livro didático, de se desconstruir a sala de aula como espaço garantidor da aula, portanto da aprendizagem através de projetos e áreas de interesse.

“A primeira coisa eu acho que seria uma quebra muito grande de paradigma no sentido de estruturação de currículo. Não só por uma questão de aula invertida, de educação personalizada. Não é neste sentido só. É pegar isso tudo também. Mas procurar ver o que cada disciplina tem a ver de fato, como contribuir para o crescimento dos alunos e trabalhar a partir disso. Fazer aulas diferentes em todos os sentidos, de arrumação de alunos fora do espaço normal, fora dos materiais padrões, tipo livro didático. Não precisa de livro didático. Você pode fazer uma aula sem livro nenhum. E também não necessariamente você tem que usar um recurso tecnológico. Pode ser só uma conversa. Eu faria uma mudança neste sentido: montagem do currículo, divisão das disciplinas. (C2)

As amarras do currículo e a utilização de metodologias, como o livro didático, são limitadores do uso da criatividade do professor, uma vez que estão prontas e acabadas. O uso da criatividade e de fazer diferente e novo é muito pouco. Como os colégios adotam o livro didático e por serem de alto investimento, as famílias cobram a sua utilização por completo. Muitas vezes, os professores não podem fazer diferente, pois o tempo é curto e, caso inovem, não haverá tempo suficiente para o cumprimento de todo o programa e a utilização de todo o livro. Esta pressão familiar também é um inibidor do uso da criatividade pelo professor.

“Primeira coisa eu tiraria os livros, a maior parte dos livros do 1º segmento. Eles são grandes entraves para o desenvolvimento da criatividade, porque todo mundo tem que dar conta de um livro de não sei quantas páginas. Primeira coisa que eu faria. A gente tirar todos é complicado, mas maioria eu tiraria. Eu vejo que até os alunos que estão no primeiro ano, que não tem livro, as professoras conseguem ser mais criativas e trabalhar de acordo com as necessidades dos alunos. Às vezes, a gente está trabalhando um tema e os alunos mesmos já identificam uma relação com o conhecimento. Esta semana, alguns alunos falaram com as professoras que foram trabalhar a letra “H”. Eles falaram: “Ah já sei! Nós vamos à horta né?” As professoras nem tinham pensado nisso, quem deu a ideia foram eles. Então, de repente, íamos passando pelo caminho, e

eles viram um monte de formiga. Então vamos estudar sobre as formigas. Você tem trabalho em cima da curiosidade. É um tema que você precisa desenvolver, mas é um tema que você vai trabalhar em cima da curiosidade do aluno.” (C1)

Este entrevistado percebeu a limitação clara do livro didático, sobretudo quando as pressões por resultados é exercida com maior força. Quando os alunos são menores há maior liberdade de fazer diferente, uma vez que está livre de muitas amarras e pressões.

Uma outra percepção de mudança vem da impressão de um entrevistado que faz uma observação sobre um segmento do colegio. O colégio implementou, no mês de agosto, o turno integral. Eu procurei conhecer mais de perto como funciona este segmento.

“Hoje eu mudaria o tempo da escola. Eu colocaria o tempo integral. Aí, o professor vai ter calma para trabalhar, o aluno vai ter muita calma para fazer. O que eu percebo é o professor saindo de uma aula e entrando em outra com tanta rapidez, e que isso agita a turma. Ele se agita. Eu acho que, se ele pegasse de 9h às 16h30min, seria o tempo ideal. A criança não chegaria com sono nem sairia de noite. O nó da educação está na carga horária.” (C3)

Em conversa informal com a coordenadora pedagógica do Ensino Fundamental I, fui convidado a conhecer o espaço e o programa do turno integral. Encantei-me com a proposta! Uma nova dimensão de tempo e espaço, com o uso de recursos pedagógicos diversos, uma espaço contemplativo e convidativo à experiência do lúdico e de vivência de modos diferentes de aprendizagem. Percebi que há um caminho já iniciado de espaços criativos no colégio.



Fotografia 3 – Espaço Turno Integral



Fotografia 4 – Atividade desenvolvida no Turno Integral

Não há como se fazer educação integral se não for em tempo integral. Há a necessidade de tempos diferentes e ampliados para que o processo educativo não seja compartimentado e limitado.

A construção do currículo considera a concepção de mundo, de sociedade, de homem e de pessoa que se deseja formar, assim como contempla aspectos da formação integral que tenham fundamentação de natureza epistemológica, indagando sobre limites e possibilidades do conhecimento e as relações que se estabelecem entre conhecimento, sujeitos e meio;

pedagógica, buscando os melhores caminhos e percursos para que a aprendizagem integral aconteça; e psicológica, considerando os diferentes estágios de desenvolvimento do educando e sua capacidade de pôr-se em atividade, em consonância com os desafios inerentes a cada etapa. (PEC, p. 43).

A educação jesuíta tem que pensar em ser integral. O tempo integral passa a ser um elemento importante nesta formação de um indivíduo integral. Não há como, em meio período, dar conta de tantas potencialidades humanas. O ser é para o mundo, e o mundo exige dedicação e cuidado nesta preparação para ser mais para os demais.

6.5 Proposta de Intervenção: uma releitura para o Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ

A partir da análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, observei a necessidade de investimento na formação continuada dos professores, bem como no reconhecimento de tempos e espaços distintos ao desenvolvimento da criatividade nos alunos e professores para os seus fazeres com foco na aprendizagem.

O PEC tem oportunizado uma releitura dos fazeres e possibilidades para a transformação das escolas, cada vez mais, em centros de aprendizagem.

É importante que todos conheçam o projeto e ajudem a realizar o que nele é sonhado. Todos juntos transformaremos Escolas e Colégios da Rede em verdadeiros centros de aprendizagem, compromissados com uma educação de qualidade, formando e educando pessoas conscientes, competentes, compassivas e comprometidas. (PEC, p. 11)

Há a necessidade de entendimento do que seja um centro de aprendizagem e como é possível tornar o colégio, de fato, um centro focado nas muitas aprendizagens e dimensões. Percebemos a necessidade de compreender o jovem com quem estamos trabalhando e suas características. Quando se consegue entrar no mundo da compreensão do jovem, tem-se mais condições de auxiliá-lo a avançar na construção de conhecimento e no seu desenvolvimento humano, pois pode-se perceber como e quando intervir. Na realidade, o educador precisa estar atento ao educando, pois é o próprio aluno que, pelas suas manifestações, aponta o caminho a ser percorrido para a construção de sua aprendizagem. Quando se mergulha nas

histórias de vida buscando conhecer o contexto social vivido pelos alunos, tem-se a oportunidade de conhecer e reconhecer seus sonhos, um exercício de autoconhecimento que faz crescer, passando por um processo de desbloqueio interno.

Como afirma Vasconcellos:

O educador deve cultivar a alma, conhecer-se, se reconhecer: no trabalho arqueológico, poder perceber suas várias camadas de discursos, sentimentos, percepções; ter coragem de investigar, ver as representações (idéias, conceitos, mitos, informações, imagens, fantasmas) que o habitam. (Vasconcellos, 2001, p. 114).

Ao se adentrar na própria intimidade, fica-se frente a frente com as próprias verdades, reconhecendo as intenções além das ações, dando-se a chance de romper com velhos e cristalizados paradigmas. Quando o indivíduo se liberta de preconceitos, mitos e tabus que marcam a sua existência, um movimento que parte do próprio “eu” toca-o no seu mais profundo, no real e total, e, ao tocá-lo, ressignifica-o, transforma-o, para, em seguida, tocar e transformar o outro, em um processo de transformação que ocorre dinamicamente e passa por uma trilogia, em que se vai compreendendo a si mesmo, a como se relaciona com o outro e ao contexto em que se está inserido.

Para Freire (1979), “quando nos transformamos desconstruímos os velhos paradigmas e passamos a duvidar daquilo que até então nos parecia certo, colocando-nos em uma atitude de abertura frente ao conhecimento que é renovável e dinâmico, ;por isso mesmo, inacabado tal qual nós, seres humanos. Uma atitude que desenvolve em nós a capacidade de questionar e percorrer o caminho da autonomia”.

Este trabalho de pesquisa leva-me a perceber a necessidade de formação contínua do professor, que deve ser um processo permanente de aperfeiçoamento e renovação dos saberes necessários à atividade profissional. Formação, sensibilização, análise dos exemplos de ideias inovadoras são os passos.

Ao refletir sobre o processo de formação, tem-se a oportunidade de rever os valores e crenças que se carrega e percebe-se o reflexo que estes têm na ação concreta e educativa.

Para Candau (2009, p.67)

Os professores não podem mais ser apenas transmissores de conteúdos, mas, mobilizadores de cunho pessoal e grupal, cultural e sócio-político. A aplicação da educação voltada para os Direitos Humanos faz uso de práticas pedagógicas integradas, trabalha com projetos transdisciplinares, voltados para a conscientização da realidade, que deve ser, aos poucos, aprofundada e ampliada. O ensino e o ambiente escolar devem proporcionar prazer, emoção, promoção da autoestima, provocando a dimensão afetiva que é tão necessária na educação para os Direitos Humanos. Implica no cumprimento de um compromisso concreto, que deve ser assumido a partir da ação, envolvimento, participação em ações de grupos, campanhas, entre outros.

O entendimento acerca do sentido da aprendizagem passa pela essência do ser humano. A este ser humano é preciso que se possibilitem as condições não mínimas, mas suficientes de existência digna para que ele desenvolva os atributos de humanização, ou seja, que ele possa alcançar o que Freire (1979) chama de “*Ser Mais*”.

E o caminho que se vislumbra para uma efetiva transformação da sociedade é o caminho da humanização, é o resgatar da sensibilidade humana, capaz de sobrepujar-se à insensibilidade social. É preciso que educação e educadores resgatem a capacidade de afetar em seu sentido etimológico, de “afetar” o outro.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1979), há quase quatro décadas, lecionava que é preciso arrancar a opressão de dentro do oprimido, compreendendo que oprimido é toda pessoa cuja liberdade esteja sendo coagida, impedindo sua realização enquanto sujeito, arrancando-a ao mesmo tempo de dentro do opressor, ou seja, é tão necessário humanizar o oprimido quanto o opressor, pois ambos possuem a mesma essência de humanidade.

Os homens, violentando e proibindo que os outros sejam, não podem igualmente ser; os oprimidos, lutando por ser, ao retirar-lhes o poder de oprimir e de esmagar, lhes restauram a humanidade que haviam perdido no uso da opressão. Por isto é que, somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam (FREIRE, 1979, p. 46).

Desta forma, minha proposta para o Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ é apresentar as percepções e entendimentos das práticas educativas já desenvolvidas e ampliar esta análise com outras práticas, rodas de conversa, partilhas e percepções do que já é feito.

Os desafios e oportunidades que decorrem do PEC demandarão disposição e liberdade interior de todos, para que assumam o itinerário da

renovação. Cada unidade educativa da Rede se compromete na busca pelos melhores meios para dar vida ao PEC, encantando alunos e educadores, na certeza de que isso beneficiará as famílias e constituirá um instrumento apostólico capaz de transformar a sociedade. Evidentemente, os desafios que emanam do PEC serão assumidos numa perspectiva de Rede. Ao mesmo tempo, exigirão um compromisso local, através da formação continuada, transformação de estruturas, inovação e criatividade pedagógica, revisão das bases curriculares, planejamento estratégico, plano de cargos e salários ou de carreira, entre outras adequações constantes. (PEC, p. 17)

Repensar tempos, espaços e práticas educativas a partir da concepção de uma educação em três dimensões - cognitiva, socioemocional e espiritual comunitária - centrada na formação da pessoa toda e para toda a vida, exigências já assumidas dentro do Projeto de Melhoria 2018-Colégio Anchieta, torna necessário ressignificar a sala de aula em diversas dimensões, como espaço garantidor da “aula”, portanto da aprendizagem. Por fim, estabelecer a aprendizagem por projetos e áreas de interesse.

Há a necessidade de mudança dos espaços e os tempos. Há uma quantidade enorme de aulas de determinada disciplina, compartimentada e estanque, e o trabalho se desenvolve de uma mesma maneira há anos. Os tempos de aula podem ser garantidos e mais eficazes, se forem menores para determinadas atividades e maiores para outras. Nada preso por área de conhecimento ou disciplina, mas por interesse e desenvolvimento de diferentes dimensões.

Desde que garantida a intencionalidade, espaços e tempos diferenciados podem ser ativadores criativos. Acredito que todos os ambientes de uma escola sejam espaços de aprendizagem, e alguns nunca foram explorados. Há, também, a questão do tempo. Muitas vezes o cronômetro marcador do início e fim das aulas e dos tempos letivos inibem e coíbem todo o processo.

Será proposta à direção do Colégio Anchieta a criação de um Grupo de Trabalho para dinamizar esta formação, com a propositura de temas, partilha de práticas, pesquisas e experiências, tendo, como foco, a formação de um centro de aprendizagem e a formação integral. Serão realizados encontros de formação com o nome de “Compondo Ideias”, como músicas e melodias que vão sendo realizadas e encantando as práticas e realizações dentro da escola. A adequação no planejamento curricular; o reconhecimento e a aceitação das diferenças, contemplando as habilidades e competências do estudante, concebendo o novo

sujeito que emerge dessa adequação como sendo aquele que possui necessidades específicas e especiais, em função de sua identidade, de sua maneira própria de atuar e experimentar o mundo, farão parte da proposta. Assim, o produto a ser desenvolvido no Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ terá o objetivo de oferecer aos professores e coordenadores espaços de formação que permitam avançar nas discussões sobre a criatividade, aprendizagem, intensificando as práticas e espaços criativos.

Freire (1979) afirma que “a razão de ser da educação libertadora está no seu impulso inicial conciliador. Daí que tal forma de educação implique na superação da contradição educador-educandos, de tal maneira que se façam ambos, simultaneamente, educadores e educandos”, e as práticas desenvolvidas sejam um processo contínuo de aprendizagem e reapredizagens para novas possibilidades criativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desse estudo, procurei discutir a educação de modo a construir a aprendizagem que valorize a formação integral do indivíduo e torne o processo mais significativo e atraente. As primeiras manifestações que obtive no contato com os professores/coordenadores é de que muito se faz de modo criativo e inovador. Contudo, este fazer torna-se mecânico e instintivo, não intencional.

O ser humano é em si mesmo um universo de sentimentos ambíguos e contraditórios. No tempo de convivência com as crianças e adolescentes na prática docente, observei que todos têm o desejo latente de transformar-se. Na verdade, por maior que seja a resistência, todo ser humano busca a felicidade e deseja encontrá-la, transformando tudo o que está a sua volta.

Ao escolher meu campo de pesquisa, procurei identificar próximo a mim como são as práticas e as possibilidades de aprendizagens. O despertar deste trabalho se deu, quando em uma de minhas aulas, procurei dialogar com os alunos sobre a transformação de um centro de ensino, focado no professor e no conteúdo, em um centro de aprendizagem. Um aluno me indagou: Maylon, mas qual a diferença? Daí, percebi o quanto nossas práticas ainda são muito diferentes e distantes de um ideal de aprendizagem. O PEC nos inspira e motiva a vivenciar e experimentar mudanças e novos paradigmas de educação. Ousar, fazer a diferença no processo de aprendizagem dos meninos e as transformações do mundo.

Os discursos e as práticas que me propus a aprender e apreender revelaram as várias leituras de mundo e de educação, bem como como esta relação com a aprendizagem diferente.

Muito me intriga a limitação da criatividade dentro dos espaços educativos. Muitas escolas não são espaços abertos ao diálogo, ao incentivo à criatividade e à valorização desta. Os professores estão muito apegados ao pensamento racional cartesiano, sem deixar livre a criação e inovação de processos, metodologias, formas e meios de se fazer educação.

No decorrer da pesquisa, pude me ver parte integrante de uma instituição que me possibilita fazer o diferente, ousar. E não só a mim, mas toda uma comunidade que é desafiada e inspirada a fazer mais, a ser mais. O Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ, uma instituição mais que centenária, torna-se jovem a cada dia, quando chegam os alunos em busca da construção de suas aprendizagens diversas. Este

colégio onde já estive no banco como aluno, agora me desafia a fazer mais, para um mundo mais justo, solidário e fraterno.

Quando retornei à minha cidade, após a Banca de Qualificação, tive a notícia mais feliz de minha vida: de que seria pai. Fiquei pensando imediatamente que mundo e que educação eu queria para a minha filha. Maria veio para transformar a minha visão de mundo. Tudo muda depois da chegada dos filhos. Meu trabalho de pesquisa se intensificou ainda mais no foco da criatividade e em pensar que mundo e que escola eu gostaria para minha filha.

A criatividade exige um comprometimento existencial do educador que, não sendo ingênuo, percebe a grande diferença entre a prática pedagógica autoritária, isolada, que considera o educando como um paciente a receber palavras distanciadas de seu significado, e a prática pedagógica crítica como ato político e criador de leitura de mundo, despertando em seu aluno a consciência e a reflexão para liberar sua ação criadora e, assim, transformar a realidade em que vive.

Somente um homem transformado e em constante crescimento pode contribuir para a transformação de outros homens, sendo preciso que, primeiro, desenvolvamos em nós os atributos que sonhamos, que almejamos para o outro. É preciso que, antes, tenhamos coerência, amor, humildade, afetividade, ética, estética e que, antes de desejarmos ver essas qualidades em nossos alunos, tenhamos todos em nós próprios, porque passamos ao outro aquilo que somos e o que acreditamos, não apenas o discurso que proferimos.

O ensino tradicional, focado no conteúdo e no uso de livros didáticos, me chamou muito a atenção. Ainda tenho muitos colegas que se apegam a estes recursos. Em contrapartida, tenho a alegria igualmente de perceber que tem muita gente boa fazendo a diferença no mundo, na forma de ensinar e de construir coletivamente a educação. É muito bom perceber que há tanta gente comprometida com a educação. As escolas da Rede Jesuíta de Educação buscam, através do seu Projeto Pedagógico, formar jovens competentes, conscientes, compassivos e comprometidos.

Só conseguiremos despertar em nossos alunos que sejam conscientes, competentes, compassivos e comprometidos se este também for o nosso modo de vida. Só transbordamos nos outros aquilo de que estamos cheios e plenos para podermos ser mais para o mundo. Da mesma forma, somos preenchidos e plenos na interação

com os outros. Devemos ser o fogo que acende outros fogos na construção de um mundo melhor.

De modo geral, a principal função de uma escola é preparar as crianças e os jovens para conviverem na sociedade com suas relações sociais, políticas econômicas, culturais etc, participando e influenciando, para que, cada vez mais, seja uma sociedade que favoreça a justiça, a paz e a felicidade.

Diante da atual crise em que vive o nosso Brasil, não podemos nos omitir no nosso compromisso de formar para transformar. Para isso, o Colégio Anchieta, desperta para uma visão de inserção no mundo para, com uso da criatividade, transformá-lo e, para transformarmos, desconstruímos os velhos paradigmas e passamos a duvidar daquilo que até então nos parecia certo, colocando-nos em uma atitude de abertura frente ao conhecimento, que é renovável e dinâmico, por isso mesmo inacabado tal qual nós, seres humanos. Esta é uma atitude que desenvolve em nós a capacidade de questionar e percorrer o caminho da autonomia. A criação, a liberdade do conhecer colocam o professor em uma atitude de defesa, pois vai desafiá-lo, colocando em risco sua área de segurança e conforto.

Criatividade, como toda realização humana que gera algo novo, entende a imaginação como base da atividade criadora. Criação consiste em tudo que se faz novo, não se reduzindo a grandes obras. A criação constitui-se, enquanto processo histórico, partindo de níveis já atingidos e almejando possibilidades.

A pessoa criativa é dotada de inteligência, consciência, fluência, flexibilidade, originalidade, elaboração, ceticismo, persistência, humor, inconformismo e autoconfiança. Possui autoatualização, liberdade, compreensão prática, autenticidade, autodiretividade, iniciativa e liberdade. As pessoas mais criativas assumem riscos calculados, atrevendo-se a fazer o que a maioria das pessoas não faz. Criar exige que nós nos desafieemos a expor o que pensamos, agindo de forma diferente da maioria, que se contenta em fazer o que já está convencionalizado.

A pessoa criativa vê o mundo, suas situações e seus objetos de uma maneira que vai além dos chavões e esquemas aceitos pela cultura, guardando e reorganizando suas impressões, conceitos, fatos e ideias. Quando inventa, forja novas relações, forma novas teorias e compõe novas canções ou as recria, investindo parte de sua unicidade no mundo. As pessoas criativas sentem a desordem, a multiplicidade e a complexidade como desafios, tirando vantagens em razão de sua capacidade de atingir o ponto mais difícil e o mais enriquecedor de

suas experiências. Produzem ideias abundantes e raras, resolvem problemas de maneira nada comum, além de usar coisas e situações de modo inusitado. Ser criativo requer entendimento do contexto, da realidade, pois também criamos a partir do que existe.

Desta forma, o presente estudo possibilitou uma visão de que somos responsáveis neste processo de mudança e a proposta de implementação de uma possível melhora no processo educativo, através da criatividade em todos os sujeitos no Colégio Anchieta- Nova Friburgo/RJ. A educação integral se faz na perspectiva de um olhar integral para todos os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem. Percebi uma caminhada longa para alcançar o desenvolvimento pleno e integral dos alunos, mas consegui ver os passos já deixados no chão, firmes e consolidados, para fazer a diferença e colaborar na construção de uma sociedade cada vez mais justa e fraterna, sendo cada vez mais para os demais. A busca do *Magis* nos inspira e nos inspirará sempre a sermos luz no mundo e sal na terra.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *Educação e emancipação*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- ALENCAR, E. M. L. S., & FLEITH, D. S. (2003b). Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19, 1-8.
- ALENCAR, E. M. L. S., & MARTÍNEZ, A. M. (1998). Barreiras à expressão da criatividade entre profissionais brasileiros, cubanos e portugueses. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2 (1), 23-32.
- ALVARADO, L. D. Las organizaciones creativas como seres vivos. In: Torre, S.; Villant, V. (Org.). *Comprender y evaluar la creatividad*. Málaga: Ediciones Aljibe, 2009.
- ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. 6 ed. Campinas/São Paulo: Papirus, 2003.
- ANDRADE, Maria Margarida de. Introdução à Metodologia do Trabalho Científico. 10 ed. São Paulo: SP, Atlas, 2010.
- BALANCHO, Maria José; Santos, Ana Maria Ribeiro. *A Criatividade no Ensino do Português*. Lisboa: Texto Editora, 1992.
- BELL, Judith. **Projeto de Pesquisa**. Guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais. 4 ed. Porto Alegre: RS, Artmed, 2008.
- BENCINI, Roberta. Educar para o coletivo. *Nova escola online*, São Paulo, maio 2003, Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/edicoes/0162/aberto/mt_245740.shtml>. Acesso em: 22 maio 2017.
- BIBIANO, Bianca. Para professores e escolas, é mudar ou morrer. *Revista Veja*, 30 mar. 2014. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/educacao/para-professores-e-escolas-e-mudar-ou-morrer-diz-estudioso/>>. Acesso em: 16 out. 2014.
- BRAMELD, Theodore. *O Poder da Educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Rio de Janeiro: FAE, 2007.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. São Paulo: Saraiva, 2001.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Diário Oficial da União da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/LEIS/L9394.htm>>. Acesso em: 25 maio 2017.
- CARVALHO, Giselle Maria Magnossão Vilar de. *Gestão em cadeias criativas: a escrita do Projeto Político-Pedagógico e a produção da cultura de colaboração*. 2015. 358 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

CASTELLS, M. (2003). *A era da informação: economia, sociedade e cultura* (Vol. 3). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

COLÉGIO SÃO LUIS. Saiba o que disse o Secretário Mundial da Companhia de Jesus em visita ao São Luís. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://www.saoluis.org/saiba-o-que-disse-o-secretario-mundial-da-companhia-de-jesus-em-visita-ao-sao-luis/>>. Acesso em 27 set. 2017.

COMISSÃO INTERNACIONAL PARA O APOSTOLADO DA EDUCAÇÃO. Características da educação da Companhia de Jesus. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

COTRIM, Gilberto; FERNANDES. Fundamentos da Filosofia: História e Grandes Temas. Saraiva, 2006.

FILHO, Spencer, Custódio. **Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola**. Um manual de estudos. São Paulo: Edições Loyola, 3ª edição, 2014.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREITAS, Luís C.: Teoria pedagógica: limites e possibilidades. *Série Idéias*. São Paulo, F.D.E., pp.37-46, 1995.

FUENTES, Jose Luis. "Pedagogia Inaciana - uma visão sintética". Rio de Janeiro: Centro Pedagógico Pedro Arrupe, 1999. Texto digital.

GODINHO, M. L. M. (2008). *Práticas docentes de professores de língua inglesa: facilitadores e barreiras ao desenvolvimento da criatividade*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Católica de Brasília.

GUERREIRO, Alice. *Fábrica da Criatividade*. Disponível em <<http://fabricadecriatividade.com.br>>. Acesso em: 25 maio 2017

KLEIN, Luiz Fernando. *Pedagogia Inaciana: Inovações em marcha*. Rede Jesuíta de Educação. 2016.

KNELLER, George F. *Arte e ciência da criatividade*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1968.

LEONEL, Zélia. Tendência Atual da História da Educação. In: SCHELBAUER, Analete Regina. LOMBARDI, Claudinei. MACHADO, Maria Cristina G. (Orgs). *Educação em Debate: perspectivas, abordagens e historiografia*. Campina – SP: Autores Associados, 2006

LOWENFELD, V. e BRITAIN, W.L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 33 ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2013.

OLIVEIRA, Z. M. F., & ALENCAR, E. M. L. S. (2007). Criatividade na formação e atuação do professor do curso de letras. *Psicologia Escolar e Educacional*, 2, 223-237.

OSTROWER, F. *Criatividade e Processos de Criação*. Petrópolis: Vozes, 1999.

PELLIZZONI, Roger Costa. A participação do design no processo de inovação de uma empresa longeva: o estudo de caso da marca 'Butzke - móveis para o lazer'. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

REDE JESUÍTA DE EDUCAÇÃO. Projeto Educativo Comum. Edições Loyola, 2016.

REY, González. *Subjetividade, complexidade e pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANS, Paulo de Tarso Cheida. *A criança e o artista*. São Paulo: Papyrus, 1995.

SANTOS, Márcio Cardoso. A influência da cultura organizacional na gestão da criatividade: um estudo exploratório na Escola de Samba Vai-Vai. 2012. 100 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Elaine da. A gestão da informação e do conhecimento como subsídios para a geração de inovação. 2013. 232 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013.

SILVA, Mariza Aparecida Santos da. Atividades do diretor escolar: a experiência de profissionais de um sistema escolar em cadeia criativa. 2016. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação: Formação de Formadores) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Formação de Formadores, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUTO-MAIOR, Telmo José. Grupos criativos em organizações: a seleção brasileira de futebol masculino nas Copas do Mundo de 1966 e 1970. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

SUNDERMANN, Mario. A revitalização da educação jesuíta no Brasil. Delegado para a Educação da Rede Jesuíta de Educação. 2016.

TARDIF, Maurice. *Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários – Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério*. Revista Brasileira de Educação, n.13, 2000.

_____. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In: TARDIF, MAURICE. *Saberes docentes e formação profissional*, Petrópolis, RJ: Vozes. P. 31-55, 2002.

UANO, L. M. (2002). La creatividad? Un talento exclusivo de los artistas o una capacidad de todo ser humano? *Linhas Críticas*, 8 (15), 265-288.

Wechsler, S. M. (2002a). *Criatividade: descobrindo e encorajando*. Campinas: Livro Pleno.

APÊNDICE 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCOLARECIDO

Você está sendo convidado(a), como voluntário(a), a participar da pesquisa “A CRIATIVIDADE NOS COLÉGIOS JESUÍTAS DO BRASIL: UMA ANÁLISE DE PROCESSOS DESAFIADORES PARA O COLÉGIO ANCHIETA – NOVA FRIBURGO/RJ”, sob a responsabilidade do pesquisador Maylon Adame da Motta, mestrando do programa de pós-graduação em gestão educacional, turma especial Rede Jesuíta de Educação - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e orientado pela Professora Dra. Daianny Madalena Costa.

Esta pesquisa pretende realizar um estudo sobre a orientação, gestão e práticas pedagógicas diante da perspectiva de formação do colégio como centro de aprendizagem, tendo a criatividade como elemento impulsionador do processo. A metodologia adotada para este estudo envolve a observação participante, entrevista semiestruturada, evidenciando uma apuração de resultados de ordem qualitativa. Identificamos riscos mínimos decorrentes de sua participação na pesquisa. Contudo, a participação poderá ter como riscos a invasão de privacidade, o questionamento sobre questões sensíveis e a interferência na vida e na rotina dos sujeitos da pesquisa, além de divulgação de dados confidenciais. Como forma de minimizar os efeitos dos riscos nos comprometemos a garantir o acesso aos resultados individuais e coletivos, minimizar os desconfortos, garantindo local reservado e liberdade para não responder a questões constrangedoras; estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto; assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades; garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes. Participando desta pesquisa vocês estará contribuindo para formular propostas de mudanças na formação de um centro de aprendizagem.

Depois de concordar, você poderá desistir de participar, retirando seu consentimento a qualquer momento, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo para você. Os dados obtidos serão utilizados apenas para fins de investigação. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade como participante será preservada, pois não serão divulgados nomes ou informações que possam identificar os/as envolvidos/as na pesquisa, sendo garantido total sigilo.

O TCLE é assinado em duas vias, ficando uma em posse da participante e a outra com o pesquisador.

Para qualquer outra informação ou esclarecimentos, você poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone (22) 997012654 ou pelo e-mail maylonadame@hotmail.com.

Assinatura

Pesquisador responsável

APÊNDICE 2 – CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, Luiz Antônio de Araújo Monnerat, Reitor do Colégio Anchieta, declaro estar ciente de que Maylon Adame da Motta efetuará pesquisa intitulada “A CRIATIVIDADE NOS COLÉGIOS JESUÍTAS DO BRASIL: UMA ANÁLISE DE PROCESSOS DESAFIADORES PARA O COLÉGIO ANCHIETA – NOVA FRIBURGO/RJ”, no período entre 01 de março e 31 de outubro de 2018, com os seguintes objetivos: a) Identificar e analisar a orientação e gestão pedagógicas, diante da perspectiva de mudança oportunizadas e pensadas para a Educação Jesuíta no Brasil, tendo a criatividade como elemento impulsionador; b) Conhecer melhor o grupo de colaboradores que atuam no Colégio Anchieta, Nova Friburgo – RJ; c) Identificar as formas de atuação e as necessidades dos colaboradores para que possam aperfeiçoar sua prática educativa; d) Construir e implementar estratégias de formação e prática da criatividade diante do desafio de formação de um centro focado na aprendizagem; e) Estabelecer pressupostos teórico-metodológicos que sustentem práticas de orientação, gestão e fazer pedagógicos criativos e focados na aprendizagem.

A metodologia prevista consiste em pesquisa bibliográfica, análise documental, observação participante e entrevista semiestruturada, tendo a intenção de captar ideias do contexto investigado. Como sujeitos de investigação os professores, coordenadores e diretores do Colégio Anchieta – Nova Friburgo – RJ.

A contribuição dos participantes será voluntária e poderá ser interrompida a qualquer momento, sem nenhum prejuízo. O pesquisador assegura ainda, que será garantido o total sigilo e confidencialidade das informações prestadas.

Os procedimentos utilizados obedecerão aos critérios da ética na pesquisa com seres humanos conforme resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e nenhum procedimento realizado oferece risco à dignidade dos participantes.

Estando esta instituição em condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.

Nova Friburgo, 01 de março de 2018.

Luiz Antônio de Araújo Monnerat
Reitor do Colégio Anchieta – Nova Friburgo/RJ